

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

Eliza Feres de Moura Botelho

**História social da institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil: uma
análise da história de vida da terceira geração de seus empreendedores institucionais**

Juiz de Fora

2022

Eliza Feres de Moura Botelho

História social da institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil: uma análise da história de vida da terceira geração de seus empreendedores institucionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Administração. Área de concentração: Indivíduos, organizações e sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Duarte Pimentel

Juiz de Fora

2022

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como as ações sociais, por meio das condutas individuais de atores-chave tidos como empreendedores institucionais, afetam o processo de (re)institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil turístico, dentre aqueles que compõem a terceira geração de acadêmicos deste campo. A pesquisa se justifica em razão do regaste histórico social do processo de institucionalização do campo e pela complementação de uma agenda de pesquisa que abarca gerações de primeira e segunda ordem. A premissa adotada é de que a institucionalização do campo acadêmico do Turismo pode ser estudada a partir da ação dos agentes relacionada a sua capacidade de configurá-lo, partindo da noção de que são construções sociais. Os procedimentos metodológicos correspondem a pesquisa qualitativa. São utilizados métodos biográficos como a história de vida curta para coleta de dados, por meio de entrevistas em profundidade. Para o tratamento dos dados recorreu-se a análise de conteúdo categorial. Foram entrevistados 13 membros pertencentes a Academia Internacional para o Desenvolvimento da Pesquisa em Turismo no Brasil. Os resultados demonstram que estão presentes as habilidades dos empreendedores institucionais no entrelaçamento entre suas histórias de vida e do campo.

Palavras-chave: Teoria institucional. Empreendedor institucional. Turismo. História de vida. Brasil.

ABSTRACT

This research aims to analyze how social actions, through the individual conduct of key actors considered as institutional entrepreneurs, affect the process of (re)institutionalization of the academic field of Tourism in Brazil, among those who make up the third generation of academics in this field. The research is justified because of the social historical record of the institutionalization process of the field and the complementation of a research agenda that encompasses first and second order generations. The premise adopted is that the institutionalization of the academic field of Tourism can be studied from the action of agents related to their ability to shape it, based on the notion that they are social constructions. The methodological procedures correspond to qualitative research. Life history methods are used for data collection, by means of in-depth interviews. Categorical content analysis was used to process the data. Thirteen members belonging to the International Academy for the Development of Tourism Research in Brazil were interviewed. The results show that the skills of institutional entrepreneurs are present in the interweaving between their life stories and those of the field.

Keywords: Institutional theory. Institutional Entrepreneur. Tourism. Life History. Brazil.

ELIZA FERES DE MOURA BOTELHO

História social da institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil: uma análise da história de vida da terceira geração de seus empreendedores institucionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Administração. Área de concentração: Gestão e Organizações.

Aprovada em 23 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Duarte Pimentel - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Mariana Pereira Chaves Pimentel
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Martin Fabreau
Universidad de la República - Udelar (Uruguay)

Juiz de Fora, 19/12/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Thiago Duarte Pimentel, Professor(a)**, em 23/12/2022, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Martín Fabreau Martinez, Usuário Externo**, em 26/12/2022, às 13:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Pereira Chaves Pimentel, Professor(a)**, em 28/12/2022, às 19:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1084568** e o código CRC **70167673**.

Dedico esta dissertação ao meu pai e minha mãe, sobreviventes da COVID-19. Vivos estão para celebrar esta conquista comigo!

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Juiz de Fora, minha *alma mater*, no seio da qual me alarguei na consciência e no exercício cidadão, profissional e intelectual. Pela concessão da bolsa de pesquisa que viabilizou a permanência na pós-graduação e propiciou a execução desta pesquisa. Uma instituição inolvidável na minha trajetória pessoal e acadêmica, por meio da qual várias políticas públicas educacionais se materializaram para mim.

Aos membros da banca examinadora, por se dedicarem à leitura e a avaliação desta dissertação com gentileza e generosidade, sensíveis ao contexto desafiador no qual ela foi produzida neste país e ao meu momento de formação. Ao professor Thiago, presidente da banca, por iniciar-me na atividade de pesquisa ainda na graduação e pelo trabalho dedicado e cuidadoso, junto a Fabíola, Mariana e Martín.

Aos meus amigos, que ouviram meus infinitos e repetitivos dilemas para cursos de ação, leram diversas tentativas de manuscritos e trouxeram-me leveza para aceitar o equilibrar e desequilibrar, que são próprios do processo de aprendizagem (e da vida). Agradeço a lealdade do João, Lucas, Eve, Val, Cleiton, Débora, Leticia e Edson, e a parceria de todos meus colegas do mestrado, em especial a Marina, Igor, Kátia, Sabrina, Débora, Luiza, Manu, Alê, Paula, Victor, Vinícius, e João Paulo. Ao Júnio, pela delicadeza, fundamentação e profissionalismo no suporte a formas adequadas de condução da minha prática de escrita e do desenvolvimento de outras competências acadêmicas. Levarei para a vida tudo que aprendi e multiplicarei o quão valioso é o que ensina.

Aos meus familiares, por me apoiarem mesmo sem entenderem muito bem meus projetos e planos, algo novo em nossas trajetórias. Por, ainda assim, me ampararem sempre que precisei “a tempo e a hora”. Certamente, nos transformamos juntos nesta jornada. As minhas sobrinhas, “geração da pandemia”, as quais não pude acompanhar o crescimento como me encantaria, mas deixaram meus dias cheios de alegria virtualmente.

Ao meu melhor amigo e companheiro, Matheus, por estar comigo em tudo isso, do início ao fim, pacote completo, especialmente no período de confinamento, dividindo mutuamente os jugos existências, e deixando nosso recém-formado lar seguro o suficiente para que eu buscasse continuamente me concentrar na atividade de escrita. Obrigada, também, pelo seu trabalho acolhedor e tempestivo na Associação de Pós-graduandos da UFJF.

A Deus, por me pacificar diante de tudo quanto foi oportunidade de crescimento e consciência do propósito do que ainda é preciso transformar!

“Si no existe una vinculación espiritual entre el que enseña y el que aprende, toda enseñanza es hostil y de consiguiente infecunda. Toda la educación es una larga obra de amor a los que aprenden” (MANIFIESTO DE LA FEDERACIÓN UNIVERSITARIA DE CÓRDOBA DE 1918, ROCA, 1985).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
1.2 CONTEXTO DA PESQUISA E JUSTIFICATIVA	13
1.3 DESENHO DA PESQUISA	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 TEORIAS INSTITUCIONAIS	15
2.1.1 Institucionalismo: velho e novo	15
2.1.2 Vertentes do novo institucionalismo e a ênfase no institucionalismo sociológico	22
2.1.3 Empreendedor institucional	32
2.2 TEORIAS INSTITUCIONAIS E TURISMO	40
2.2.1 Emergência e institucionalização da Educação em Turismo	40
<i>2.2.2.1 Primeiros cursos de graduação (1970-1990)</i>	<i>41</i>
<i>2.2.2.2 Primeiros cursos de pós-graduação e espaços institucionais de pesquisa, publicação e promoção científica (1990-2020)</i>	<i>44</i>
2.2.2 Estudos recentes sobre Teoria Institucional e Turismo	46
2.3 SÍNTESE TEÓRICA	53
3 METODOLOGIA	55
3.1 ORIENTAÇÃO DA PESQUISA	56
3.2 TIPOLOGIA DA PESQUISA	57
3.3 MÉTODO DA PESQUISA	58
3.4 OBJETO DE ESTUDO, UNIDADES DE ANÁLISE E CORPUS	59
3.5 FONTES E FORMAS DE COLETA DE DADOS	60
3.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS	61
3.7 CATEGORIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	62
3.8 RESTRIÇÕES DA PESQUISA	63
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	64
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS	64
4.2 CONTEXTO FAMILIAR E FORMAÇÃO NO ENSINO BÁSICO COMO	

FUNDAMENTOS PARA ESCOLHAS FUTURAS	68
4.3 DECISÃO PELA GRADUAÇÃO OU ESTUDOS NO TURISMO: CONTEXTO E MOTIVAÇÕES DOS ATUAIS EMPREENDEDORES INSTITUCIONAIS DO CAMPO ACADÊMICO DO TURISMO	74
4.4 FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E PROFISSIONAL DOS ATUAIS EMPREENDEDORES INSTITUCIONAIS DO CAMPO ACADÊMICO DO TURISMO	78
4.4.1 Trajetória universitária: atividades profissionais e perfil de atuação	79
4.4.2 Envolvimento acadêmico com o turismo: fatores relevantes	89
4.4.3 Motivações e inserção na área acadêmica do Turismo	97
4.5 ATUAÇÃO PROFISSIONAL E CARREIRA ACADÊMICA DOS ATUAIS EMPREENDEDORES INSTITUCIONAIS DO CAMPO ACADÊMICO DO TURISMO	100
4.5.1 Reflexividade sobre o passado e projeções futuras para o campo acadêmico do Turismo	100
4.5.2 Habilidades sociais, políticas e culturais para o desenvolvimento da carreira e do campo	124
4.5.3 Performatividade: rotinas e inovação na produção acadêmica	129
4.6 SÍNTESE TEÓRICO-ANALÍTICA	143
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	146

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda o tema da Educação em Turismo a partir de uma perspectiva teórica neoinstitucional, analisando biografias profissionais de professores-pesquisadores da área e sua relação com a consolidação (e inovação/recriação) do campo acadêmico do Turismo no Brasil. A relevância geral da temática se dá à medida em que o turismo se destaca nas Ciências Sociais como um fenômeno de proeminência social e econômica - ainda que relativa. Soma-se a isso, a necessidade de formação profissional na área, dimensão que compõe parte da “infraestrutura” que decorre de sua construção (PIMENTEL; PIMENTEL; CARVALHO, 2021), da qual destacam-se, especialmente, as dimensões da educação formal e da produção acadêmica (PIMENTEL; PIMENTEL; CARVALHO, 2020) na qualidade de campo científico¹.

O conceito de campo científico aqui empregado remete ao espaço em que “[...] estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem [...] a ciência” (BOURDIEU, 2004, p. 20). Também pode ser compreendido como um “conjunto de organizações que compartilham sistemas de significados comuns e que interagem mais frequentemente entre si do que com atores de fora do campo, constituindo assim uma área reconhecida da vida institucional” (DIMAGGIO; POWELL, 2005, p.76).

Dentre os estudos mais tradicionais sobre o tema da Educação em Turismo na literatura nacional, tem-se o trabalho de Ansarah e Rejowski (1996) que caracterizou de maneira descritiva o ensino superior em Turismo, Hotelaria e Lazer no país entre 1994 e 1996 em termos quantitativos, sinalizando um crescimento de cursos de graduação e o início da oferta de pós-graduação *stricto sensu*, além do crescimento de cursos de especialização na área; Trigo (1998; 2000) apresentou reflexões acerca do setor de serviços no contexto regional e global, a partir da perspectiva da pós-modernidade, tendo como foco a formação profissional e apresentando propositivamente caminhos para o ensino na área que considerassem suas especificidades; Ansarah (2002), retomando a análise acerca das instituições de ensino do país com formação em Turismo e Hotelaria, identifica quatro fases, quais sejam: o surgimento dos cursos (1970-1980), sua estagnação (1980-1990), sua expansão (1990-2000) e sua consolidação (2000-2010).

¹ Embora as teorias bourdieusianas pudessem, semelhantemente, prosperar a apreensão do objetivo geral desta pesquisa, optou-se por outra abordagem teórica (teoria institucional), em função da linha de pesquisa e o curso estarem vinculados a área da Administração, buscando enfatizar uma discussão mais organizacional/institucional remontada pela trajetória profissional dos entrevistados. Ainda assim, os conceitos mencionados remetem a uma proposta de análise sob uma noção geral construtivista (e/ou estrutural construtivista), no entanto, não serão utilizados demais conceitos possíveis como de “*habitus* científico” e “capital científico” da teoria sociológica de Bourdieu, mas conceitos da própria corrente teórica mobilizada.

Dentre os estudos mais recentes relacionados à temática, citam-se as pesquisas de Sogayar e Rejowski (2011), que apresentam o panorama do ensino superior em Turismo no país e em outras regiões, abordando desafios macro contextuais e inserindo a discussão dos paradigmas educacionais a partir de uma pesquisa do tipo bibliográfica; Medaglia; Silveira; Gândara (2012) identificam problemas na formação e consolidação do mercado profissional do turismólogo. Também neste sentido, Pimentel e Paula (2014), reconhecem avanços estabelecidos em termos educacionais, mas defendem a necessidade de aprimoramentos em diversas direções sob uma proposta de autodiagnose (PIMENTEL; PAULA, 2014). Netto e Trigo (2016) retomam o panorama geral da história do ensino em turismo e sinalizam descompassos entre academia, mercado, empresariado e profissionais da área; além disso, identificam uma nova fase do ensino voltada para a consolidação acadêmica e internacionalização (LEAL; PANOSSO; TRIGO, 2012).

Já Silveira; Medaglia; Nakatani (2020) avaliam as relações entre formação, empregabilidade e mercado turístico, trazendo reflexões e levantamentos do segmento na condição atual. Destaca-se, ainda, a discussão da emergência do campo acadêmico do turismo e seus elementos formais e processos institucionais com as pesquisas de Pimentel; Pimentel; Carvalho (2021), sistematizando uma Sociologia da Educação em Turismo. Na literatura internacional recente, cita-se especialmente a contribuição de Airey e Tribe (2005) apresentando e organizando sob uma perspectiva internacional os tópicos que tratam de currículos, ensino, aprendizagem, avaliação (além da dimensão do desenvolvimento e oferta educacional), dentre outros.

Dessa forma, a conexão existente entre os estudos clássicos e recentes aqui elencados, envolvem a atualização de dados educacionais da área, a reavaliação de cenários e tendências que acompanham o desenrolar de qualificação, o contexto da formação e da produção acadêmica em turismo longitudinal e evolutivamente. No entanto, com a própria consolidação da área, ao menos como campo de estudos, observa-se um avanço na sistematização e estado da arte no tema, adicionando elementos novos e os comparando a outros contextos internacionais e/ou institucionais, ou seja, ganhando abrangência e aprofundamento.

Particularmente, enquanto acadêmica do Turismo, tenho aprendido a reconhecer os movimentos de um campo científico em processo de consolidação. Observando como, por exemplo, se dá a composição de agendas de pesquisa que alimentam esta finalidade, dentre outras formas de organização do conhecimento moderno. Por ter me formado em um curso de graduação com estas características, a própria observação e vivência instigaram a questionar: como se inicia e se consolida um campo do conhecimento dentro da lógica ou “linguagem-

jogo” científica e quais os benefícios práticos e simbólicos advindos disto? Quem são e quais as condições reúnem aqueles que participam e sustentam essa conformação? Como são instituídas as profissões e seus aparatos formativos?

Para Galeffi (2009) trata-se de:

Procurar elucidar a natureza rigorosa da pesquisa qualitativa, a partir da atitude existencial e epistemológica do pesquisador em seu contexto de vida, segundo seus diversos níveis de constituição e de realidade, percebidos e elucidados na autocompreensão e na compreensão compartilhada de sua condição histórica – sua gênese como indivíduo, sociedade e espécie – seu ser-aí como dado e seu ser-outro como acontecimento volátil aberto no tempo instantâneo (p.15).

Especificamente, o recorte desta pesquisa buscará contribuir na investigação que tange à (re)institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil, buscando compreender a influência de agentes engajados nos direcionamentos recentes do campo, em função de seus posicionamentos, trajetórias e realizações. Parte-se, então, de uma perspectiva institucionalista, que considera a emergência e os processos que lhes são próprios na investigação da realidade social, de enfoque interpretativista (neoinstitucionalista).

A teoria institucional ainda é pouco utilizada nos estudos em turismo no Brasil (PIMENTEL; CARVALHO; PIMENTEL, 2019). No exterior, esta teoria tem sido empregada para compreender ações, gestão e estratégias de organizações, tratando de temas como: responsabilidade social e diversificação de empresas hoteleiras; diversificação das empresas do setor; acreditação e certificação; respostas à pandemia do COVID-19, dentre outros que envolvem turismo e hospitalidade (EARL e HALL, 2021).

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVO GERAL E OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Nesta pesquisa, o foco de análise institucional recai sobre a escala das interações específicas entre os indivíduos do campo acadêmico do Turismo que, em perspectiva longitudinal, pertencem à terceira geração. A referência geracional aqui mencionada, considera a identificação e classificação de três etapas do processo de institucionalização das estruturas formais de ensino e pesquisa em turismo no país, a saber: 1) de 1964 a 2001, sua primeira fase, com o surgimento de formações superiores em Turismo, bem como a difusão enquanto tema e linha de pesquisa; 2) de 2002 a 2009, sua segunda fase, com o fortalecimento do tema a partir do aumento de grupos de pesquisa próprios da área; e 3) a partir de 2010, sua terceira (e atual)

fase, a partir do estabelecimento de um contingente de egressos da área, que prosseguiram seus estudos na pós-graduação, vindo a ocupar institutos de ensino superior na condição de professores-pesquisadores e, por conseguinte, formando novas gerações de turismólogos e/ou profissionais (PIMENTEL; CARVALHO; PIMENTEL, 2019).

Nesse sentido, esta pesquisa tem como enfoque o contexto e os agentes classificados na terceira fase citada acima, ou seja, os egressos que estabeleceram carreiras acadêmicas na área e que estão atuando na formação de novos profissionais, além de atuarem na contemporaneidade de maneira reconhecida entre os pares acadêmicos² - tidos nesta pesquisa como “empreendedores institucionais de terceira geração”. Como recorte temporal, utilizou-se o critério de conclusão do nível de graduação a partir dos anos 2000 em diante, de maneira a corresponder ao tempo minimamente necessário para cursarem a pós-graduação e se inserirem no contexto da terceira fase, que se inicia de 2010 em diante.

Apresenta-se, dessa forma, a seguinte pergunta-problema: como as ações sociais (condutas individuais) de atores chaves (empreendedores institucionais) afetam o processo de (re)institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil turístico?

Dessa forma, o objetivo geral é analisar como as ações sociais (condutas individuais) de atores chaves - empreendedores institucionais - afetam o processo de (re)institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil turístico, dentre aqueles que compõem a terceira geração de acadêmicos do campo.

Para alcançar o objetivo geral proposto, tem-se como objetivos específicos os seguintes procedimentos:

- Identificar agentes individuais estratégicos da área - aqui tidos como empreendedores institucionais - mapeando o perfil daqueles pertencentes à terceira geração;
- Traçar suas histórias de vida com foco no entrelaçamento entre a história pessoal e profissional/institucional, a partir da coleta de narrativa das trajetórias, eventos marcantes e contribuições realizadas no campo acadêmico do Turismo;

² Tal problemática está vinculada a um programa de pesquisa mais amplo intitulado a “Institucionalização do Subcampo Acadêmico do Turismo no Brasil: uma análise da história de vida dos agentes individuais estratégicos e sua contribuição para a emergência do campo turístico”, do grupo de pesquisa Centro Latino Americano de Turismologia (CELAT), sob coordenação do professor Dr. Thiago Pimentel. Para mais informações acerca da análise de recortes geracionais de primeira e segunda geração, ver a tese de João Paulo Louzada Vieira do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF-MG.

- Analisar organizacional e institucionalmente como a teia de contribuições, papéis e realizações individuais se entrelaçam com as contribuições e realizações institucionais do campo acadêmico do Turismo.

1.2 CONTEXTO DA PESQUISA E JUSTIFICATIVA

Diante do exposto, configura-se como contexto de estudo o campo acadêmico do Turismo no Brasil, e em específico, as ações de acadêmicos vinculados a ele que se formaram a partir dos anos 2000, pertencentes à “terceira geração”, segundo a classificação de Pimentel, Carvalho e Pimentel (2019). Adicionalmente, o recorte pressupõe a participação de pesquisadores que apresentaram reconhecidas ações entre os pares para o delineamento do campo, compreendidos aqui como empreendedores institucionais.

Nesse sentido, foram convidados para participar da pesquisa os membros da Academia Internacional para o Desenvolvimento da Pesquisa em Turismo no Brasil (ABRATUR), enquanto proposta de recorte analítico em uma aproximação heurística e estratégica. Constituída em 2011, a associação em questão é composta por pesquisadores do Turismo inseridos na comunidade acadêmica internacional e na pesquisa brasileira. A associação busca também promover a internacionalização da pesquisa na área agregando pesquisadores brasileiros à comunidade internacional. Suas principais atividades são o Fórum ABRATUR, os grupos mediados de discussão e um diretório público de pesquisadores associados³.

Até o período de coleta de dados desta pesquisa, a ABRATUR possuía 56 membros. Segundo Leal (2012), para compor a rede é necessário que o membro tenha publicações internacionais, em especial, na língua inglesa, no entanto, também há parcerias para publicações em países que têm o português como língua oficial ou dominante. Os membros também fazem publicações conjuntas em revistas científicas com temas relacionados ao turismo.

De acordo com a associação, os resultados advindos de suas atividades envolvem: aumentar a quantidade de publicações internacionais no país sobre Turismo e sobre Turismo no Brasil; fomentar a colaboração de pesquisadores nacionais e internacionais, dentre outros. Para fazer parte da rede é necessário enviar uma solicitação à comissão e comprovar publicações em língua estrangeira.

Dessa forma, em detrimento de outras associações científicas semelhantes pertencentes ao campo acadêmico do Turismo no Brasil, compreende-se que a ABRATUR reúne o maior número de pesquisadores que correspondem ao perfil buscado para realização desta pesquisa,

³ Fonte: <https://sites.google.com/site/abraturbrazil/>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

pois agrega pesquisadores mais contemporâneos com formação específica em Turismo no Brasil e/ou ainda que trabalham com temas de pesquisas emergentes e amplos na área.

A pesquisa se justifica em razão do resgate e registro histórico social do processo de institucionalização do campo, que por vezes passa alheio à teorização e ao fazer científico do cotidiano acadêmico, suscitando reflexões sobre suas próprias práticas e direções.

Em termos teóricos, poderá contribuir para o avanço da agenda de pesquisa e de pesquisas anteriores ou em curso, complementando-as com a análise de gerações mais recentes que incidem sobre a educação e produção de conhecimento em turismo no país (PIMENTEL; PIMENTEL; CARVALHO, 2019).

Em termos práticos, poderá contribuir promovendo uma perspectiva do passado recente e do desenho de possibilidades futuras.

1.3 DESENHO DA PESQUISA

A dissertação está articulada de maneira a apresentar o turismo e formação em Turismo enquanto fenômeno, objeto de estudo e instituição. Posteriormente, discorre sobre o velho e o novo institucionalismo, as novas sínteses decorrentes, culminando na ênfase dada à agência do indivíduo em teorias recentes, dando destaque para o conceito de “empreendedor institucional”. Os procedimentos metodológicos são definidos, descritos e justificados tendo como referência as características da pesquisa qualitativa. A síntese e análise dos resultados são discutidos nos capítulos posteriores à metodologia aplicada.

A premissa adotada é que a estruturação/institucionalização do campo acadêmico do Turismo pode ser estudada a partir da ação dos agentes relacionado a sua capacidade de configurá-lo, partindo da noção de que são “construções sociais” (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Buscando sistematizar o conhecimento teórico e os achados da pesquisa, a dissertação está organizada contendo esta introdução, seguida dos capítulos teóricos sobre Educação em Turismo e sobre Teoria Institucional. O terceiro capítulo trata da metodologia utilizada para a operacionalização da pesquisa. Posteriormente, têm-se os capítulos dedicados à apresentação e discussão dos resultados, e as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo teórico discorre sobre os Estudos em Teoria Institucional e de Educação em Turismo. O objetivo é dar a conhecer este campo e suas principais características, bem como situar os institucionalismos, a fim de posicionar, em especial, o conceito de empreendedor institucional e outras categorias analíticas para explorar e interpretar os dados coletados, buscando transformá-los em conhecimento sistematizado.

2.1 TEORIAS INSTITUCIONAIS

Esta seção busca apresentar os Estudos em Teoria Institucional, apontando o seu surgimento, das teorias do “velho” e “novo” institucionalismo, as novas sínteses decorrentes, culminando na ênfase dada à agência do indivíduo em teorias recentes, dando destaque para o conceito de empreendedor institucional. Tal abordagem trata de reunir os tópicos de maneira mais sistemática e menos linear, uma vez que a teoria institucional, assim como a teoria organizacional, se desenvolveu de formas variadas e fragmentadas.

2.1.1 Institucionalismo: velho e novo

Acerca dos antecedentes das interpretações e concepções sobre as questões centrais do que vem a ser uma organização e a natureza da ação humana, os estudiosos passaram a compreender que a burocracia, como qualquer outra criação, possuía funções, mas também disfunções e, portanto, não era superior nem perfeita para compreender, controlar e operar uma organização conforme defendiam ou compreendiam as teorias até o momento. Subjacente a isto, a racionalidade instrumental também passou a ser problematizada, uma vez que as decisões dos atores envolvidos não são apenas racionais, mas também baseadas em outras racionalidades, influenciadas pela cultura. Dessa forma, passou-se a discutir o que faz com que determinada decisão ou ação seja adotada em detrimento de outras. Começou-se, então, a considerar nas análises as dimensões políticas e culturais das organizações, ensejando a discussão sobre as instituições e suas camadas de valor.

Para Hughes (1941) as instituições podem ser compreendidas como “empreendimentos coletivos” em que as pessoas assumem posições de modo convencional. O autor demonstra formatos de empreendimentos coletivos em que os indivíduos estão inseridos e funcionam enquanto parte da cultura, ou seja, são orientados por convenções sociais. A ideia de

“instituição” traz em seu significado algumas considerações importantes. A primeira delas é a diferença entre instituição e organização. A “instituição” guarda uma dimensão valorativa, enquanto a “organização” remete a uma dimensão tecnicista. Além disso, é importante a noção de instituições formais e informais, ou seja, a existência de padrões repassados oficialmente ou gerados não oficialmente. Alguns exemplos de instituições citadas pelo autor seriam: família, fábricas, escolas, festas e feiras. O que definiria as partes comuns desses coletivos seriam os lugares em que os indivíduos ocupam dentro dele de maneira regular ou não, voluntária ou não, dentro de uma configuração já dada.

O autor destaca que nos estudos da sociedade estes exemplos são identificados como instituições sociais nas quais os indivíduos a conformam e operam, sendo de interesse da sociologia compreender como essas ações ocorrem ao ponto de se estabelecerem, se desdobrarem ou mesmo sofrerem mudanças no decorrer do tempo. Para tal tarefa, a sociologia desenvolveu conceitos que se ocupam de analisar a ordem social e o comportamento coletivo que estruturam a sociedade.

Conforme esclarece Hughes (1941) e outros pesquisadores, no entanto, os sociólogos não são os únicos a estudarem as instituições, pois existem outros ramos das ciências sociais que vão se dedicar e acumular seus próprios “quadros de referência” dando foco para determinados problemas e fatos específicos dentro do contexto geral em que estão inseridos. Dessa forma, economistas e cientistas políticos também se dedicam a determinadas instituições num primeiro plano. Com isso, pode ocorrer, no entanto, que a literatura demonstre fragmentação de problemas e métodos na análise das instituições, ou seja, sem possuir um método sistemático.

A contribuição do sociólogo se dará na análise comparativa e das funções das instituições, diminuindo, assim, o que o autor chama de “viés institucional”. Isto será possível, no entanto, apenas se este possuir efetivo acesso e conhecimento acerca da instituição que estuda (HUGHES, 1941). Aqui, tem-se um quadro de referência para caracterizar o surgimento e o desenrolar de movimentos sociais. O nome proeminente neste âmbito é de Max Weber e suas contribuições conceituais. Tal arcabouço teórico seria a base do discurso sociológico que, conforme Hughes (1941), tem focado mais na instituição família, enquanto outras instituições estão sendo estudadas por cientistas de outros campos. Dessa forma, a abordagem institucional busca interpretar a organização de maneira mais ampla, ou seja, para além da questão técnica, incorporando aspectos sociais e chamando atenção para a importância da legitimidade no processo de criação, estabilização e manutenção de uma ordem social.

Outros estudiosos e quadros teóricos vão buscar atender outras pretensões científicas. Cada quadro conteria o que convencionou-se estudar e refletir ao longo do tempo entre os estudiosos mais antigos de cada área e funcionaria como lentes pelas quais se enxerga um problema. Dessa forma, Hughes (1941) inclui os economistas, que conhecem as informações de determinadas instituições e buscam classificar os controles do mercado sob a relação entre empregado e empregador, grupos financeiros e corporações, banco e indústria, por exemplo. Por sua vez, tais formas de controle são analisadas também pelos cientistas políticos, que vão denominá-lo de poder. Estes estudam partidos políticos, mas também clubes, lobby, associações comerciais, escolas, empresas, agências, ou seja, instituições operacionais.

Como exceção, Hughes (1941) cita os antropólogos, que cuidaram não de determinadas instituições relacionadas, mas de todas aquelas que identificaram. Isso poderia ser explicado em função de terem desenvolvido seus primeiros estudos em sociedades geralmente menores e, conseqüentemente, poderem trabalhar suas diversas expressões de organização, se dedicando ao “lugar das partes dentro do todo” (s.p).

O autor apresenta, dessa forma, a situação das ciências sociais e pondera sobre esta não ser a ideal, uma vez que considera importante que houvesse uma integralidade e aproximação entre os estudiosos, a fim de compararem notas, conceitos e métodos entre si. Por fim, outra colocação importante é de que só é possível estudar uma instituição se o sociólogo tem acesso às informações necessárias para compreender seu funcionamento interior, conquistado por meio da relação de confiança entre os envolvidos, ou seja, acessando o conhecimento por dentro para que seja possível realizar os estudos.

Para Zucker (1987), a definição de “institucional” pode acomodar a compreensão compartilhada entre as abordagens teóricas que tratam de seus “elementos definidores”, a saber:

- a) uma qualidade de fato social, como regra, de um padrão organizado de ação (exterior) e (b) uma incorporação em estruturas formais, como aspectos formais de organizações que não estão vinculadas a atores ou situações particulares (não-pessoais/objetivos) (p.444).

De acordo com Zucker (1987), a análise da “institucionalização” pode ser feita de indicadores. A autora reúne esses indicadores com base no fator do “ambiente institucional”, que envolve as pressões externas pelas quais a organização está sujeita; do “grau de institucionalização”, que podem ser observadas em termos dos usos de linguajar comum; e dos

“resultados do processo institucional”, que podem ser observados pela constância e barreiras às mudanças, dentre outros efeitos, como a geração de novas categorias sociais (p.447-449).

O conceito de ambiente institucional (ZUCKER, 1987) ou campo institucional (DIMAGGIO, 1983) não deve ser reduzido ao ambiente imediato de interações ou mesmo mais amplo, como do Estado, mas de todos os componentes e fontes que estruturam os campos. Ainda que nesse caso guardem os sentidos de “dominação e hierarquia”. Isso porque, conforme chama atenção Zucker (1987), ainda que a maior parte das relações ocorram com outras instituições semelhantes, a “institucionalização mais importante pode ocorrer ao longo de linhas que são campos de corte transversal” (p.450).

Além do conceito anteriormente mencionado que trata da interface organização/ambiente, tem-se também de maneira incremental o conceito técnico-institucional, que busca extrair a percepção da diferença entre elementos de tarefa e elementos institucionais, sendo válidos para pensar a afetação destes dois ambientes internos e externos nas organizações. Essa diferença fica mais evidente a partir da definição de Selznick de que "institucionalizar é infundir valor além dos requisitos técnicos da tarefa em questão" (SELZNICK, 1957, p. 16-17), inevitavelmente impossibilitando a ação efetiva da tarefa e insurgindo contra os objetivos da organização.

Scott (1987) ao comparar e contrapor as teorias institucionais com seus respectivos “argumentos institucionais”, aborda as diferenças entre elas, além de chamar a atenção para a relação entre instituições e interesses, defendendo que “as características institucionais dos ambientes organizacionais moldam os objetivos e os meios dos atores” (p.493). Trata também de como o Estado e os grupos profissionais orientam os “padrões” e “mecanismos institucionais” (p.493).

Na revisão de Scott (1987), apesar de ressaltar as variadas definições de instituição, demonstra que há convergências nas diferentes abordagens, apesar de se distanciarem em detalhes. O autor revisa quatro “formulações sociológicas” que reforçam um “foco institucional”, sendo elas: a institucionalização como processo de instilação de valor; e como processo de criação da realidade; os sistemas institucionais como classe de elementos e as instituições como distintas esferas sociais.

Segundo Scott (1987), uma contribuição importante de apud Selznick quanto a formulação de que a institucionalização opera como processo de instilação de valor, defende que ocorre numa resposta adaptativa e interativa com o ambiente interno e externo. Mas não seria apenas para as finalidades ou objetivos técnicos da ação, mas especialmente, por incutir valor ou significado. Outra contribuição foi a diferenciação de organizações como instrumentos

técnicos/mecânicos das organizações que propriamente se tornaram “comunidades institucionais” (p.494). A primeira, poderia ser facilmente desfeita, enquanto a segunda, se empenha na própria manutenção. Neste processo de infundir valor, a institucionalização gera estabilidade, ou seja, uma durabilidade da estrutura ao longo do tempo.

Outro ponto importante é o entendimento da institucionalização como processo de criação da realidade ou da ordem social, baseado nas elaborações de Berger e Luckmann (2007). Os autores defendem que a ordem social é fruto da ação humana. O processo pelo qual as ações se repetem ao longo do tempo e recebem significados semelhantes por si e pelos outros é definido como institucionalização: "A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habitualizadas por tipos de atores" (BERGER; LUCKMANN, 2007, p.54). Essas ações e caracterizações são formadas no decorrer da história, de maneira que só podem existir como tal se tiverem tido um processo histórico pelo qual foram criadas e mantidas:

Os processos inerentes a institucionalização abrangem a externalização, objetivação e internalização. Nós e nossos associados agimos (externalização), mas juntos interpretamos nossas ações como tendo uma realidade externa separada de nós mesmos (objetivação); além disso, o mundo objetivado é internalizado por nós, chegando a "determinar as estruturas subjetivas da própria consciência" (internalização) (Wuthnow et al., 1984: 39). Cada momento corresponde a "uma caracterização essencial do mundo social. Sociedade é um produto humano. A sociedade é uma realidade objetiva. O homem é um produto social" (Berger e Luckmann, 1967; 61). Juntos, eles compreendem o paradoxo "que o homem é capaz de produzir um mundo que ele experimenta como algo diferente de um produto humano" (Berger e Luckmann, 1967: 61). A característica comum em todas essas definições é que a institucionalização é vista como o processo social pelo qual os indivíduos passam a aceitar uma definição compartilhada de realidade social - uma concepção cuja validade é vista como independente das próprias visões ou ações do ator, mas é tomada como garantida. como definir o "modo como as coisas são" e/ou "o modo como as coisas devem ser feitas". A institucionalização está enraizada na conformidade enraizada nos aspectos da vida cotidiana assumidos como certos. A institucionalização opera para produzir entendimentos comuns sobre o que é apropriado e, fundamentalmente, um comportamento significativo (Zucker, 1983).

As instituições e seu funcionamento podem ser compreendidos também a partir de “sistemas de crenças compartilhadas” que introduziria a dimensão política e cultural em contraponto a uma visão mais funcionalista das organizações, como as questões técnicas, informacionais ou de recursos para operar. Neste âmbito, são considerados essenciais à compreensão os “elementos culturais – símbolos, cognitivos, sistemas, crenças normativas – e

as fontes de tais elementos” (SCOTT, 1987), reconhecendo a importância da legitimidade produzida pela transmissão de “mitos racionais” e de sua “eficácia simbólica” para receberem aderência, mesmo que não seja a mais eficaz tecnicamente/instrumentalmente, mas sempre havendo recompensas.

Nesse sentido, os teóricos categorizaram os tipos de processos pelos quais uma organização pode buscar se institucionalizar, ou seja, adquirir eficácia simbólica, valorativa e legitimidade por meio da padronização. Esses “processos de mudança isomórficos” também caracterizam e compõem a compressão de ambas as abordagens em que o “isomorfismo institucional” é um conceito explorado por DiMaggio e Powell (2005) para compreender a homogeneização de um campo, no qual avançam na identificação de mecanismos pelos quais esse tipo de mudança ocorre, denominando-os de: 1) isomorfismo coercitivo; 2) isomorfismo mimético e 3) isomorfismo normativo. O isomorfismo coercitivo procede de “influências políticas” e da questão da “legitimidade”, como da atuação do Estado. O isomorfismo mimético decorre de reações padronizadas à incerteza, principalmente orientada pelos modelos dominantes. E o isomorfismo normativo está relacionado às categorias profissionais. Os autores explicam que os mecanismos estão assim divididos para a finalidade analítica, não ocorrendo empiricamente de maneira isolada, apesar de emergirem de circunstâncias diferentes e por sua vez gerarem resultados distinguíveis.

Outro destaque importante é a noção de que os tipos de sistemas simbólicos nesta versão da teoria institucional são constatados como racionalizados, uma vez que, ao invés de expressos pela tradição, passam a ser mais prescritivos, como em formatos de leis e regulamentos, conformando direta e indiretamente as organizações com seu funcionamento e “mitos racionais” (SCOTT, 1987). Recaindo, portanto, no foco nas dimensões simbólicas, abre espaço também para agregar análises de abordagens culturais (SCOTT, 1987).

Outra concepção são as instituições como distintas esferas sociais, que une a compreensão da diversidade de sistemas de crença à visão tradicional da sociologia (SCOTT, 1987). Tal como definido convencionalmente, as instituições sociais referem-se “a sistemas relativamente duradouros de crenças sociais” e “práticas socialmente organizadas” associadas a arenas funcionais variáveis dentro de sistemas sociais, por exemplo, religião, trabalho, família, política. Na maioria dessas definições tradicionais, as instituições sociais são vistas como sistemas e sistemas comportamentais e simbólicos - cognitivos e normativos, e forte ênfase é dada à persistência e estabilidade como uma característica definidora-chave:

Assim, esta versão da teoria institucional centra a atenção na existência de um conjunto de sistemas cognitivos e normativos diferenciados e especializados - lógicas institucionais - e atividades humanas padronizadas que surgem e tendem a persistir, de forma e conteúdo variáveis, em todas as sociedades. Essas lógicas e comportamentos constituem repertórios que estão disponíveis para indivíduos e organizações empregarem em busca de seus próprios interesses (cf. Swidler, 1986). Nessa visão, uma parte importante da agenda do analista social não é apenas determinar quais organizações passam a adotar quais crenças e práticas, mas também "estudar por que as arenas institucionais são modeladas da maneira como são ou as condições sob as quais novas instituições formas de desenvolvimento" (FRIEDLAND E ALFORD, 1987).

Diante de variadas versões da teoria institucional podemos observar que existem aspectos recorrentes nelas e muitas variações. Nesse sentido, a partir das quatro versões da teoria institucional analisadas, embora existam alguns temas básicos recorrentes, existe, no entanto, muita variação entre as teorias institucionais contemporâneas das organizações, sendo necessário esclarecer qual ou quais abordagens estão sendo utilizadas em determinados estudos.

Para ajudar a compreender quais elementos institucionais impactam nas características da estrutura organizacional, Scott (1987) propõe as explicações que consideram 1) a imposição da estrutura organizacional, que ocorre quando agentes ambientais reúnem poder suficiente para impor formas e práticas, como o estado-nação. DiMaggio e Powell (1983) - verificar a referência deste texto - chamam de isomorfismo coercitivo. Outro mecanismo associado é da 2) a autorização da estrutura organizacional, que envolve uma legitimação advinda da busca eletiva de conformação diferente da imposta, esta opera sobre uma pressão normativa nos termos de DiMaggio e Powell (1983), como das certificações, afetando a estrutura. Outro mecanismo ocorre quando os agentes não possuem poder ou autoridade, mas tem capacidade de influenciar por meio da 3) indução da estrutura. Ela vai ocorrer quando há incentivos para determinada conformação, como dos financiadores. Nas palavras de DiMaggio e Powell (1983) tal indução pode gerar um isomorfismo organizacional, levando a similitudes estruturais. Pode ocorrer também 4) a aquisição de estrutura organizacional, quando são adotados modelos estruturais em função do que aparenta ser mais legítimo ou padronizado. Nos termos de DiMaggio e Powell (1983), em função de mecanismos miméticos ou normativos. Há também o processo de 5) *imprinting* institucional em que as formas organizacionais incorporam elementos no momento da sua constituição e tem a propensão de mantê-las no futuro, pois são tidas como o jeito certo de se fazer. Há também o efeito dos ambientes institucionalizados que levam 6) a incorporação da estrutura organizacional por meio de "mecanismos adaptativos", tornando correspondente à complexidade do ambiente. E, por fim, ainda na relação entre

ambiente institucional e estrutura institucional, tem-se o aspecto do 7) contorno da estrutura que se dará a partir de crenças e não demonstradas nas estruturas em si. Ou seja, evidencia-se que os aspectos culturais têm mais relevância no comportamento dos indivíduos e que a estrutura organizacional seria secundária nesse sentido, funcionando apenas um suporte ao que já é tido como certo e compartilhado.

Os teóricos institucionais se ocupam da análise também de quais são as determinantes (institucionais) da estrutura e da atuação das organizações. As concepções iniciais de instituição foram complementadas e aprofundadas em seu significado e interesses de ação, vistas não mais apenas por seu aparato e finalidade técnica, mas incluindo as dimensões simbólicas tanto das organizações quanto de seu ambiente. Há a reflexão e o reconhecimento de que todos os sistemas sociais (organizações), se formam em um ambiente institucional plural que delinea a realidade social (SCOTT, 1987).

Nesse sentido, como defende Scott (1987), a teoria institucional destacou que os interesses que antecipam/pressupõem as ações e as características das instituições são moldados institucionalmente e manifestadas tanto no nível das estruturas das organizações, do comportamento de seus participantes, ou mais amplamente, nos próprios sistemas institucionais.

2.1.2 Vertentes do novo institucionalismo e a ênfase no institucionalismo sociológico

Caldas e Fachin (2005), ao analisarem os rumos que as discussões e as novas teorias funcionalistas adotaram a partir da década de 1980, destacam as contribuições do neo-institucionalismo. Explicam que o campo dos estudos organizacionais adotou fortemente como paradigma o funcionalismo, algo que persiste até os dias de hoje, embora outros tantos tenham surgido ou mesmo ganhado mais impulso (mesmo que já existissem), como as vertentes interpretacionista, crítica e pós-moderna. Além disso, chama a atenção para o fato de que, embora houvesse desenvolvimentos teóricos no seio do paradigma, não acompanhava a atualização das discussões feitas, tendo se apegado e limitado a replicações.

No entanto, as perspectivas hegemônicas foram perdendo força explicativa ao emergirem novas interpretações trazendo novas análises e aprofundando as teorias, resultando numa ampliação da tradição funcionalista e de seus debates próprios. Estas discussões podem ser sintetizadas, de acordo com Caldas e Fachin (2005), da seguinte forma:

O primeiro deles é de natureza intrinsecamente determinista, entre perspectivas de “adaptação” e de “seleção”; o segundo, entre perspectivas deterministas e voluntaristas; o terceiro é o debate entre ação individual e ação coletiva; e o quarto, entre modelos racionais e modelos normativo-institucionais, que eles chamam de “organizações” versus “instituições” (p.47).

Dentre as teorias originárias deste contexto, tem-se o novo institucionalismo, que representa um bom exemplo da ampliação das vertentes com abordagens menos extremas/catóricas em relação às concepções e explicações de debates como os citados acima, revelando seu potencial de refinamento e contribuição (CALDAS E FACHIN, 2005).

Destacando, especificamente, o debate acerca de organizações versus instituições, podemos verificar que expandiu, pois passou a adicionar uma camada subjetivista às explicações. Os estudos de March e Simon promoveram esta atenção ao pensar acerca dos indivíduos nas organizações e do conceito de “racionalidade limitada”. Ainda assim, outros fatores contribuíram a partir dos anos 1980, como os estudos de chamada cultura organizacional e entre 1960 e 1980 com o florescimento de teorias sociológicas do interacionismo simbólico, construtivismo social e a etnometodologia (CALDAS E FACHIN, 2005).

Nesse sentido, há uma “inflexão subjetivista e menos racionalista” no seio do funcionalismo, que promoveu o entendimento de que os atores/agentes e as organizações agem orientados não somente pela racionalidade, mas também por referências políticas, cognitivas, culturais e/ou normativas de onde estão inseridas ou como operam. Dessa forma, configura-se a possibilidade do uso da teoria institucional como lente para “o entendimento de fenômenos sociais passíveis de institucionalização”, como também de gerar “novas fronteiras teóricas” em seu uso alargado (CALDAS E FACHIN, 2005, p.50-51).

Dois autores importantes para esta visão são DiMaggio e Powell (2005) que buscaram compreender e identificar o que torna as organizações tão semelhantes. A explicação para este fenômeno havia sido relacionada por outros estudiosos aos “mecanismos de racionalização”, como a burocracia, utilizados para lidar com a competição e busca pela eficiência. No entanto, DiMaggio e Powell (2005) compreendem que tais elementos causais passaram por alterações. Atualmente - verificar se posso usar “atualmente” -, elas estariam adotando processos homogeneizantes, sem, contudo, torná-las mais eficientes, e que estariam emergindo da estruturação de “campos organizacionais” (p.75). Os campos organizacionais seriam constituídos por organizações que “em conjunto constituem uma área reconhecida da vida institucional” (p.76).

De acordo com os autores supracitados, o que explicaria a semelhança das organizações em um campo em termos de sua estrutura, cultura e resultados seria o que conceituaram de “isomorfismo institucional”, ou seja, o processo de diminuição da diversidade de um campo organizacional altamente estabelecido. O isomorfismo institucional pode variar conforme três mecanismos diferentes: isomorfismo coercitivo, isomorfismo mimético e isomorfismo normativo. Embora separados nesta explicação, ocorrem na realidade de maneira mista onde estiverem situados.

O isomorfismo coercitivo procede de “influências políticas” e da questão da “legitimidade”, como da atuação do Estado. É resultado de uma pressão formal e legal, que impacta e molda a estrutura das demais organizações sob sua influência e submissão, passando a repercutir regras institucionalizadas e legitimadas por ser dominante naquele campo.

O isomorfismo mimético decorre de reações padronizadas à incerteza, principalmente orientada pelos modelos dominantes. Acaba por levar a imitação, pois enxerga a organização como modelo bem-sucedidos que pode ou deve ser seguido de maneira direta (por meio de consultorias, por exemplo) ou indiretamente (por meio de transferência de funcionários).

E o isomorfismo normativo está relacionado às categorias profissionais, sendo dois elementos importantes como fonte de isomorfismo: apoio da educação formal e a legitimação produzida por especialistas universitários (redes de profissionais) que irão disseminar um modelo que tenderá a estruturação dos campos organizacionais.

Os autores explicam que os mecanismos estão assim divididos para a finalidade analítica, não ocorrendo empiricamente de maneira isolada, apesar de emergirem de circunstâncias diferentes e por sua vez gerarem resultados distinguíveis. O isomorfismo é importante, pois por meio dele pode ser mantida a legitimidade de uma organização, enquanto resposta às regras do campo e da realidade institucional.

Dessa forma, o posicionamento se torna um aspecto importante para lidar com o ambiente e obter êxito. Nesse sentido, as organizações que melhor - as instituições dominantes - saem na competição por recursos técnicos, mas também simbólicos, levará ao processo de institucionalização dos elementos legitimadores de onde estão inseridas e são socialmente partilhadas. As instituições dominantes terão mais capacidade de impor sua logicidade às demais, no entanto, isso não ocorre unilateralmente ou mesmo de maneira imediata, mas são estabilizadas ao longo do tempo. As ações fixadas ao longo do processo são tomadas com objetivo de aumentar ou manter a legitimidade em um campo em que as regras estão dadas (BERGER; LUCKMANN, 2007).

Isso porque as “organizações não competem somente por recursos e clientes, mas por poder político e legitimação institucional, por adequação social, assim como por adequação econômica” (DIMAGGIO E POWELL, 2005, p.77).

Entre os anos 80 e 90, ocorreu uma difusão da perspectiva teórica neo institucional nas ciências sociais. A partir da análise de trabalhos importantes dessa escola em seu período de disseminação, Hall e Taylor (2005) esclarecem que não se trata de uma corrente de pensamento única, mas sim expressa em pelo menos três vertentes: o institucionalismo histórico, o institucionalismo da escolha racional e o institucionalismo sociológico. Todos estes métodos surgiram como resposta contrária às perspectivas behavioristas de períodos anteriores e ao individualismo metodológico. Além disso, possuem em comum a investigação do “papel desempenhado pelas instituições na determinação de resultados sociais e políticos” (p.194), sem, contudo, apresentarem as mesmas imagens.

Acerca da negação aos procedimentos do movimento behaviorista, Immergut (1989) explica que ela provém, essencialmente, da crítica a possibilidade de que um comportamento seja satisfatoriamente explicativo de uma variedade de fenômenos, de maneira que é necessário considerar o contexto de sua existência para compreendê-lo. Nesse sentido, discorda da premissa de que o comportamento por si possa revelar preferências ou motivações puramente em toda e qualquer circunstância. E, além disso, de que a totalidade ou resultado dessas preferências não são de fato expressas automaticamente em “decisões coletivas”, pois dessa forma provoca distorções interpretativas dos fatos. De todo modo, ainda de acordo com Immergut (1998), pode-se afirmar que o pensamento institucionalista procura demonstrar que as ações dos indivíduos são decorrência de instituições por meio de regras e procedimentos, não em um sentido determinístico, mas contextual:

Enfrentando os mesmos conjuntos de obstáculos institucionais, os atores podem tomar decisões criativas sobre como proceder. Assim, as instituições - mesmo quando definidas no sentido mais amplo - não moldam as percepções humanas, de tal forma que os indivíduos sejam incapazes de reconhecer as definições concorrentes de identidade e interesse, nem forcem a ação humana a seguir uma única linha (p. 185).

Podemos compreender sinteticamente a origem de cada uma das três versões e suas formas de abordar os problemas sociais e políticos. De acordo com a avaliação geral de Hall e Taylor (2005) existem duas questões principais na análise institucional a serem focalizadas: 1) como construir a relação entre instituição e comportamento dos agentes; 2) como explicar o processo pelo qual as instituições surgem ou se modificam. A resposta dentro da perspectiva

institucional, o institucionalismo sociológico e/ou histórico compreende a realidade de maneira objetiva e passível de ser construída, inclusive o ambiente institucional (BERGER; LUCKMANN, 2007). Nesta pesquisa serão adotadas as contribuições da vertente sociológica, tendo como foco indivíduos em instituições formais de educação, segundo a apreensão do novo institucionalismo.

Nesta perspectiva, as instituições seriam decorrência dos processos de interação humana e existem por meio da legitimidade gerada pela adesão social, ou seja, da coletividade, difundida por meio de imaginários ou mitos que sirvam de modelo para a ação (regras, procedimentos, valores e normas). Com isso, chamam a atenção para a dimensão e recursos simbólicos, para além das trocas materiais.

Comparando com as demais escolas, Hall e Taylor (2003) apresentam que esta possui quatro aspectos relativamente novos também. O primeiro é que os teóricos dessa escola tendem a definir as instituições de maneira muito mais ampla do que os pesquisadores em Ciência Política, pois além das regras, procedimentos ou normas formais, consideram também os símbolos, os esquemas cognitivos e os modelos morais. O segundo é a distinção do modo de compreender a relação extremamente interativa entre instituição e ação individual, em que esta influencia àquela, configurando uma dimensão normativa ou uma dimensão cognitiva. O terceiro diz respeito à maneira de tratar da explicação do surgimento e da modificação das práticas institucionais (HALL e TAYLOR, 2003).

O institucionalismo histórico formou-se em contestação aos métodos dominantes na ciência política dos anos 60 e 70, como o estrutural-funcionalismo e a perspectivas de conflitos entre grupos, avançando/refinando em determinadas discussões e explicações (HALL; TAYLOR, 2005). A preocupação central era a questão da distribuição desigual do poder e dos recursos, postulada tendo em conta o modo como ocorre o conflito entre a comunidade política e a estrutura econômica, desvelando/acentuando a sobreposição de interesses.

Outro ponto de refinamento ou divergência seria a compreensão de que economia política é o elemento responsável por estruturar e orientar as condutas da coletividade, em oposição à ênfase no peso das características do indivíduo. Aqui, as preferências dos indivíduos seriam orientadas por atores coletivos e instituições “macro”, embora abordagens mais recentes busquem agregar ou refinar com outros argumentos, como aqueles característicos do construtivismo, por exemplo (IMMERGUT, 1998).

Nesse sentido, muitos estudos dessa vertente se dedicaram às instituições que compõem o Estado e, posteriormente, a outras instituições sociais e políticas analisando como elas poderiam criar circunstâncias específicas para cada país, como os observados nos estudos

comparados de políticas públicas e o impacto das instituições políticas sobre elas (HALL; TAYLOR, 2003).

A definição de instituição para os estudiosos do institucionalismo histórico referem-se aos “procedimentos, protocolos, normas e convenções oficiais e oficiosas inerentes à estrutura organizacional da comunidade política ou da economia política” (HALL E TAYLOR; 2005, p. 196). As instituições seriam as grandes responsáveis por desencadear historicamente um conjunto de trajetórias, sendo a investigação destes processos um dos principais motivadores dos estudos dessa vertente.

Comparando com as demais escolas, os autores apresentam que esta possui quatro aspectos relativamente novos. O primeiro deles é conceituar a relação entre instituições e comportamento individual de maneira genérica. O segundo realça as assimetrias de poder ligados ao funcionamento e ao desenvolvimento das instituições (acesso desproporcional ao processo de decisão) entre grupos sociais. O terceiro seria uma concepção peculiar do desenvolvimento histórico, que irá variar em cada contexto (divergindo da leitura dos economistas). Por fim, o quarto seria a combinação de explicações acerca da contribuição das instituições para certas situações políticas (HALL; TAYLOR, 2003).

Outra escola é o institucionalismo da escolha racional, que se iniciou com estudos de comportamento do Congresso dos Estados Unidos a partir de anomalias observadas nas tendências dos processos decisórios e no acesso vantajoso das informações em situações de interdependência (HALL; TAYLOR, 2003; IMMERGUT, 1998). Os argumentos teóricos aqui utilizados são oriundos da “nova economia da organização” (p.203), como por exemplo dos custos de transação aplicados ao estudo das instituições. Posteriormente, se dedicaram a analisar também outros fenômenos políticos, como os mecanismos de coalizões e regimes internacionais, o desenrolar histórico das instituições políticas com as responsabilidades atribuídas e a expressividade dos conflitos étnicos.

Apesar de divergências internas, a maioria das análises desta vertente tem em comum quatro aspectos importantes de acordo com Hall e Taylor (2005). O primeiro é a utilização de “pressupostos comportamentais”, defendendo que os indivíduos agem de maneira inteiramente utilitarista e que compartilham preferências e inclinações. O segundo é a compreensão da vida política como uma sucessão de “dilemas de ação coletiva”, em que as ações dos indivíduos são tomadas em detrimento do coletivo em função da inexistência de disposições institucionais que os favorecessem. O terceiro diz respeito à função da interação estratégica na orientação de situações políticas, em que a ação individual é determinada por meio do cálculo utilitário e este, por sua vez, pelas expectativas do comportamento presumível do outro. Por último, o quarto,

seria a explicação da origem das instituições por meio do acordo voluntário dos envolvidos, partindo do entendimento de suas funções e do valor delas para este coletivo. Nesta corrente, as regras instituídas do jogo são consideradas decisivas para os resultados [políticos - no sentido dos interesses] (IMMERGUT, 1998).

A terceira escola é o institucionalismo sociológico, que emergiu no esquema teórico da teoria das organizações num contexto de refutação das análises tradicionais compreendidas a partir da racionalidade nomeada/conceituada como “burocrática”, em oposição a dimensão cultural e suas variadas [lógicas] e práticas (HALL; TAYLOR, 2003).

Em resposta contrária, esta corrente defendeu que, para além da busca pela eficácia para cumprir suas funções, havia ainda outros aspectos culturais interpretados mais adequadamente como tais (ainda que considerados aparentemente racionais “instrumentais”), podendo ser comparadas a mitos e cerimônias com seus processos de transmissão [enquanto práticas sociais]. Consequentemente, as explicações que buscaram em seguida eram os motivos pelos quais as organizações aderiam a determinadas formas, procedimentos ou símbolos e como os disseminavam (HALL; TAYLOR, 2003).

De acordo com a avaliação de Hall e Taylor (2005) existem três aspectos relativamente novos nesta abordagem, que são: a tendência de conceituar as instituições de maneira mais ampla, ou seja, para além das regras, procedimentos e normas formais, incluindo “os sistemas de símbolos, os esquemas cognitivos e os modelos morais que fornecem ‘padrões de significação’ que guiam a ação humana” (p.209). Outra distinção é como concebe as relações entre as instituições e a ação do indivíduo, considerando este “enfoque culturalista”. Inicialmente, as explicações eram dadas a partir da compreensão da “dimensão normativa”, em que a socialização levava a assumir papéis associados a normas prescritivas, ou seja, a modelos. Posteriormente, incluiu-se a “dimensão cognitiva”, em que as influências das instituições se dão também por meio da propiciação de “esquemas, categorias e modelos cognitivos que são indispensáveis à ação, mesmo porque, sem eles, seria impossível interpretar o mundo e o comportamento dos outros atores” (p.210).

Nesse sentido, reconhece-se a influência do construtivismo social nesta corrente, argumentando que não é apenas o cálculo estratégico que orienta a ação dos indivíduos, mas também suas preferências e significações referenciadas pela sociedade. E, ainda, que o que consideramos uma ação racional está carregada de um repertório do que se imagina necessário/apropriado fazer dado um contexto socialmente construído e preexistente. Nessa perspectiva, o comportamento é orientado pela “adequabilidade” incutida por categorias

culturais, resultando em “diversos mecanismos que os indivíduos adotam para enfrentar e superar limites cognitivos” (IMMERGUT, 1998, p.169).

Quanto à origem das instituições, os teóricos do neo-institucionalismo sociológico defendem que as práticas institucionais são orientadas pela busca de legitimidade social em expressões amplamente aceitas da cultura na qual se inserem. Consequentemente, surge a necessidade de investigar o que imprime este valor aos arranjos institucionais. Nesse sentido, tem-se como explicação das “fontes de autoridade cultural” (HALL; TAYLOR, 2003) que configuram o papel do Estado e as associações profissionais, conforme já apresentado em DiMaggio e Powell (2005).

Comparando com as demais escolas, os autores apresentam que esta possui quatro aspectos relativamente novos também. O primeiro é que os teóricos dessa escola tendem a definir as instituições de maneira muito mais ampla do que os pesquisadores em Ciência Política, pois além das regras, procedimentos ou normas formais, consideram também os símbolos, os esquemas cognitivos e os modelos morais. O segundo é a distinção do modo de compreender a relação extremamente interativa entre instituição e ação individual, em que esta influencia aquela, configurando uma dimensão normativa ou uma dimensão cognitiva. O terceiro diz respeito à maneira de tratar da explicação do surgimento e da modificação das práticas institucionais.

De maneira geral, conforme salienta Immergut (1998), tais discussões envolvem o embate [agência e estrutura], revelando que os estudiosos refinaram e superaram a percepção de que os agentes não estão meramente interessados em engajar-se em seus desejos e decisões constringidos por determinadas limitações, mas que estão em busca de assegurar propósitos lidando com incertezas, conduzindo de forma estratégica sem, contudo, controlar/determinar o resultado; simultaneamente é também capaz de influenciar o contexto na busca de estabelecer “identidades e interesses” (IMMERGUT, 1998, p.183).

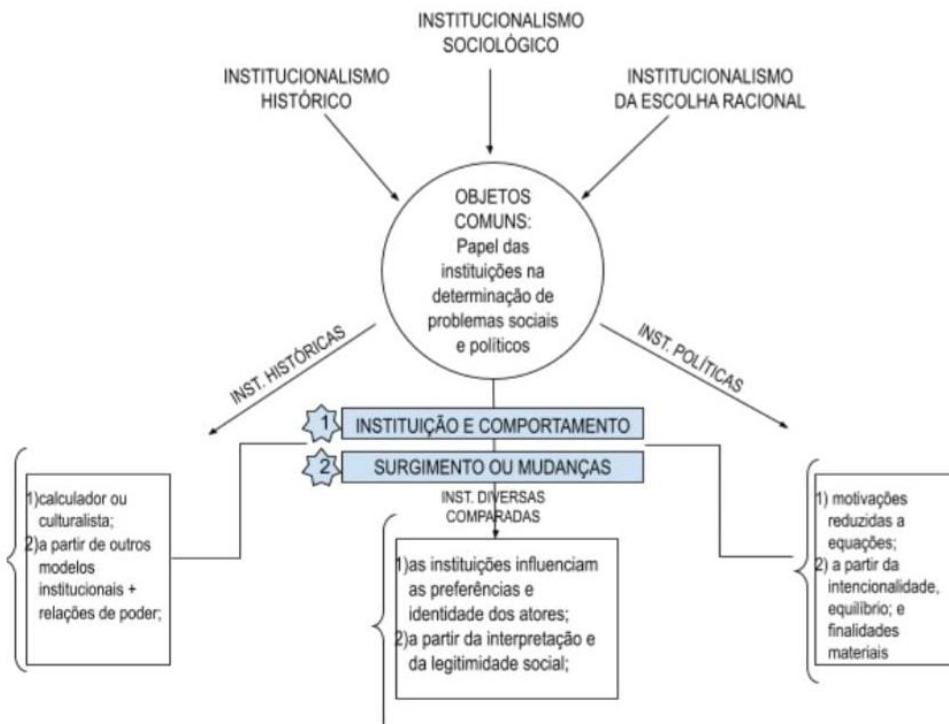
Como conclusão, retomam a existência de três versões do neo-institucionalismo e apontam que há uma necessidade de avanço a partir das trocas entre elas ou mesmo de conhecimento compartilhado, a fim de contribuir para cada uma das interpretações. Para Immergut (1998), de fato, os estudiosos do novo institucionalismo comungam de um mesmo objetivo ou conjunto de problemas:

Todos estão preocupados com as dificuldades em definir o que os atores humanos querem quando as preferências manifestadas na política são tão radicalmente afetadas pelos contextos institucionais em que essas preferências

são expressas. Em vez de lidar com a questão considerando a psicologia individual, esses acadêmicos dedicaram-se a analisar os efeitos das regras e dos procedimentos para agregar os desejos individuais às decisões coletivas - sejam essas regras e esses procedimentos de instituições políticas formais, associações voluntárias, firmas ou mesmo estruturas cognitivas ou interpretativas (p.183-184).

Abaixo propõem-se um esquema representativo que sintetiza os principais pontos em comum e as principais preocupações de cada vertente, a partir da visão para os objetos em discussão:

Figura 1 – As três vertentes do neo-institucionalismo



Fonte: elaboração própria, 2020.

Diante destas sínteses referentes aos marcos teóricos, conceitos e métodos acerca do velho e novo institucionalismo há autores que questionam quais são as reais inovações entre as correntes (IMMERGUT, 1998). O sociólogo Selznick (1996) pondera acerca de sua real separação em termos de contribuição ou diferenciação teórica. O autor ainda chama atenção para os avanços e limitações trazidos para os estudos organizacionais, destacando a necessidade de que seja dada ênfase maior aos problemas práticos, em detrimento de discussões “autogeradas” (p.01), especialmente em função de entender/argumentar/defender que tal

proposta estaria inibindo uma abordagem dos problemas centrais da organização, tais como a burocracia e política social.

Selznick (1996) apresenta seu postulado de diferenciação entre organização e instituição. Para ele, a diferença entre organização e instituição é que a institucionalização de uma organização a atribuiria um status distintivo (infusão de valor como central) num processo de busca de padrões que favoreçam a adaptação interna e externa. Ela se dá com a institucionalização de uma organização, que passará a ter forma e função específicas. Segundo o autor, a teoria institucional lida com o surgimento das instituições, que emergem de padrões de respostas organizacionais ao ambiente externo e interno. Com isso, define institucionalização da seguinte forma: “o surgimento de padrões ordenados, estáveis e socialmente integradores a partir de atividades instáveis, vagamente organizadas ou estritamente técnicas” (p.271). Um aspecto importante desta teoria seriam os valores, pois é necessário identificar quais são relevantes no contexto estudado, como construí-los culturalmente e na estrutura social da organização, bem como podem ser atenuados. Selznick afirma que a teoria institucional trata de questões de interesse social, mas não recorre a modelos tradicionais de organização, tampouco premissas da administração para isso.

Para o autor o novo institucionalismo gerou novas descobertas e mudanças de ênfases, contudo, reconhece mais continuidades do que rupturas. Um exemplo citado acerca disso é não ter surgido uma diferenciação representativa entre “instituição” e “institucionalização”. O primeiro ponto que o autor pondera que permanece é “sensibilidade sociológica” (p.04), que leva em conta, dentre outras, as explicações cognitivas e culturais. Por outro lado, reconhece que passa a haver uma ênfase maior na questão da legitimidade (mesmo em detrimento da eficiência técnica) como fundamental para orientar formas e práticas institucionais, que podem ser identificadas pelo mecanismo mimético, por exemplo. O foco na legitimação é explicado como a “força motriz sustentada entre os atores organizacionais” (p.273), pois as organizações são modeladas a partir da referência de legitimidade de outras.

Em decorrência disto e como um segundo ponto levantado por Selznick (1996)), passa a haver uma atenção maior aos mitos e ritos das organizações, que concebem a estrutura formal de uma organização para além de um sistema racional, mas sim permeado por dimensões simbólicas. Para o autor, a “ideia de sustentação moral” (p.05) também não é nova, pois poderia ser identificada em outros estudos anteriores. O que o autor identifica como realmente novo seria a revisão do conceito de “estrutura formal”, que passa a ser entendida também como “produto adaptativo” em resposta ao ambiente externo com suas características culturais.

O terceiro ponto ponderado por Selznick (1996) é a importância dada à “cognição estruturada” (p.05) que posiciona a “mente socialmente construída” entre a cultura e a organização, estabelecendo a ligação entre elas. Ao que Selznick (1996) também compreende como não tão novo, pois os estudos de March e Simon traziam reflexões nesse sentido. Selznick defende como crucial a identificação do comportamento dos indivíduos para a (ou na) compreensão dos processos sociais e que há necessidade de refinar as concepções de racionalidades múltiplas para explicar as ações dos indivíduos.

Por fim, há a ressalva quanto ao tema da “abertura dos sistemas” na nova teoria institucional em que as “organizações complexas” são vistas como incoerentes em suas possibilidades de controle e racionalidade. Ao que Selznick (1996) pondera que enfraquece a ideia de organização como “dispositivo para alcançar um objetivo específico” (p.06), defendendo como mais adequado a compreensão de que uma “grande organização típica” possui um contorno delimitado, mas não rígido para que consiga sobreviver.

Para o autor há um desafio em integrar o velho e novo institucionalismo quando suas propostas são colocadas em oposição, prejudicando sua continuidade e o reconhecimento de que são propostas temporárias. Pondera também que é indesejável criar polaridades, pois poderiam impedir avanços e a atenção para questões básicas ainda em elaboração.

2.1.3 Empreendedor institucional

O conceito de empreendedorismo institucional surgiu nos estudos de DiMaggio (1988) e apresenta contribuições para compreender o papel dos atores sociais na emergência e transformação das instituições. Dessa forma, os empreendedores institucionais são aqueles que fomentam inovações no campo, modificando arranjos institucionais fixados, estabelecendo novas práticas e novos significados para a ação ao invés de reproduzir mais do mesmo (DIMAGGIO, 1988; MAGUIRE; HARDY; LAWRENCE, 2004).

Zanin et al (2015) ao buscar apresentar o desenvolvimento deste tema e conceito, faz uma análise da produção científica a partir de uma revisão sistemática e indica que um elemento comum entre as definições de empreendedorismo institucional é noção de que se trata de uma ação deliberada e consciente, ou seja, construída intencionalmente no campo. As lacunas identificadas na revisão sugerem a importância de estudar “as mudanças implementadas por atores que estão no poder e que visam a permanência nesta posição, mantendo inalterada as relações sociais” (p.16). A tabela abaixo apresenta os achados da revisão:

Tabela 1 - Definições de empreendedorismo e empreendedor institucional

Autor	Empreendedorismo Institucional é:	Empreendedor Institucional	Base Epistemológica	Perfil Metodológico
Garud & Jain (2002)	Fruto das habilidades sociais para criar as mudanças e habilidades políticas para mantê-las.	O empreendedor deve ocupar uma posição de campeão para coordenar esforços coletivos e estabelecer sequência estável de interações com outros autores no campo a fim de criar e manter sua mudança.	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico
Lawrence & Phillips (2004)	Uma mudança no campo institucional provocada deliberadamente por atores. Esta mudança se apresenta como uma alternativa ao isomorfismo como forma de legitimação, sendo legitimada por meio de discursos macro culturais.		Humanista-Radical	Teórico-Empírico
Maguire et al. (2004)	O empreendedorismo institucional em campos emergentes, é uma forma de bricolagem institucional, ou seja, a junção de diferentes recursos para criar e implementar a mudança.	Em campos emergentes, possui uma posição que lhe garante legitimidade perante diversos <i>stakeholders</i> e atua como ponte entre estes <i>stakeholders</i> , permitindo acesso aos empreendedores institucionais aos conjuntos dispersos de recursos.	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico
Dorado (2005)	Mudanças realizadas têm foco em ações futuras.	A ação de atores que muda padrões predeterminados de comportamento e, conseqüentemente, mudam as condições institucionais.	Estruturalista-Radical	Teórico
Munir & Phillips (2005)	Processo discursivo baseado na produção de textos que agregam e constituem novos objetos, conceitos e posições dos sujeitos que mudam as dinâmicas daquele campo institucional.		Humanista-Radical	Teórico-Empírico
Battilana (2006)	-	Indivíduos ou organizações que, devido à sua posição social, podem visualizar, criar e implementar mudanças nas condições institucionais.	Humanista-Radical	Teórico
Greenwood & Suddaby (2006)	Em campos maduros, o empreendedorismo institucional é	Atores expostos a estas contradições e, sendo moldados por estas, criam e	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico

	resultado da implementação de mudanças decorrentes das contradições inerentes a posição e exposição da própria instituição em seu ambiente institucional.	implementam mudanças nas instituições. Seja por perceberem novas formas em outras instituições, seja por perceberem fragilidades em sua própria instituição.		
Leca & Naccache (2006)	-	Atores que combinam e articulam lógicas institucionais frente a fatores contextuais e, por meio de discursos e ações, moldam as instituições para atender suas vontades.	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico
Maguire & Hardy (2006)	Criado por meio da interação entre discursos antigos e novos, que pode alterar as relações de poder entre os atores do campo institucional, motivando-os a mudar as formas institucionais, moldando-as por meio de seus discursos particulares.		Humanista-Radical	Teórico-Empírico
Reay, Golden-Biddle, & Germann (2006)	Uma sucessão contínua de 03 microprocessos realizado por atores específicos: Reconhecimento e criação de novas formas, adequação desta nova forma ao sistema estabelecido, valoração desta nova forma aos outros atores.	Indivíduos bem inseridos e bem familiarizados com seus colegas e locais de trabalho que, por esta posição, tem facilidade em identificar oportunidades de mudanças e o momento certo para implementá-las.	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico
Child, Lu, & Tsai (2007)	Uma ação <i>top-down</i> iniciada pelo Estado, que delega e autoriza agentes a implementarem e fiscalizarem estas novas regras, facilitando o processo de legitimação.		Funcionalista	Teórico Empírico
den Hond & de Bakker (2007)	Em grupos ideologicamente motivados acontece por meio da desinstitucionalização das estruturas consolidadas, seguidas pela institucionalização das práticas alternativas propostas.	Pessoas em grupo que partilham dos mesmos ideais e preocupações em um ambiente institucional. Por atuarem em grupo, sua força coletiva permite a eles superar problemas da ação coletiva.	Humanista-Radical	Teórico
Khan, Munir, &	-	Atores que possuem mais poder que	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico

Willmott (2007)		outros e o utilizam para consolidar suas mudanças.		
Levy & Scully (2007)	Um duelo estratégico, no qual o sucesso depende da dificuldade em conhecer de forma absoluta qualquer termo específico da conjuntura, dado que as dinâmicas do campo são indeterminadas.	Aquele que desenvolve e implanta estratégia para modificar o campo frente a uma inércia e resistência por parte dos defensores institucionais. Campo no sentido de rede de atores contingencialmente estável por meio do alinhamento de forças materiais, organizacionais e discursivas.	Humanista-Radical	Teórico
Lounsbury & Crumley (2007)	Um processo de teorização e prática das mudanças em determinados campos institucionais, onde a teorização e prática se alimentam mutuamente. Neste processo, tanto o campo quanto os indivíduos são considerados atores.	Aquele que tem o papel de catalisar a mudança institucional	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico
Mutch (2007)	Depende não somente das ações do ator original, mas de sua inserção em uma rede mais ampla que propagará estas mudanças, mas remetendo-as ao ator original.	Depende não somente das ações do ator original, mas de sua inserção em uma rede mais ampla que propagará estas mudanças, mas remetendo-as ao ator original.	Humanista-Radical	Teórico-Empírico
Wijen & Ansari (2007)	A mudança acontece por meio de 06 direcionadores: Manipulação da estrutura de poder, criação de uma visão comum, mobilização da maioria, conceber uma estrutura de incentivos apropriada, aplicar orientações éticas e utilizar mecanismos de implementação.	Pode ser fruto de uma ação coletiva a partir de poucos atores que criam agência entre si frente a um ambiente institucional.	Humanista-Radical	Teórico-Empírico
Zilber (2007)	É a mudança na ordem institucional sendo que esta mudança é proposta, justificada e legitimada por meio de histórias do ator que introduz a mudança. Além disso, as histórias são ajustadas conforme as mudanças no ambiente as negociações com os		Humanista-Radical	Teórico-Empírico

	demais atores.			
Levy (2008)	-	Indivíduos que adquirem consciência de suas identidades e interesses e, para alcançá-los, criam estratégias para mobilizar recursos, construir alianças, tratando estas questões de forma particular.	Humanista-Radical	Teórico
Battilana et al. (2009)	-	Agente que inicia mudanças divergentes, ou seja, mudanças que mexem com o <i>status quo</i> institucional em determinado ramo de atividade transformando as instituições ou criando novas.	Estruturalista-Radical	Teórico
Carney, Gedajlovic, & Yang (2009)	-	Empresa ou indivíduos que preenchem vazios institucionais e tem consciência que devem ativamente moldar as instituições capitalistas que governam seus interesses.	Estruturalista-Radical	Teórico
Czarniawska, (2009)		Atores que iniciam o processo de mudança, recrutando e aliciando outros atores, bem como traduzindo seus interesses e estabelecendo conexões entre os atores e interesses. Embora este ator seja indispensável, não é insubstituível, pois o foco é a ideia trazida pela mudança, não o ator.	Humanista-Radical	Teórico-Empírico
Mair & Marti (2009)	-	Atores que identificam vazios institucionais e modificam o ambiente institucional de modo a preencher este vazio. Devido a escassez de recursos presentes nestes casos, faz uso da bricolagem para vencer esta escassez.	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico
Santos & Eisenhardt (2009)	Acontece por meio da formatação dos limites organizacionais de modo a criar novos mercados e mudanças institucionais. Tal formatação é realizada por empresas sozinhas,	Neste caso, são empresas sozinhas que moldam os limites da firma criando novos mercados e mudanças institucionais. Isto acontece em 03 etapas: reivindicam um mercado,	Estruturalista-Radical	Teórico-Empírico

	localizadas na periferia e se tornam dominantes nos mercados criados, sem necessariamente se legitimarem.	tornando-se referência cognitiva nele; demarcam este mercado, definindo estruturas e papéis para os <i>players</i> presentes nele; controlam o mercado, eliminando ou comprando concorrentes.		
Dacin et al. (2010)	-	Indivíduos que buscam criar, erodir ou alterar arranjos institucionais já existentes.	Estruturalista-Radical	Teórico
Etzion & Ferraro (2010)	É um processo dinâmico de mudança institucional, que é legitimado pelo uso de analogias que, inicialmente, focam nas similaridades com o que já existe e gradualmente mostram, e legitimam, as diferenças.		Humanista-Radical	Teórico-Empírico
Tost (2011)		Considera ilegítimas as entidades sociais existentes e busca mudanças. Utiliza de sua posição social para persuadir outros da ilegitimidade do arranjo social presente e recrutar outros atores para ajudar na mudança.	Humanista-Radical	Teórico
Tracey, Phillips, & Jarvis (2011)	-	O indivíduo que, a partir das diversas lógicas presentes em ambiente institucional constrói sua própria lógica e com ela cria novas formas organizacionais.	Humanista-Radical	Teórico-Empírico

Fonte: Zanin et al (2015).

É possível observar que o interesse recai para a ação de atores que possuem os recursos necessários para imprimir mudanças nos campos em que estão inseridos, ainda que haja uma pressão institucional no sentido da estabilização e permanência. Nesse sentido, os empreendedores institucionais vão buscar a legitimidade de novas práticas e a exploração de fronteiras do seu campo de atuação (BARATTER; FERREIRA; COSTA, 2010).

De acordo com Zucker (1987), a capacidade de “agência e interpenetração institucional” pode fundamentar-se, dentre outros, pelo empenho coletivo de “empreendedores institucionais” com seus recursos pessoais para criação e recriação da estrutura institucional (apud DIMAGGIO, 1987). Nesse sentido, as diferenças entre as organizações são explicadas considerando suas: metas e valores; quanto mais alinhados (menos duvidosos), menos chances tem de serem subvertidos; sua legitimidade, conquistada por meio de controle propositivo do ambiente com a finalidade de acessar recursos e se manter a longo prazo; e seu poder relativo, que implica no seu alcance em termos de estratégias de controle, buscando reduzir os impactos sobre sua atuação.

Nesse sentido, dificilmente a mudança está associada a apenas um indivíduo, sendo assim, a articulação de alianças e mecanismos de cooperação são necessários para inserir mudanças a partir das interações e relações sociais reflexivas que não dão como definitivas o repertório já dado (BARATTER; FERREIRA; COSTA, 2010), compartilhando novos significados para serem difundidos.

Além disso, mobilizam recursos discursivos, técnico-material e estrutural, e também racionalidades, de modo a promover mudanças estratégicas, ou seja, oportunidades de inovação, especialmente em campos em processo de reinstitucionalização, já que a instabilidade (ou as lacunas) podem ser identificadas como oportunidade de nova forma de ação.

A questão que se segue é como o empreendedor institucional consegue introduzir inovações. Nesse sentido, de acordo com a sistematização de Ometto e Lemos (2010), a ação empreendedora envolveria a necessidade de possuir habilidades e maior capacidade de: “agência projetiva, reflexividade autônoma, performatividade, habilidade analítica, social, política e cultural que potencializam a atividade de empreendedorismo” (n.p).

A agência projetiva está relacionada à capacidade de conceber cursos de ação possíveis, ou seja, analiticamente avaliar possibilidades futuras. A reflexividade autônoma está presente quando a referência para a ação está menos absorta na lógica institucional e mais nas próprias preocupações do indivíduo que cogita transformar determinada instituição. A performatividade está relacionada à prática de indivíduos que são importantes para criar ou recriar atividades visando determinado objetivo. A habilidade analítica envolve a ação voltada aos fins a partir de

uma avaliação racionalista e estratégica (mais instrumental). A habilidade social viabiliza a cooperação entre os atores envolvidos no projeto institucional, pode ocorrer, dentre outras formas, pela bricolagem a partir da variedade de contextos institucionais disponíveis, interligando atividades, interesses e sentidos. A habilidade política também é necessária para atingir e manter esta cooperação, mas envolve também o uso de instrumentos legais por meio da autoridade formal, visando chegar a uma negociação ou ainda estabelecer uma agenda coletiva de atividades e coesão entre os envolvidos. Por fim, a habilidade cultural é importante para acionar e compreender normas culturais relacionadas à sociedade, especialmente no trabalho coletivo.

O processo de empreendedorismo institucional é complexo, lento e gradativo (OMETTO; LEMOS, 2010), uma vez que é condicionado pelo o contexto de referência, que “pode ser estabelecido pela proximidade geográfica, pela percepção da similaridade entre os atores, pela sua proximidade de conexão, pelo prestígio e *status* demonstrado e pela aparência de sucesso” (BARATTER; FERREIRA; COSTA, 2010, p.246). São os “repertórios de ação coletiva disponíveis” que irão atestar quais ações são legítimas em um campo numa determinação situação (p.247).

Assim sendo, entende-se que o empreendedor institucional possui características políticas e sociais únicas, e em decorrência disto, promove intervenções intencionando mudança a partir e nas relações entre os atores (p.256).

2.2 TEORIAS INSTITUCIONAIS E TURISMO

Esta seção busca apresentar a evolução institucional do campo acadêmico do turismo, enfatizando os aspectos relacionados à produção de conhecimento e educação em Turismo. Tal abordagem trata de reunir tópicos que descrevem brevemente o surgimento do fenômeno e da educação em turismo, os principais temas de estudo, a emergência da graduação e pós-graduação existentes na área e os estudos recentes que interseccionam os temas.

2.2.1 Emergência e institucionalização da Educação em Turismo

O turismo em seu formato em termos operacionais, motivacionais e de proporção são recentes na sociedade atual, já que os deslocamentos em períodos remotos não ocorriam da mesma forma (SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012). Sua origem pode ser atribuída

às ocorrências em larga escala favorecidas ou viabilizadas pelos inventos da Revolução Industrial, que propiciaram o chamado turismo de massa (SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012).

O tema vem recebendo maior atenção, especialmente, à medida em que ganha espaço na agenda internacional e econômica, e, com isso, requer a geração de conhecimento sobre a área (SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012; PIMENTEL, 2016).

No Brasil, a história do turismo é caracterizada por:

[...] um lento desenvolvimento atrelado aos picos de sucesso ou às crises da economia ao longo dos anos. Um país distante dos grandes centros emissores ocidentais e orientais, bastante fechado ao mundo durante décadas entremeadas de ditaduras (1930-1945; 1964-1985) e governos democráticos que nem sempre chegavam ao final dos mandatos presidenciais (Collor e Dilma). Seu ciclo de desenvolvimento acentuado, a partir dos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, sofreu a crise econômica devastadora de 2014/2015 e a crise sanitária, econômica e política de 2020, originada pelo novo coronavírus, o Covid-19 (TRIGO, 2020, p.07).

Segundo Silveira; Medaglia; Nakatani (2020), dois importantes fatores conduziram o surgimento da formação em Turismo, a saber: o incremento do mercado de serviços com o estímulo a novas atividades; e dois momentos marcantes que demarcaram o surgimento (1970) e ampliação (1990) da oferta dos cursos.

2.2.2.1 Primeiros cursos de graduação (1970-1990)

De acordo com a cronologia de Ansarah (2002), os primeiros cursos surgiram na década de 1970; já na década de 1980, há uma fase de estagnação relacionada a dificuldades econômicas do país; na década de 1990, ocorre um enaltecimento e crescimento numérico e territorial; e, a partir dos anos 2000, uma correspondência entre quantidade e qualidade, com um processo de redução dos cursos.

De maneira complementar, cabe mencionar que em fase anterior, ou seja, da década de 1960, tem-se a criação da Divisão de Turismo e Certames no Ministério da Indústria e Comércio; e em 1966, se preconiza a primeira Política Nacional de Turismo, como também a forma-se o Conselho Nacional de Turismo (PIMENTEL; PIMENTEL; CARVALHO, 2019) e a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR) (SOGAYAR e REJOWSKI, 2011).

Segundo o levantamento de Pimentel; Carvalho; Pimentel (2017), há 349 instituições de ensino superior (IES) que dispõem de alguma modalidade de formação vinculada ao

Turismo, em sua maioria, em instituições privadas. Vinculadas a estas instituições, identificaram que existem 564 cursos de graduação e técnicos somados na área. No quadro abaixo, pode ser observada a relação entre o total de IES e o total de IES com oferta específica em Turismo:

Quadro 1 – Total de IES do Brasil e total de IES com oferta educacional em Turismo

Educação Superior no Brasil							
Total de IES (2407)				Total de IES com cursos de Turismo (349)			
Universidade (192)	Universidade	Pub.	Priv.	Universidade (85)	Universidade	Pub.	Priv.
	(192)	96	96		(81)	40	45
	Universidade Tecnológica	Pub.	Priv.		Universidade Tecnológica	Pub.	Priv.
	(-)	-	-		(-)	-	-
Não-Universidade (2.215)	Centro	Pub.	Priv.	Não-Universidade (264)	Centro	Pub.	Priv.
	(188)	3	185		(41)	2	39
	Colégio Técnico	Pub.	Priv.		Colégio Técnico	Pub.	Priv.
	(-)	-	-		(-)	-	-
	Fundação/Faculdade/Academia	Pub.	Priv.		Fundação/Faculdade/Academia	Pub.	Priv.
	(1.753)	-	1753		(165)	-	165
	Instituto	Pub.	Priv.		Instituto	Pub.	Priv.
(206)	51	155	(54)	31	23		
Outros tipos	Pub.	Priv.	Outros tipos	Pub.	Priv.		
(68)	3	65	(4)	-	4		

Fonte: Pimentel; Carvalho; Pimentel (2017).

Semelhantemente a outras áreas, as graduações em Turismo são reflexos da flexibilização das leis que regulamentam o sistema de Educação Superior no Brasil nas últimas décadas (LEAL e PADILHA, 2008 apud SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012). Nessa época, o contexto dos anos 1990 era de abertura democrática e estímulo ao livre mercado, propiciando a abertura de instituições de ensino superior (IES), especialmente as privadas, e ocasionando a criação de cursos com relativo baixo investimento, como Administração e Direito (SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012).

Em 1971, surgiu o primeiro curso de bacharelado em Turismo no país, na atual instituição privada Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo; já na área pública, ocorreu em 1973, na Universidade de São Paulo, ambas funcionando como modelos para as demais que vieram a se estabelecer posteriormente (SOGAYAR e REJOWSKI, 2011).

Dessa forma, ao final da década de 1990, já havia passado de um número reduzido de cursos a um grande volume de oferta, chegando em 2002 a possuir 429 cursos (MATIAS, 2005), podendo ter chegado a duplicar este número três anos depois disto (LEAL e PADILHA, 2008 apud SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012), gerando grande contratação de docentes.

Um efeito colateral apontado por Lara (2010) era o descompasso entre a quantidade de cursos e a qualidade dos mesmos, em função da forma repentina pela qual foram conduzidas as aberturas.

Em decorrência deste cenário, tem-se um declínio em seguida, ou seja, uma queda da demanda, como consequência do contexto político nacional da época e não ocorrendo de maneira isolada com os cursos de Turismo (SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012). Além disso, outro fator a impactar foi a ampliação da oferta de cursos nas Instituições de Ensino Públicas, alterando o perfil na natureza da oferta formativa (LIMA; REJOWSKI, 2011; PANOSSO NETO, 2009).

Outro aspecto que Silveira; Medaglia; Gândara (2012) chamam atenção acerca da repercussão das ações do governo na formação são, para além das políticas educacionais, por incentivo da Organização Mundial do Turismo (OMT), a criação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) e, mais recente, o Programa Nacional de Regionalização do Turismo (PNRT). Na avaliação dos autores, ambas as políticas, apesar de marcarem o ensino superior na área, falharam em não incentivar a profissão. Além disso, sinalizam uma segunda contradição já que:

[...] essas duas últimas situações de influência governamental oriundas de órgãos federais ligados ao turismo, tiveram mais alcance sobre os aspectos operacionais, de aplicação de metodologias elaboradas pelo Governo Federal do que parcerias com a academia na área de turismo propriamente dita. Na verdade, a influência acadêmica sobre os últimos Programas Federais de Turismo veio das áreas puras de gestão e de institutos multidisciplinares, o que mostra que a academia, na área de turismo, sofre influência das Políticas Públicas, mas praticamente não as influencia (p.14).

Com o movimento de criação da graduação em Turismo, houve um esforço em definir o escopo de atuação do turismólogo, bem como das presumidas competências necessárias para sua atuação, iniciando, assim, delimitações de grandes áreas no final dos anos 1990, que correspondem a hospitalidade, eventos, gastronomia, lazer, alimentos e bebidas, planejamento turístico, políticas públicas, agenciamento, transportes, dentre outras, além da docência, adicionada com o passar do tempo entre graduados e pós-graduados (SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI, 2020; SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012). Esta fragmentação ocorreu tanto no mercado quanto na academia, sendo observada em diversos países e em teorias da área (TRIGO, 2020).

2.2.2.2 Primeiros cursos de pós-graduação e espaços institucionais de pesquisa, publicação e promoção científica (1990-2020)

Acerca da pós-graduação e formação docente, um fator de influência foi a própria legislação educacional, notadamente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), já que instituiu a obrigatoriedade de titulação de mestre e/ou doutor para atuar como docente no ensino superior, ocasionando uma demanda por formação em ambos os níveis para tornarem aptos os candidatos ou docentes ainda não titulados (SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012). Uma consequência disto, foram os estudantes recém-formados em áreas afins ou no próprio Turismo se inserem na condição de estudantes ou professores impactando no aumento da pluralidade de temas de estudo da própria área (PIMENTEL; PIMENTEL; CARVALHO, 2019).

Segundo Lima e Rejowski (2011), no contexto da pós *stricto sensu*, atribui como fundamental o programa em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) com a linha de pesquisa em Turismo e Lazer, na titulação de estudantes que vieram a atuar como docentes no país. Ainda de acordo com as autoras, os primeiros cursos neste nível de formação voltados particularmente para a área do Turismo, tem seu início a partir da década de 1990, com o Mestrado em Turismo e Lazer da USP e o Mestrado em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí, abertos em 1993 e 1997, respectivamente.

Em termos da trajetória histórica da pós-graduação na área (REJOWSKI; FERRO; SOGAYAR 2022), tem-se a seguinte síntese, considerando o ano de abertura do primeiro curso em 1993 até 2021:

Excluindo os cursos interinstitucionais, a sobrevivência dos cursos regulares cresceu entre 1993 a 2021: na década de 1990, dos três mestrados, apenas um permaneceu ativo; na década de 2000, quatro mestrados e um doutorado, de um total de nove cursos, permaneceram ativos; na década de 2010, todos os 18 cursos permaneceram ativos; e no início da década de 2020, dos 20 cursos apenas um ficou inativo. Esse resultado indica a consolidação da pós-graduação em TH&S na última década do período, apesar da oferta única dos programas centrados apenas em Hospitalidade e Lazer. A concentração dos cursos, inicialmente em instituições privadas, alterou-se a partir da década de 2010 com a sua maioria sendo ofertada pelas instituições públicas (p.13).

Atualmente, existem 14 cursos de pós-graduação na modalidade de mestrado profissional ou acadêmico, e/ou doutorado (mais recentes), tanto em instituições públicas e/ou privadas, majoritariamente iniciados nos anos 2000 (PIMENTEL, 2016). Os fatores apontados

por Pimentel (2016) referente a esta concentração são o estabelecimento do turismo enquanto política pública nesta época, bem como resultante dos primeiros incentivos de expansão da oferta, fortalecidos em seguida pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais de 2007.

Nesse sentido, um efeito direto deste transcurso, segundo o argumento de Silveira; Medaglia; Gândara (2012), foi o avanço nas teorias da área, que fortaleceram o campo de conhecimento, inclusive, elevando o status do Brasil na produção especializada em comparação a outros países da América Latina. Ainda assim, para Pimentel; Pimentel; Carvalho (2020), uma necessária renovação dos conhecimentos do campo ainda se encontra incipiente. Considerando a expansão de cursos no mercado educacional, outra decorrência, de acordo com Mota (2006), foi o aumento de publicações bibliográficas segmentadas.

Segundo o levantamento de Pimentel (2016), aproximadamente a metade dos programas de pós-graduação em Turismo possuem periódicos científicos, bem como grupos e projetos de pesquisa ativos. Na síntese da autora, de maneira geral, estes possuem como objetivos “formar pesquisadores e produzir conhecimentos para a qualificação dos estudos, dos profissionais, e do setor turístico em geral” (p.310).

Pimentel; Carvalho; Pimentel (2017) identificaram 57 Estruturas Formais de Investigação em Turismo (EFITs), que são “estruturas organizacionais de compilação de conhecimento turístico” (p.1773), contudo, apenas estão presentes em 33 das 349 IES ofertantes de cursos de Turismo, em sua maior parte em universidades (23). Em termos de publicações científicas, foram identificados 18 periódicos científicos em 17 IES, em sua maioria em universidades. Dessa forma, a partir da avaliação e dos resultados evidenciados pelos autores, revela-se uma assimetria na relação entre oferta educacional em turismo e as EFITs, defendido como necessários o equilíbrio e a diversificação deste cenário, afim de favorecer mudanças qualitativas na área, tanto na frente de pesquisa quanto profissional.

A partir de um levantamento mais recente e amplo (PIMENTEL; CARVALHO; PIMENTEL, 2019), que abarca os últimos 50 anos, tem-se que, dentre 234 EFTIs identificadas e classificadas entre 1964 e 2016 neste estudo, há:

[...] 3 etapas que marcam o processo de institucionalização das EFIT no Brasil; 1) na primeira fase (1964-2001) de Habitualização, criaram-se cursos superiores para a formação em turismo, expandiu-se o tema “turismo” no ambiente acadêmico e observou-se sua inserção como linha de pesquisa; 2) na segunda fase, da Objetivação (2002-2009), o tema consolidou-se via criação de grupos específicos de pesquisa, em grande quantidade; e 3) na terceira fase (2010-atual), se sedimentam as EFIT, observa-se o contingente de egressos de

graduações em turismo, já com mestrado e doutorado, e inseridos em IES como professores-pesquisadores, que começam a formar as novas gerações (p.31).

O movimento de institucionalização das EFTIs configura contextos interessantes para pensar o campo, também em função de vivenciarmos a presente fase em que os egressos de cursos de Turismo, já titulados e estabelecidos como professores-pesquisadores, formam novas gerações (PIMENTEL; CARVALHO; PIMENTEL, 2019).

Diante do relatado, apresentamos elementos em que se observa “primeiro, a emergência e a estruturação de um campo organizacional como resultado de atividades de um grupo diverso de organizações; e segundo, a homogeneização dessas organizações e, da mesma forma, dos ingressantes, uma vez que o campo seja estabelecido” (p.75).

2.2.2 Estudos recentes sobre Teoria Institucional e Turismo

Acerca dos estudos recentes, foram encontrados os resultados abaixo na busca do termo “teoria institucional” no repositório Publicações de Turismo/USP – banco de textos especializado na produção acadêmica em Turismo - acessado em 27 de setembro de 2021 e resumidos em um quadro na última parte desta seção.

Neste estudo, os autores Endres e Pakman (2019) recorrem ao neoinstitucionalismo para destacar a importância das instituições e da compreensão acerca de como estas influenciam o comportamento orientado para a busca de legitimidade. A pesquisa trata, especificamente, da gestão participativa vinculada a implantação de políticas públicas de turismo da Paraíba como objeto de reflexão e análise. Com isto, o estudo buscou identificar dentro dos espaços deliberativos considerados, os vínculos institucionais entre os agentes envolvidos, bem como os processos isomórficos observáveis no campo organizacional em questão. Para isto, a metodologia utilizada foi a Análise de Redes Sociais. Os resultados afirmam que o modelo de gestão promovido influencia o comportamento dos atores locais e suas estratégias.

Neste estudo, os autores Wilke e Rodrigues (2013) recorrem ao conceito de legitimidade para identificar quais são os fatores determinantes, especificamente, para o ramo hoteleiro, que levam ao isomorfismo institucional de organizações deste setor. Dessa forma, aplicou-se uma leitura conceitual da teoria institucional, com ênfase nos tipos de legitimidade, para a análise de características de tais instituições por ser um elemento importante para elevar seu reconhecimento. Diante disto, distinguiram que ocorrem as fontes de pressão normativa, coercitiva e mimética no segmento.

Neste estudo, os autores Pimentel; Carvalho; Pimentel (2019) analisam se o Turismo se configura como um campo de conhecimento institucionalizado expresso/observado a partir das “características estruturais” de grupos de pesquisa da área nomeadas de Estruturas Formais de Investigação em Turismo (EFIT). Combina as perspectivas histórica e sociológica da teoria institucional visando identificar os processos em questão, com base no conceito de dependência de trajetória e das categorias de análise da habitualização, objetivação e sedimentação. A metodologia adotada foi censitária buscando descrever e explicar o perfil e atuação dos grupos com base no tipo de vinculação, localização, ano de criação, temáticas, área do conhecimento, recursos humanos, formação e situação do membro. Dessa forma, o estudo apresenta como resultado a identificação da fase de habitualização entre 1964 a 2001 quando da criação, inserção e expansão; fase de objetivação entre 2002 a 2009, quando da consolidação, e a terceira fase entre 2010 até o momento atual, com a formação de novas gerações de docentes e pesquisadores graduados na área.

Neste estudo, Falaster; Zanini; Guerrazzi (2017) utilizam a teoria institucional para analisar a imagem do destino por meio dos conceitos de legitimidade, isomorfismo, hibridização e categorização. Além disso, busca demonstrar como esta teoria encontra-se subutilizada na área do Turismo. Possui como abordagem metodológica a revisão de literatura, bibliometria e análise teórica. Os resultados apontam que a teoria institucional pode fornecer outras possibilidades de compreensão de temas recorrentes em Turismo, favorecendo e acrescentando explicações institucionais.

Neste estudo, Cintra; Amâncio-Viera; Costa (2016) combinam teorias do stakeholder e do institucionalismo de vertente sociológica para delinear e analisar a configuração do campo vinculado ao turismo de Londrina-PR. Esta junção busca dar ênfase à relação entre o conceito de ambiente e de comportamento dos agentes, entendidos aqui como stakeholders. A metodologia utilizada segue uma abordagem qualitativa de estudo de caso com finalidade descritiva. Os resultados encontrados descrevem a formação e configuração do campo, a partir da teoria institucional e, a classificação dos stakeholders, a partir da teoria correspondente.

Dentre outros estudos recentes tem-se o artigo de Carrieri; Saraiva; Pimentel (2007) que discorre sobre o histórico de desenvolvimento e de mudanças da Feira Hippie, tendo como base a teoria institucional (para análise organizacional) e a questão da identidade. A finalidade da pesquisa foi investigar a “influência e as ações dos diversos atores envolvidos nessa organização no processo de transformação de um espaço originalmente destinado à exposição de arte, em um território no qual interagem diversos atores, tendo como pano de fundo a questão do comércio” (p.01).

Os autores explicam que no nível macro foi considerado o ambiente institucional; no nível “meso”, a própria instituição “Feira”; e, no nível micro, a identidade do feirante expositor. Posteriormente, foram integrados e analisados todos os níveis sob a ótica institucional. O institucionalismo privilegia as instituições na análise organizacional (CARRIERI; PIMENTEL, 2008), ou seja, o foco recai sobre os aspectos que se mantêm ao longo do tempo e sobre os mecanismos que as constroem e estabilizam.

Dentro das discussões teóricas do artigo, as instituições são entendidas como “idéia de valores e normas sociais estáveis que impõem restrições a alternativas de ação ou estabelecem ‘scripts’ e rotinas comportamentais adequadas a contextos específicos de ação social” (PRATES, 2000, p.91 apud CARRIERI; SARAIVA; PIMENTEL, 2007, p.03). O conceito de campo organizacional também é apresentado como fundamental para a teoria institucional e pode ser entendido como o “ambiente em que as organizações interagem” (p.03). O ambiente institucional pode levar as organizações a se tornarem parecidas, o que definiria em termos gerais o “isomorfismo institucional”. Nesse sentido, o campo organizacional pode propiciar uniformidade e determinismo, mas, por outro lado, pode proporcionar a compreensão de uma dimensão simbólica mais abrangente. Para a teoria institucional “fatores de natureza mais ampla configuram as ações de indivíduos, grupos e organizações em um determinado contexto, de acordo com uma certa lógica sugerida pelas instituições dominantes naquele campo” (p.03). A conclusão apontada pelos autores é de que os sujeitos em um campo agem visando a legitimidade (do mais apropriado) e a referência historicamente construída (de quem tem mais poder).

O artigo discorre, então, sobre a institucionalização da Feira Hippie da capital mineira. Seu processo é descrito em cinco períodos. O primeiro (1969 a 1973) trata do surgimento da feira e seu estabelecimento em certo local da cidade, chamado de Praça da Liberdade. A feira era vista ali como uma reunião familiar de artesãos que não possuíam o comércio como foco. O segundo (1973 a 1983) trata da interferência e institucionalização por meio de cadastros realizados pela Prefeitura local, sob o modo do isomorfismo coercitivo, pois passava a regular com rigor quem poderia ter um espaço na feira. O terceiro (1983 a 1989) trata da descaracterização da proposta inicial da feira em função de um aumento significativo de expositores e o afrouxamento do rigor de inclusão. O quarto (1989 até 1991) trata da tentativa do poder público em retomar o controle da feira em função de diversos problemas que começaram a surgir. Foi criado o Programa de Reorganização que trouxe as diretrizes de restauração da praça e da feira. Surge também a padronização das barracas, expressa pelo

conceito de isomorfismo. O quinto (1991 a 2005) apresenta a busca pela permanência, apesar de vários problemas, especialmente àquele ligado ao número excessivo de expositores.

Dessa forma, a conclusão trazida pelos autores é a verificação do processo de institucionalização da feira, que foi baseado em orientações diversas e ocorreu com a presença do isomorfismo do tipo coercitivo (por meio do Estado), isomorfismo normativo (quem poderia fazer parte da feira como expositor) e o isomorfismo mimético (na padronização do modo de agir dos feirantes). Demonstra que se trata de um processo histórico influenciado pelos atores do campo no decorrer dos anos com o objetivo de manter a legitimidade.

Diante deste breve levantamento, conclui-se que o desenho e objetivo desta dissertação complementa os estudos desenvolvidos até o momento, pois não foram identificadas outras pesquisas semelhantes que busquem compreender a formação do campo acadêmico do Turismo a partir de seus agentes, especialmente utilizando a teoria institucional.

Quadro 2 – Teoria institucional e Turismo

AUTOR	TÍTULO	OBJETIVO	CONTEXTO	METODOLOGIA	RESULTADOS
Endres, Ana Valéria Pakman, Elbio Troccoli (2019)	A governança das políticas de turismo: o papel dos espaços de participação na perspectiva da análise de redes e da teoria institucional	Analisar como os espaços de deliberação entre os atores estatais e não-estatais fortalecem a nova governança projetados pelas políticas de turismo.	Políticas públicas de turismo na Paraíba/Brasil que promoveram espaços de participação.	Qualitativa: entrevistas, análise documental e bibliográfica; sociogramas/Análise de Redes Sociais – ARS.	Sugere que os espaços de participação institucionalizados pela nova governança têm potencial transformador da realidade turística da Paraíba, pois influem nas ações e estratégias dos atores locais.
Wilke, Erick Pusch Rodrigues, Leonel Cezar (2013)	Fontes de pressão institucional: reflexões sobre legitimidade na indústria hoteleira brasileira	Estabelecer reflexões a respeito da legitimidade na indústria hoteleira e os fatores que determinam sua ocorrência.	Indústria hoteleira brasileira.	Qualitativa: revisão de literatura	Identifica que as principais fontes de pressão institucional de legitimação das organizações hoteleiras são: utilização de mão de obra gerencial e técnica, o atendimento as exigências legais imperativas e facultativas e a imitação das organizações de sucesso.
Pimentel, Thiago Duarte Carvalho, Fabíola Cristina Costa de Pimentel, Mariana Pereira Chaves (2019)	O Processo de Institucionalização das Estruturas Formais de Investigação em Turismo (EFIT) no Brasil	Analisar o processo de institucionalização das Estruturas Formais de Investigação em Turismo/EFIT no Brasil, através da teoria institucional, em sua perspectiva histórica.	Estruturas Formais de Investigação em Turismo/EFIT no Brasil.	Quali-quanti: Censo/explicativa-descritiva	Identifica a fase de habitualização entre 1964 a 2001 quando da criação, inserção e expansão; a fase de objetivação entre 2002 a 2009, quando da consolidação, e a terceira fase, entre 2010 até o momento atual, com a formação de novas gerações de docentes e

					pesquisadores graduados na área.
Kalaoum, Fausi Trigo, Luiz Gonzaga Godoi (2021)	Reflexões Teóricas sobre Governança Pública e Governança Turística	Estimular e contribuir com uma construção teórica sobre Governança e sua aplicação na Governança Turística.	Literatura sobre Governança.	Qualitativa: revisão bibliográfica.	Identifica divergências ou pouca precisão do conceito de Governança, e elementos em comum na literatura que podem auxiliar uma melhor compreensão desse construto.
Falaster, Christian Zanin, Luis Miguel Guerrazzi, Luiz Antonio (2017)	Teoria institucional na pesquisa em turismo: novas oportunidades de uma teoria em evolução	Analisar a imagem do destino por meio dos conceitos de legitimidade, isomorfismo, hibridização e categorização.	Literatura sobre Teoria Institucional.	Qualitativa: revisão de literatura, bibliometria e análise teórica.	Defende que a teoria institucional pode fornecer outras possibilidades de compreensão de temas recorrentes em Turismo, favorecendo e acrescentando explicações institucionais.
Endres, Ana Valéria Matias, Esdras Matheus (2019)	A trajetória das políticas de turismo a partir das perspectivas do institucionalismo histórico: o caso da Paraíba	Examinar a trajetória dos principais atores que estão diretamente envolvidos com o desenvolvimento do turismo.	Paraíba a partir da década de 1970.	Qualitativa: revisão bibliográfica; análise documental e entrevistas.	Aponta que as perspectivas sobre a efetividade das políticas passam pela construção de maior autonomia e capacidade institucional dos atores governamentais e da sociedade civil.
Silva, Cleber Gomes da (2017)	Impactos de programas nacionais de turismo sobre as instituições e organizações	Investigar como o poder público estabeleceu historicamente estímulos à atividade turística a partir de uma abordagem econômica e	Pará/Brasil.	Quali-quantitativa: amostragem de 23 municípios do Pará (Brasil) atendidos por programas nacionais de turismo; análise	Revela o perfil institucional e organizacional do turismo, na escala local.

	turísticas nos municípios do Pará (Brasil).	seus reflexos na institucionalização do turismo municipal.		documental e entrevistas.	
Antunes Almeida, Graziela Mota Borges, Rafael Jefferson Amâncio-Vieira, Saulo Fabiano (2017)	Processo de institucionalização da pesquisa com Pinhão-Manso: um estudo na Embrapa-DF	Analisar a institucionalização do processo, identificando as etapas, desafios e resultados alcançados nos últimos anos.	EMBRAPA - DF	Qualitativa: estudo de caso único.	Identifica que a cultura desta semente no país encontra-se no estágio da habitualização ou pré-institucionalização.
Cintra, Renato Fabiano Amâncio-Vieira, Saulo Fabiano Costa, Benny Kramer (2016)	Stakeholder theory e institucionalismo sociológico: complementações para análise do turismo local	Analisar e delinear a configuração do campo organizacional do turismo local, a partir das teorias do stakeholder e institucionalismo sociológico.	Londrina-PR	Qualitativa: estudo de caso; descritiva.	Descreve a formação e configuração do campo, a partir da teoria institucional e, a classificação dos stakeholders, a partir da teoria correspondente.
Gonzalez Torrerros, Lucia Santana Medina, José Luis Lozano Uvario, Katia Magdalena Castañeda Castro, Rosalba (2020)	Airbnb en Ajijic, Jalisco. Una nueva forma de turismo residencial e impulso al desarrollo inmobiliario. Un análisis desde la Nueva Teoría Institucional	Refletir sobre as instituições que são criadas, sobre os direitos de propriedade e os custos de transação imobiliária.	Lago Chapala/Guadalajara/México	Qualitativa: estudo de caso.	Reflete sobre as instituições ligadas a produção imobiliária e o mercado turístico local.
Cuéllar-Molina, Deybbi Guadalupe Lucia Casademunt, Ana María García-Cabrera,	Entorno institucional y bienestar laboral en la gobernanza del sector turístico: un estudio europeo.	Analisar o efeito das instituições sobre o bem-estar e, particularmente, diferencia empregados e	Empreendedores e empregados da indústria do turismo em 27 países europeus	Quali-quantitativa: teste de hipótese	Aponta efeito direto das instituições nacionais no bem-estar no trabalho, sendo este efeito maior na subamostra dos

Antonia Mercedes (2015)		empresários como recursos humanos na indústria do turismo.			empregados do que nos empresários.
Riquel Ligeró, Francisco Vargas Sánchez, Alfonso (2012)	El entorno institucional de carácter medioambiental de los campos de Golf Andaluces: un análisis factorial	Tipificar o entorno institucional em que operam os campos de Golf Andaluces.	Golf Andaluces	Quantitativa: análise factorial	Destaca a pressão coercitiva como consequência de uma extensa regulamentação legal de carácter ambiental que afeta os campos de golfe da Andaluzia.
Sánchez-Fernández, María Dolores (2014)	Institutional context of hotel social responsibility in the euro-region: a factorial análisis	Investigar qual dentre três pressões institucionais propostas por Deephouse exercem maior pressão no entorno.	Euroregião Galicia e Norte de Portugal.	Quantitativa: análise factorial	Identifica a pressão normativa e coercitiva são as mais incidentes no contexto institucional analisado.

Fonte: elaboração própria a partir do conteúdo dos artigos (2021).

2.3 SÍNTESE TEÓRICA

Diante do referencial teórico apresentado neste capítulo acerca das teorias institucionais e tendo como enfoque uma abordagem mais orientada ao interpretativismo, apresenta-se o modelo teórico-analítico desta pesquisa, acionado para auxiliar na interpretação dos dados coletados junto aos indivíduos inseridos na realidade observada, a fim de compreender como estes empreendedores institucionais afetam o processo de (re)institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil.

Quadro 3 - Síntese do modelo teórico-analítico

AUTOR	CONCEITO	DEFINIÇÃO	O QUE QUERO SABER
DiMaggio e Powell (2005)	Isomorfismo	Processo de diminuição da diversidade de um campo organizacional altamente estabelecido, ou seja, de homogeneização	Bases para ações em termos de repertórios informados pelo contexto familiar e de formação de referência
Scott (1994) Selznick (1996)	Cognição estruturada	Posiciona a mente socialmente construída entre a cultura e a organização, estabelecendo a ligação entre elas	Bases para ações em termos de repertórios informados pelo contexto social de referência
DiMaggio e Powell (2005)	Legitimidade e eficácia simbólica	Imaginários ou mitos que sirvam de modelo para a ação (regras, procedimentos, valores e normas)	Bases para ações em termos de repertórios informados pelo contexto social de referência
DiMaggio e Powell (1988)	Empreendedor institucional	O agente ou grupo de agente, que procura criar uma nova instituição ou modificá-la, conforme o seu interesse ou o interesse coletivo, por meio do uso de recursos, intencional e conscientemente	Ações que distinguem e configuram a atuação empreendedora no campo a partir do avanço de suas carreiras profissionais (sequência de conduta)

Fonte: elaboração própria (2022).

Busca-se avançar na agenda de pesquisa atual analisando três grandes aspectos das ações sociais (condutas individuais) destes atores chaves da terceira geração de acadêmicos do campo, ao recorrer a teoria institucional para estabelecer relações entre: as bases de suas

decisões pessoais e profissionais; a escolha pela formação em Turismo; e suas práticas enquanto acadêmicos do campo.

Dessa forma, as categorias teóricas mencionadas acima buscarão apreender os objetivos da pesquisa, reforçados a seguir: a identificação dos agentes individuais estratégicos da área e seus perfis, considerando o reconhecimento dos pares e as histórias de vida dos entrevistados pertencentes à terceira geração. Quem são estes agentes em termos biográficos? Quais condições reúnem para ocuparem tais posições?

Além disso, estabelecer o entrelaçamento entre a história pessoal e profissional/institucional, a partir de suas trajetórias, eventos marcantes e contribuições realizadas no campo acadêmico do Turismo. Como se deu e quais motivações tiveram para o ingresso nas carreiras em Turismo? Como sua participação interfere nos processos do campo?

Por fim, analisar organizacional e institucionalmente como a teia de contribuições, papéis e realizações individuais se entrelaçam com as contribuições e realizações institucionais do campo acadêmico do Turismo. Como se deu a construção e o estabelecimento de suas carreiras no Turismo e para o Turismo?

3 METODOLOGIA

Neste terceiro capítulo são apresentadas as definições e justificativas dos procedimentos metodológicos empregados para alcançar o objetivo perseguido por esta pesquisa. A seção indica os meios utilizados para demonstrar como os dados foram consolidados, bem como da possibilidade de sustentação dos resultados da pesquisa.

Busca-se descrever a natureza qualitativa da pesquisa e sua tipologia descritiva-explicativa, seguidas do método biográfico utilizado - a saber - história de vida curta, explicitando os critérios de composição do conjunto de participantes envolvidos. Menciona-se, também, a aproximação introdutória e motivadora pela temática, realizada com a finalidade de contextualizar a formulação da proposta e suas possibilidades de contribuição.

Procura-se retomar e evidenciar o objeto de estudo e suas unidades de análise, a fim de delimitar com clareza as dimensões institucionais e individuais que esta pesquisa buscará analisar de maneira imbricada, partindo das biografias de vida dos agentes, especialmente em seus feitos no âmbito profissional, para desvelar aspectos mais coletivos que afetam o processo em termos institucionais.

Posteriormente, demonstra-se o procedimento técnico e analítico que envolve as formas de coleta de dados utilizadas, bem como as técnicas de tratamento dos mesmos. Por fim, são sinalizadas as limitações e possibilidades da metodologia considerando, ainda, as implicações do cenário pandêmico da COVID-19, período em que foi realizada esta pesquisa.

3.1 ORIENTAÇÃO DA PESQUISA

A definição de pesquisa qualitativa aqui adotada fundamenta-se de acordo com Denzin e Lincoln (2005), que a considera:

[...] multiparadigmática em sua essência e seus pesquisadores valorizam a abordagem multimétodo. São comprometidos com uma perspectiva naturalística e uma compreensão interpretativa da experiência humana. Ao mesmo tempo, o campo é inerentemente político e permeado por múltiplas questões políticas e éticas (p.7).

Nos termos de Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa tem como parâmetros: privilegiar a apreensão e perspectiva dos pesquisados; o contato com o espaço empírico/social; a atuação do próprio pesquisador que, por sua vez, também é uma figura central para o

funcionamento operacional e reflexivo deste tipo de investigação; e a apresentação de forma descritiva na exposição e comunicação de seus resultados, que serão elaborados a partir da análise transcorrida em “aproximações sucessivas” entre a realidade e a redação final dos resultados.

Semelhantemente, para Lincoln e Denzin (2006), as exigências envolveriam: o transcorrer da pesquisa no mundo natural; a abordagem multimétodo; a ênfase no contexto; a flexibilidade em termos de abertura para novas possibilidades de pesquisa; adoção de uma abordagem, sobretudo, interpretativa; e sua dimensão moral enquanto prática.

É importante ressaltar que nem todas as referidas características precisam, obrigatoriamente, compor um mesmo estudo (GODOY; BRUNSTEIN, 2020). Em conformidade com os interesses da pesquisa, a cientista ou o cientista poderá valer-se de abordagens diferenciadas, mas que guardam entre si a busca pela compreensão da vida social, expressas e passíveis de observação em suas variadas dimensões.

Dessa forma, a proposta de orientação qualitativa se torna pertinente nos casos em que se deseja obter uma visão holística, aprofundada e intensa do fenômeno analisado, como também em acessar o conhecimento de como as pessoas atribuem significado e refletem sobre o mundo social, os eventos e os ambientes (BRYMAN, 2012). Existem diversas maneiras de analisar dados no âmbito da pesquisa qualitativa. O emprego de determinadas estratégias a serem utilizadas varia, portanto, de acordo com a finalidade da pesquisa, a natureza da pergunta motivadora e dos dados com os quais lida (GODOY; BRUNSTEIN, 2020).

3.2 TIPOLOGIA DA PESQUISA

Considerando as definições acima, justifica-se a adoção de tal orientação uma vez que este trabalho buscará analisar como as ações sociais (condutas individuais) de atores-chaves empreendedores institucionais afetam o processo de (re)institucionalização do campo acadêmico do Turismo no Brasil turístico, configurando uma pesquisa do tipo descritiva-explicativa. Para isso, sistematizará a apreensão da realidade por meio de documentos, bibliografias e entrevistas, de maneira a lançar mão de explicações acerca do mundo social e reunir dados que, após serem analisados e elaborados, serão expressos e transformados em forma de novos conhecimentos.

A pesquisa bibliográfica é aquela em que se recorre a conteúdos acadêmicos para explorar e, posteriormente, avançar na formulação de novas questões acerca do tema, seguindo

um percurso procedimental de “apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico” (LIMA; MIOTO, 2007, p.44). Nesse sentido, também foi gerenciada e aplicada a revisão de literatura acerca dos temas específicos, buscando conhecer o que já foi escrito e publicado nos bancos de textos das áreas de Turismo e Administração.

A pesquisa documental é aquela em que se utilizam documentos como fontes secundárias, considerando o contexto da produção, o (s) autor (es), a credibilidade e a natureza dos mesmos, com a finalidade de acessar acontecimentos específicos registrados recentemente ou não (CELLARD, 2008). As fontes documentais também são úteis para ratificar e fortalecer evidências provenientes de outras fontes (YIN, 2005). Nesse sentido, recorreremos a textos de domínio público que tratam do tema/problema, como sites de associações, memorandos pessoais, reconhecimentos públicos e reputação na comunidade científica.

3.3 MÉTODO DA PESQUISA

Já o método biográfico de história de vida se justifica em função de possibilitar o acesso ao relato das experiências de vida dos participantes da pesquisa, fornecendo material para reconhecer “processos sociais, as instituições, os relacionamentos e os discursos” (GODOY; BRUNSTEIN, 2020, p.502), visando registrar os acontecimentos significativos de suas trajetórias no âmbito específico desta pesquisa enquanto fontes primárias.

Este método foi ganhando maior destaque, sobretudo a partir de 1980, entre os estudos sociológicos e, mais paulatinamente, nos estudos organizacionais (FERREIRA; GODOY, 2020). A definição de história de vida envolve “o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (QUEIROZ, 1991, p.06). O material resultante se perfaz com a construção de uma narrativa que abrange os estágios da infância até o momento atual, revelando experiências vividas, temas, contextos, influências, injunções, lições e emoções (FERREIRA; GODOY, 2020).

Ainda sobre este método é importante mencionar que, segundo Plummer (2001), existe uma diferenciação entre história de vida curta e história de vida longa. Isso se dá considerando a delimitação e a amplitude da história coletada. A história de vida longa abarca maior extensão da vida de um informante, bem como é complementada com várias entrevistas e outras fontes

de dados. Já a história de vida curta é mais direcionada e se detém a temas selecionados, especialmente quando é necessário entrevistar uma quantidade maior de pessoas.

Nesse sentido, esta pesquisa se valerá da estratégia de história de vida curta, aplicando entrevistas em profundidade, por meio de um roteiro de perguntas abertas que contemplam brevemente aspectos de seus ciclos de vida, e dando maior destaque à trajetória e posicionamentos acadêmicos/profissionais dos entrevistados. Esta escolha se justifica em função do número de entrevistados convidados e pela busca de convergir um conjunto de histórias de vida de sujeitos que interagem no campo institucional.

3.4 OBJETO DE ESTUDO, UNIDADES DE ANÁLISE E *CORPUS*

O objeto de estudo e as unidades de análise desta pesquisa contemplam, portanto, respectivamente, a institucionalização do “subcampo acadêmico do turismo” no Brasil (PIMENTEL, 2013) e a análise da biografia dos agentes individuais estratégicos deste campo, não sendo identificados até o momento outros trabalhos que apresentem esta perspectiva de análise, demonstrando uma abordagem contributiva para o campo de estudos do Turismo. O primeiro é abordado como pano de fundo para capturar as características do ambiente institucional/campo institucionalizado no qual os pesquisados estão vinculados, por extensão, com suas trajetórias reveladoras do mesmo, sendo estas o enfoque proposto, sob uma perspectiva histórico-social.

Para conhecer as trajetórias dos atores pesquisados será utilizado um roteiro semiestruturado de entrevista em profundidade. As entrevistas que têm como finalidade a pesquisa qualitativa apresentam três condições fundamentais, a saber:

[...] que o entrevistado possa expressar-se a seu modo face ao estímulo do entrevistador, que a fragmentação e ordem das perguntas não sejam tais que prejudiquem essa expressão livre, e que fique também aberta ao entrevistador a possibilidade de inserir outras perguntas ou participações no diálogo, conforme o contexto e as oportunidades, tendo sempre em vista o objetivo geral da entrevista” (GODOY et al, 2016, p._).

Para isso, o *corpus* da pesquisa se concentrou em 13 cientistas de nacionalidade brasileira⁴, de qualquer identificação racial ou de gênero, vinculados diretamente ao campo

⁴ Foram realizadas 19 entrevistas, dentre as quais 13 foram consideradas válidas para as finalidades de recorte analítico desta pesquisa. As demais serão utilizadas para complementar a agenda programática mais ampla do projeto “Institucionalização do Subcampo Acadêmico do Turismo no Brasil: uma análise da história de vida dos

acadêmico do Turismo, desde que pertencentes à “terceira geração” (PIMENTEL; CARVALHO; PIMENTEL, 2019). Em termos amostrais, portanto, implica no critério de bola de neve e não-probabilística intencional. Entende-se que esta quantidade forneceu possibilidades de comparação, diversidade de posicionamentos, vínculos e vivências do mesmo processo em curso.

A referência geracional aqui mencionada, considera a identificação e classificação de três etapas do processo de institucionalização de estruturas formais de ensino e pesquisa em turismo no país, a saber: 1) de 1964 a 2001, sua primeira fase, com o surgimento de formações superiores em turismo, a difusão enquanto tema e linha de pesquisa; 2) de 2002 a 2009, sua segunda fase, com o fortalecimento do tema a partir do aumento de grupos de pesquisa próprios; e 3) a partir de 2010, sua terceira (e atual) fase, a partir do estabelecimento de um contingente de egressos da área, com formação de pós-graduação, ocupando institutos de ensino superior na condição de professores-pesquisadores e formando novas gerações (PIMENTEL; CARVALHO; PIMENTEL, 2019). Nesse sentido, esta pesquisa tem como enfoque o contexto e os agentes da terceira fase, especialmente aqueles que concluíram a graduação a partir dos anos 2000 e estão atuando na área de maneira reconhecida entre os pares acadêmicos.

A seleção dos sujeitos participantes se deu pela investigação de nomes, bem como por meio de contato oportuno já existente com alguns destes, e da indicação de novos participantes por eles mesmos, dentro dos critérios estabelecidos. Foi utilizado como recorte analítico os membros da Academia Internacional para o Desenvolvimento da Pesquisa em Turismo no Brasil (ABRATUR). Fundada em 2011, a ABRATUR é formada por pesquisadores do Turismo inseridos na comunidade acadêmica internacional e envolvidos com a pesquisa brasileira⁵.

3.5 FONTES E FORMAS DE COLETA DE DADOS

Além da coleta de dados por meio da aplicação e condução das entrevistas semi orientadas, foi utilizada uma ficha para cada informante para complementação, contendo os seguintes dados pessoais: nome (que será omitido da publicação dos dados em função do sigilo ético); nacionalidade; gênero; instituição, curso e década em que se graduou; idade; profissão dos pais; modalidade de curso no ensino básico; áreas de atuação; estado civil; se possui filhos

agentes individuais estratégicos e sua contribuição para a emergência do campo turístico”, do grupo de pesquisa Centro Latino Americano de Turismologia (CELAT).

⁵ Fonte: <https://sites.google.com/site/abratourbrasil/>. Acesso em 30 de novembro de 2021.

e/ou irmãos; cidades natal e atual. Estes dados são importantes para o processo de análise, especialmente no que se refere à explicitação de divergentes experiências e/ou concepções de vida.

As entrevistas foram feitas de maneira interativa por meio virtual e sob os termos éticos que respaldam a participação dos informantes de maneira transparente, esclarecida e acordada por meio de convite. A condução da entrevista semiestruturada foi feita pela pesquisadora junto aos participantes via plataformas de comunicação com registro de áudio. O procedimento de aplicar perguntas semiestruturadas se justifica pela necessidade de, neste tipo de pesquisa, haver espaço para emergirem as perspectivas dos entrevistados e os aspectos que lhes são relevantes, ainda que sejam utilizadas questões orientadoras/abordagens categoriais previamente sustentadas com base no referencial teórico ou em evidências de pesquisas anteriores.

Dessa forma, utilizou-se como instrumento de coleta de dados um roteiro de entrevistas em profundidade, disponível no Apêndice A, com a finalidade de produzir informações que subsidiassem a elaboração interpretativa resultante da abordagem qualitativa da pesquisa. Este movimento, conforme reforça Godoy e Brunstein (2020) ao retomarem as características e propósitos da pesquisa de natureza qualitativa, é um processo que consiste, de maneira geral, em formular problemas de pesquisa e investigar possíveis respostas ao transformar dados sistemáticos coletados em informações e, ao final, em conhecimento.

3.6 TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS

O tratamento dos dados será feito por meio da técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2010) com categorias definidas *a priori* e *a posteriori*, podendo haver interações entre a fase de coleta e análise, a fim de favorecer melhores conexões interpretativas, considerando uma abordagem complementar entre o dedutivo e o indutivo. Nesse sentido, evitará “impor” esquemas preordenados ao mundo social, pois, entende-se que os resultados devem emergir enraizados nos dados (BRYMAN, 2012), ao mesmo tempo em que se valerá de um referencial teórico.

O apoio do Excel na categorização será utilizado para buscar maior transparência na análise dos dados, além de aprimorar a qualidade da validação pretendida das inferências. A busca se dará pela generalização no nível da narrativa/raciocínio teórico (não pelo critério da representatividade estatística), sendo as entrevistas gravadas em áudio, transcritas e codificadas com esta finalidade analítica. A definição aqui utilizada para a técnica de análise de conteúdo é aquela:



[...] baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021).


As técnicas de análise de conteúdo temática e categorial a serem adotadas seguem as etapas básicas de: separação do conteúdo das entrevistas em partes menores; sua classificação; e a nomeação destas partes (DOMENICO, 2020; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021) visando, por fim, à análise das possíveis relações entre os relatos. Os resultados serão apresentados de forma descritiva-interpretativa contendo os temas e subtemas identificados e aqueles apoiados pela teoria, em especial, pelo conceito de “empreendedor institucional”.

3.7 CATEGORIZAÇÃO E PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

O processo de categorização (GODOY; BRUNSTEIN, 2020) terá como finalidade identificar padrões ou mesmo divergências nas histórias/experiências narradas, buscando reuni-las e organizá-las em torno de temas comuns, orientados para a compreensão e a síntese dos achados relevantes para a questão investigada. O quadro abaixo resume a sistematização do procedimento metodológico.

Quadro 4 - Relação entre objetivos específicos e métodos utilizados

MODELO DA PESQUISA	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	COLETA E ANÁLISE DE DADOS
Pesquisa sobre a história de vida de empreendedores institucionais  Proposta de análise da terceira geração do campo acadêmico do Turismo 	1. Identificar os agentes individuais estratégicos da área, mapeando o perfil daqueles pertencentes à terceira geração;	Coleta: site da associação com a lista de membros; currículo lattes individual e questionário fechado com dados pessoais e/ou biográficos. Análise: documental e de conteúdo; análise descritiva simples.

<p>Entrevista em profundidade: família e formação inicial; universidade e formação profissional; e atuação profissional e carreira acadêmica.</p> <p style="text-align: center;"></p> <p>Guias/repertórios para a ação em suas trajetórias e suas habilidades para o empreendedorismo institucional.</p>	<p>2. Traçar suas histórias de vida com foco no entrelaçamento entre a história pessoal e profissional/institucional, a partir da coleta de narrativa das trajetórias, eventos marcantes e contribuições realizadas no campo acadêmico do Turismo;</p>	<p>Coleta: entrevista em profundidade com roteiro semiestruturado de história de vida curta, com ênfase em aspectos profissionais;</p> <p>Análise: análise de conteúdo categorial.</p>
	<p>3. Analisar organizacional e institucionalmente como a teia de contribuições, papéis e realizações individuais se entrelaçam com as contribuições e realizações institucionais do campo acadêmico do Turismo.</p>	<p>Análise: pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo categorial.</p>

Fonte: elaboração própria (2022).

3.8 RESTRIÇÕES DA PESQUISA

Uma vez que o ambiente, os atores sociais e a atuação do pesquisador são centrais no desenvolvimento da pesquisa qualitativa, estes não ficam isentos da necessidade situacional de repensar variados níveis do planejamento, seja no nível do objetivo geral, ou mesmo, e em especial, das técnicas de coleta de dados.

Nesse sentido, dadas as condições impostas pela pandemia de COVID-19, que restringiu os contatos pessoais, esta pesquisa buscou viabilizar as entrevistas por meio remoto a fim de atender o objetivo da mesma e, ao mesmo tempo, minimizar os efeitos da pandemia na atividade de investigação.

Além disso, a pesquisa que contempla as gerações anteriores, ou seja, a primeira e segunda geração, está sendo feita de maneira concomitante a esta, cujo foco recai sobre a terceira geração, não sendo possível acessar ainda os resultados da mesma para efeitos comparativos ou longitudinais.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O objetivo desta seção é apresentar os resultados alcançados a partir da coleta de dados realizada contendo as histórias de vida dos entrevistados, com foco na atividade profissional, enquanto membros da academia de Turismo. O capítulo está organizado de modo a caracterizar os participantes da pesquisa, bem como descrever e analisar as três fases abordadas no roteiro de entrevistas, a saber: o contexto familiar e de formação inicial; o contexto universitário e de formação profissional; e, por fim, a atuação profissional e a carreira acadêmica no Turismo, culminando na síntese analítica de suas ações enquanto empreendedores institucionais deste campo.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Todos os professores-pesquisadores⁶ entrevistados são de nacionalidade brasileira, com idades de 33 a 49 anos (média de 41 anos), majoritariamente do sexo masculino (sendo 8 homens e 5 mulheres). Em relação ao estado civil e parentalidade, a maior parte é casada e possui filhos. Em relação à nacionalidade dos avós maternos e paternos, a maior parte são descendentes de brasileiros.

Quanto à profissão do lado paterno dos professores-pesquisadores entrevistados, tem-se maior recorrência de profissionais liberais, autônomos ou servidores públicos. Em especial, destaca-se a profissão docente como a mais citada. Referente ao lado materno, também se destaca o trabalho docente como o mais recorrente, além de bibliotecária, pedagoga, e dos trabalhos de cuidado do lar ou saúde.

Quadro 5 - Profissão dos pais dos professores-pesquisadores entrevistados

Profissão do pai	Recorrência	Profissão da mãe	Recorrência
Professor	3	Professora	3

⁶ Até o período de coleta de dados, a ABRATUR possuía 56 membros, dentre os quais 7 trabalhavam no exterior, 20 se enquadram na “primeira” ou “segunda” geração, 1 foi excluído (não se aplicava, pois é o orientador desta pesquisa), restando 28 membros pertencentes à terceira geração. Do total, 32 membros são do sexo masculino e 24 do sexo feminino. Foram realizadas 19 entrevistas com os membros associados à ABRATUR, das quais 13 foram consideradas válidas para as finalidades de recorte analítico desta pesquisa. As demais serão utilizadas para complementar a agenda programática mais ampla do projeto “Institucionalização do Subcampo Acadêmico do Turismo no Brasil: uma análise da história de vida dos agentes individuais estratégicos e sua contribuição para a emergência do campo turístico”, do grupo de pesquisa Centro Latino Americano de Turismologia (CELAT).

Médico	2	Do lar	3
Comerciante	2	Bibliotecária	2
Engenheiro	1	Pedagoga	1
Contador	1	Bancário	1
Bancário	1	Empresária	1
Aposentado	1	Comunicóloga	1
Atleta	1	Enfermeira	1
Viticultor	1		

Fonte: elaboração própria a partir dos dados coletados (2022).

Sobre o tipo de escola em que a educação básica (ensinos fundamental e médio) foi cursada, a maior parte frequentou escolas privadas. Todos possuem famílias com irmãos, ou seja, nenhum dos entrevistados respondentes era filho único.

Em relação ao curso de graduação, a maior parte é bacharel em Turismo, com titulação adquirida em instituições de ensino superior tanto públicas quanto privadas, onde se graduaram na década dos anos 2000, em sua maioria localizada na região sudeste do país. As instituições mais recorrentes entre os entrevistados são Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade de Caxias do Sul (UCS):

Quadro 6 - IFES de graduação dos professores-pesquisadores entrevistados

Região geográfica	IFES	Curso	Nº de entrevistados
Região sudeste	USP	Turismo	2
	IESP	Turismo	1
	UFRJ	Engenharia civil	1
	UFMG	Turismo	2
	UFF	Economia	1
	UNIMEP	Turismo	1

	UNIPLI	Turismo	1
Região nordeste	IFPE	Turismo	1
	UnP	Turismo	1
Região sul	UCS	Turismo	2

Fonte: elaboração própria a partir dos dados coletados (2022).

Em relação às cidades natal e atual (onde moram e trabalham), a maioria dos entrevistados migrou de cidade, e reside na região sudeste, sul e nordeste até o período do levantamento. Quanto ao local de atuação profissional dos entrevistados atualmente, tem-se a seguinte distribuição em relação à região e à instituição de ensino superior:

Quadro 7 - IFES de atuação dos professores-pesquisadores entrevistados

Região geográfica	IFES	Nº de entrevistados
Região sudeste	USP	4
	UFF	1
	UERJ	1
	CEFET-Rio	1
Região nordeste	UFDPAR	1
	UERN	1
	UFCG	1
	UFPR	2

Região sul	UEPG	1
------------	------	---

Fonte: elaboração própria a partir dos dados coletados (2022).

Os temas de ensino e/ou pesquisa aos quais se dedicam, ou seja, suas áreas de atuação, estão relacionadas abaixo:

Quadro 8 - Áreas de atuação dos professores-pesquisadores entrevistados

Áreas de estudo no turismo	Subáreas de estudo no turismo
Economia e Gestão	Economia do turismo, Comportamento do consumidor
Planejamento e projeto	Planejamento turístico
Marketing e Comunicação	Marketing turístico, Comunicação Turística
Hospitalidade	Hospitalidade
Política e comunidade local	Políticas públicas
Eventos/Entretenimento e Lazer	Eventos
Gastronomia	Enoturismo, Turismo gastronômico
Agência, Transporte e logística no serviço turístico	Mobilidades, Transportes, Cidades
Patrimônio cultural/ambiental	Ambiente, Turismo e Sociedade
Ciências sociais	Reestruturação econômica e relações de trabalho
Outros	Tecnologia e Inovação no Turismo, Turismo e Educação, Métodos quantitativos

Fonte: elaboração própria adaptado de Pimentel e De Paula (2014).

Dessa forma, é possível observar que o grupo de participantes se configura, em sua maioria, como pertencentes a estratos sociais que compartilham de condições materiais e simbólicas que vieram a dar suporte às decisões tomadas previamente a opção por cursar uma

faculdade, especialmente em Turismo. Nesse sentido, o apoio familiar em diversos âmbitos, o investimento em educação, as regiões e as instituições de formação privilegiadas (especialmente, no sudeste) são fatores objetivos que contribuem para o desenvolvimento de suas carreiras, sendo detalhadas nos capítulos a seguir.

4.2 CONTEXTO FAMILIAR E FORMAÇÃO NO ENSINO BÁSICO COMO FUNDAMENTOS PARA ESCOLHAS FUTURAS

O objetivo desta seção é apresentar fundamentos para as escolhas/ações dos entrevistados que influíram em seus futuros profissionais, especialmente considerando o histórico e contexto familiar; a formação no ensino básico; e a escolha por cursar o ensino superior, tanto em instituições públicas quanto privadas.

Primeiramente, constata-se a influência familiar na trajetória que culminou no ingresso no ensino superior. Vale lembrar que, por famílias, entende-se não apenas o núcleo familiar, como pais, mães e irmãos, mas também primos, tios e amigos próximos:

[...] *minha mãe é professora*, então a gente sempre foi muito estimulado a estudar e a ler, meu *pai* sempre disse assim que a única coisa que ele jamais negaria era livros (E13).

Desde o começo, sim, os *meus pais estimularam bastante em relação à construção profissional*, de estudos, e sempre disseram isso, que um legado que eles deixam pra um filho seria a *educação*. E tanto para mim quanto para os meus irmãos, somos em três (E1).

Na minha casa *minha mãe sempre foi leitora*, ela era leitora...não tinha um espectro muito grande de temas de leitura, mas lembro de conviver com livros em casa por causa dela, porque ela sempre disse que foi muito estudiosa e parou de estudar depois que foi trabalhar no banco, né. (E4)

[...] ela [*mãe*] sempre teve uma preocupação de que eu estudasse em bons colégios mesmo públicos, né, porque eu fiz ensino fundamental no colégio público, só no ensino médio que eu fui para uma escola particular [...] a minha grande formação foi na escola em si, basicamente na escola (E7).

E meu pai falava que estudar não formava caráter, mas *ajudava no caráter se você estudasse e tivesse responsabilidade*, mas meu pai nunca forçou eu e meus irmãos a fazer uma faculdade, a coisa aconteceu naturalmente, né, então eu nem cogitava não ter feito faculdade, sabe, assim pra mim tava muito claro e eu nunca senti pressão de fazer uma faculdade, né (E3).

Dessa forma, o contexto familiar informado pelos entrevistados pode ser sintetizado em um ambiente favorável ao desenvolvimento da formação educacional e intelectual. Está

presente nos relatos uma referência significativa de pais que atuaram ou atuam como professores, bem como de outros membros familiares de diferentes tipos de parentescos (primos, madrinhas, irmãos), enquanto iniciados em carreiras acadêmicas ou profissionais, que corroboraram para um envolvimento tanto com a prática docente, quanto para a prática profissional ligada ao turismo e serviços:

[...] durante todos os anos 90, 95, 6, 7, *um irmão meu mais velho [...] foi guia de turismo* no CVC da América do Sul, e ele viajava muito e a região toda da Serra Gaúcha, e a região de vinho, Bento Gonçalves...o turismo sempre foi muito forte, muito forte, ali, né, enfim todo mundo que vive ali nessa região tem contato com o turismo direta ou indiretamente [...] (E6).

[...] *meus pais eram professores*, os dois, meu pai do ensino superior e minha mãe pedagoga do ensino especial. E desde pequena, eles tanto valorizavam a questão do estudo, leitura, quanto também a questão dos esportes, mas por uma questão de saúde. [...] E a questão de me influenciar nas escolhas profissionais, mais ao contrário, porque eles não queriam que eu fosse professora. Então eles falavam que era muito difícil, meu pai era pesquisador, ficava uma boa parte do tempo em Portugal e Espanha, porque ele era historiador [...], mas eu vejo que tenho muita semelhança com relação a atuação dele, a forma de trabalhar, acabei seguindo bem os passos dele (E8).

[...] *a influência maior era de um primo* meu [...] que era historiador, fez mestrado e depois doutorado, mas inclusive eu fiz o doutorado antes dele, ele lia muito e começava me emprestar texto e discutir temas (E10).

[...] meu pai era militar, médico, na verdade, e militar, a função principal dele sempre foi ser médico [...] *minha mãe é professora, então a gente sempre foi muito estimulado a estudar e a ler, meu pai sempre disse assim que a única coisa que ele jamais negaria era livros* [...] (E13).

[...] meu pai sempre deixou a gente muito livre, assim lógico que *o fato deles serem leitores, o fato deles gostarem de arte, fato deles sempre levarem a gente para teatro* [...] eu me lembro muito na minha infância, adolescência eu e meus irmãos, que a gente estava nesse meio, sabe, de arte...e eu adorava o balé, *lógico que tem essa influência deles* [...] (E13).

Quanto aos objetos e áreas de estudo durante o ensino médio, a socialização escolar (secundária) - tida como cognição estruturada - emergiu nas entrevistas referenciando interesses prévios à faculdade, especialmente organizada pelas Ciências Humanas e Sociais, como o interesse pelos conteúdos de História, Geografia, Literatura, Português, Sociologia, Filosofia, Gastronomia, dentre outros. Em termos de rotina, o hábito de leitura foi mencionado como prática estimulada ou apreciada. Há aspirações diversas em termos de interesses profissionais anteriores à decisão por cursar uma faculdade:

Certamente os estudos de *História e Geografia* foram o que mais definiram as minhas escolhas adiante, né, na vida superior, na vida acadêmica, no ensino universitário e leitura, leitura e leitura em literatura em especial (E4).

E aí, no meu ensino médio, que eu acho que é mais ou menos o período que você está colocando, eu gostava muito de feira de ciências. Isso era uma coisa que me chamava muita atenção, então, assim, eu tenho medalhas, eu era um aluno que *não me dedicava tanto para estudar o quanto eu estudo no que eu fui fazer depois* (E5).

Por outro lado, alguns entrevistados destacam mudanças de seus hábitos em relação à atividade que realizam atualmente:

Eu tinha atenção a algumas disciplinas, como *Literatura, Língua Portuguesa*, sempre gostei. Agora, as demais disciplinas eu sempre fui muito relapso. *Eu comecei a estudar, de fato, na universidade* (E10).

Além da educação formal, outras atividades complementares desenvolvidas foram os esportes, como natação, vôlei, basquete, handebol, artes marciais, judô, balé e musicais (formais ou informais) e/ou artísticas, como teatro, artes plásticas, piano, violão:

Então eu fiz natação desde os quatro, cinco anos eu fiz *natação, fiz natação até o meu primeiro ano de faculdade*, né, quando ainda era obrigatório a disciplina de educação física nas graduações, então eu tive aula de natação, inclusive eu escolhi natação, eu tinha dezessete, dezoito anos foi minha última aula de natação, vamos dizer assim (E3).

E aí, eu tinha que criar os meus brinquedos, né, então assim, *a música foi importante para mim, bastante importante*. [...] Então a música teve uma grande importância, assim como a ciência, né, não necessariamente aquela coisa formativa, sabe, mas o pesquisar (E5).

Mas, desde que eu me lembre como pessoa, eu fazia algum esporte, né. Então, *eu nadei, depois eu fiz vôlei, fiz basquete, fiz handebol*, né, mas acabei me identificando mais no vôlei, inclusive joguei vôlei no semiprofissional (E8).

Em termos de capital, música, esporte...eu pratiquei *esportes, artes marciais* a partir dos quatorze anos, pratico até hoje ainda. Música, sempre tive uma relação muito próxima com a música, mas nada formal, nunca fiz conservatório [...] nada formal. [...], mas não teve influência da família. [...] Na minha família tudo isso é perder tempo. Então é se eu puder resumir [...], de fato, eu não tive incentivo familiar para estudar (E10).

[...] Você falou de esportes [...] tinham vários *campos de futebol, de basquete* [...]. Você perguntou de música, *eu tive dois anos de flauta*, eu nunca toquei

violão ou guitarra nunca, nunca tive essa oportunidade ou interesse ou habilidade fora da escola [...] (E12).

Eu fiz muitas atividades complementares, eu estudava numa escola muito boa, na escola que era uma das melhores [...], e lá eu fazia *música, teatro, artes, artes plásticas, fazia natação, balé clássico [...], fiz judô, [...] eu jogava vôlei*. Sempre foi uma vida muito confortável acho assim, muito feliz (E13).

[...] e uma coisa que eu me lembro assim muito bem que o *meu pai sempre incentivou a gente fazer atividades esportivas*, né (E3).

Outro tema recorrente no relato dos entrevistados é a importância dada ao aprendizado de idiomas, especialmente o inglês:

Desde muito pequena eu comecei em *escola de idiomas*, na época eu fiz CCAA, porque aqui na minha cidade não tinham tantas opções, e fiz o curso até o fim (E1).

E aí eu lembro que minha mãe, como professora de inglês, a gente cursou tudo, *todos os níveis de inglês gratuitamente*, com bolsa na escola e era uma escola muito boa, e isso foi assim determinante pra minha carreira hoje, porque eu saí fluente de lá. E aí, isso também influenciou muito em uma questão que foi também determinante pra eu escolher o Turismo (E2).

Meu pai pode então, quando eu estava acho que na quarta ou quinta série começar a pagar curso de inglês, porque ele precisou fazer, ele começou a também fazer, porque começou na época também a ser exigido dos professores certa internacionalização, então meu pai viu que o futuro era estudar línguas, né, colocou eu e meu irmão do meio, né, eu sou mais velho, tenho mais dois irmãos mais novos pra estudar inglês, então a gente foi estudar inglês, e eu estudei inglês até o meu terceiro colegial (E3).

Eu acho que a música, ela acabou *me puxando para o inglês*, né. Então assim, eu me destaquei no inglês por causa da música. Como eu assistia muito clip, muito vídeo, muito filme isso me impactou (E5).

Idiomas nós *aprendíamos francês a partir da quinta série*, então tivemos quatro anos de francês da quinta à oitava série, e o inglês começava na sexta série e ia até o final do segundo grau [...], eu fazia também Cultura Inglesa pra poder, enfim, complementar um pouco o inglês da escola (E12).

Nesse sentido, o aprendizado de idiomas foi frequentemente associado como fator adicional no impacto da mobilidade, especialmente para destinos internacionais, no contexto preliminar à escolha por cursar uma faculdade, ou mesmo durante a formação no ensino superior (graduação), para os rumos da carreira:

[...] perpassou pela adolescência [*o curso de idioma*], o que me gerou um pouquinho mais na frente um *intercâmbio nos Estados Unidos* [...] surgiu a oportunidade, porque a minha prima estava fazendo doutorado e o esposo dela

mestrado na Califórnia na Universidade de Santa Bárbara. Aí surgiu a oportunidade de fazer um intercâmbio. Aí eu fiz um intercâmbio de seis meses lá na Santa Bárbara na Califórnia [...] (E1).

A minha mãe como professora inglês, ela fazia parte de um grupo [...], que é na verdade uma empresa de intercâmbio [...]. E, quando eu era criança, a gente recebeu [uma estudante] da Nova Zelândia, [...]. E depois, quando eu estava com catorze pra quinze anos, aí eu recebi uma outra estudante, [...] ela é australiana [...] e ela super me incentivou a fazer o intercâmbio. Então isso foi determinante pra eu ter feito Turismo. (E2).

Na época a gente não tinha dinheiro pra poder ir, mas com essa possibilidade [ganhado um sorteio] meu pai vendeu o carro e foi em família inteira, porque na verdade era passagem de ida e volta com três dias de hospedagem em Nova Iorque [...] A princípio eu queria ter feito Geografia ou Administração e aí eu falei bom, deixa eu ver o que é o Turismo, né, deixa eu estudar o que que é isso e tal e foi quando no segundo colegial eu falei “não, eu vou fazer Turismo, quero Turismo”, eu fui investigar o que que era e aí vi que tinha um monte de coisa que eu gostava (E3).

Deste modo, acerca do contexto familiar, pode-se inferir que este forneceu elementos que incidiram nas escolhas e percursos formativos futuros por meio do isomorfismo institucional em âmbito individual, do tipo mimético. Isto porque pode ser observada uma reprodução de perfis de carreira ou atividades profissionais (re)conhecidas no meio familiar ou comunitário, bem como a reprodução de suas práticas, hábitos e valores. Assim, o investimento feito no financiamento escolar é um dado objetivo que pode ser mencionado, bem como o incentivo ao desenvolvimento de atividades extracurriculares, como o aprendizado de idiomas e as práticas esportivas e/ou artísticas acompanhadas pela família ou viabilizadas pelas instituições educacionais que frequentavam.

Além disso, é possível inferir a dimensão da “cognição estruturada” (SELZNICK, 1996, p.05) que posiciona a “mente socialmente construída” entre a cultura e a organização, estabelecendo a ligação entre elas. Nesse sentido, os interesses pessoais são explicados a partir dos eixos organizadores da Ciências Humanas e Ciências Sociais/Aplicadas acessados no ambiente escolar, e especialmente reforçados pela habilidade de leitura enquanto prática social.

4.3 DECISÃO PELA GRADUAÇÃO OU ESTUDOS NO TURISMO: CONTEXTO E MOTIVAÇÕES DOS ATUAIS EMPREENDEDORES INSTITUCIONAIS DO CAMPO ACADÊMICO DO TURISMO

Nesta seção foram observados os fatores que levaram os entrevistados à sua escolha por ingressar em um curso de nível superior que, posteriormente, possibilitou a inserção no campo

da educação em turismo. Como resultados de seus círculos sociais, a decisão por cursar uma graduação é em certa medida naturalizada por parte dos entrevistados, tida como um projeto aspirado, valorizado e óbvio a partir de seus contextos familiares/sociais ou escolares:

E aí no segundo semestre eu soube que ia abrir Turismo, e pensei “Turismo sim, legal, não sei o que, é isso que eu quero” comecei a maquirar, ver as coisas, meu irmão já trabalhava e tal. E aí eu fiz vestibular para Turismo e comecei no ano seguinte [...]. Então eu tenho certeza que *essa influência do turismo preliminar me levou a um caminho do Turismo [...] e depois o [...] meu irmão que era guia de turismo, ele entrou na segunda turma do curso de Turismo também se formou em turismo, no caminho profissional da área* (E6).

Eu não tinha muitas oportunidades de conversar sobre possíveis carreiras e *meu pai é engenheiro e para mim foi uma escolha meio que natural fazer engenharia*, natural mas não pensada, porque eu tive uma nota muito boa no vestibular [...] eu poderia ter feito qualquer curso [...] e fui fazer engenharia por carência e por falta de talvez uma orientação um pouco mais ampla [...], mas eu rapidamente me desiludi na engenharia, apesar de eu ter terminado o curso, eu percebi que não era aquilo que eu queria fazer na minha vida profissional (E12).

Quando eu fui fazer intercâmbio, eu ficava meio perdida sem saber o que eu queria no vestibular, o caminho de ir para a faculdade pra minha família era uma questão dada, eu não tinha opção, eu tinha que fazer alguma faculdade, sabe, não passava pela cabeça meus pais que eu não fizesse faculdade, não, *o fato de ir pra faculdade era meio obrigatório na minha vida*, agora, o curso que eu queria fazer é que eles... meu pai me deixava muito livre, minha mãe tentava me influenciar e eu meio que não deixava, minha mãe queria que eu fosse para essa área de saúde e eu nunca quis...teve até um tempo que eu achava que queria fazer Odontologia, sabe, mas aí no intercâmbio eu decidi que queria fazer Hotelaria, *meu tio trabalhava no hotel*, e eu conheci o hotel que ele trabalhava no Hawaii, nessa viagem então me encantei, achei incrível o trabalho dele, uma coisa bem romantizada ainda de uma menina de 17 anos, mas, enfim foi isso assim que determinou (E13).

No que concerne a cursar a graduação em Turismo, observa-se que as narrativas frequentemente aparecem como algo não planejado ou intencional. Aqui é possível inferir, para além do isomorfismo mimético em âmbito individual (por referência destas instituições), a dimensão da legitimidade. Isso porque começam a surgir nas entrevistas relatos acerca das dúvidas em relação às possibilidades profissionais, muito frequentemente associadas a profissões mais tradicionais ou a modelos bem-sucedidos sugeridos por familiares próximos, ou seja, do que é socialmente esperado como “profissional de êxito”:

[...] eu fiz vestibular para Enologia, que é químico para fazer vinhos, né, é *um profissional que tem CRQ* [...] eu não consegui entrar por uma vaga, aí meio frustrado eu pensei “tudo bem, ano que vem eu vou fazer outra coisa”. E na sequência eu fiz vestibular para Administração [...] daí fui pra duas aulas, ainda bem que eu peguei estatística pela frente, que me fez desistir imediatamente do curso, fui lá e tranquei. E aí no segundo semestre eu *soube que ia abrir Turismo*, e pensei “Turismo sim, legal, não sei o que, é isso que eu quero” (E6).

Na época foi assim, foi o vestibular mais concorrido de Turismo, falava-se do turismo como o futuro do Brasil, sabe? Era uma coisa assim muito é o máximo estudar Turismo, sabe, mas era uma turma muito nova [...]. Na época eu tentei PUC Relações Internacionais, lembro de eu conversando com a minha melhor amiga assim “o que que eu marco, Direito - *que eu tinha uma pressão do meu pai pra fazer Direito* - ou Relações Internacionais? E ela assim “Relações Internacionais, óbvio, Direito não tem nada a ver com você”, só que aí eu não passei, era uma época mais difícil assim o vestibular de Relações Internacionais no final do ano [...], mas esse foi o processo até entrar pra faculdade assim (E2).

A decisão pelo curso de Turismo aparece frequentemente como algo não planejado ou intencional desde o início para possíveis planos de carreira ou como primeira opção de graduação, ou ainda, dividindo opções dentre outras possibilidades de tentativas de pleito (vestibular). Nesse sentido, de modo geral, há dúvidas e estratégias para solucioná-las quanto à escolha do curso. Essas dúvidas e decisões são atribuídas à influência da família ou círculo social por profissões mais tradicionais e a interesses distintos entre si em termos de áreas do conhecimento, geralmente das Ciências Humanas e Sociais e/ou Exatas e/ou Saúde.

As estratégias para a escolha envolviam a decisão por exclusão, quando pleiteavam vagas e não conseguiam o ingresso; decisão por negociação (percepção de conciliação de interesses em abordagens multidisciplinares); decisão por percepção de maior afinidade com temas de estudo; decisão por falta de afinidade com outras áreas nas quais poderiam ingressar ou já tinham experimentado efetivamente; ou pela percepção prévia de obstáculos que dificultariam a adesão a outras carreiras. Nesse sentido, é possível inferir padrões de interação e adaptação, de maneira a confluir as ações dos indivíduos e a estrutura social:

Então eu comecei pensando em Direito, porque na minha família tem muitos advogados. [...] eu gostava muito dessa área de História, Geografia, Português. *Mas aí, quando eu fiz, eu não passei na estadual, e na federal eu passei na segunda opção que era Economia* [...] só que coincidiu que teve uma greve muito grande [...] e aí abriu uma faculdade particular [...] que era justamente na área de Turismo [...] Eu fui, não estudei nem nada, e passei em terceiro lugar. Foi quando meus pais perguntaram “você quer fazer esse curso?”,

porque era um curso assim que estava tendo uma grande divulgação, que era Turismo, né, nas mídias, principalmente, o curso que prometia (E1).

A minha mãe queria muito [...] que eu trabalhasse com computadores, com informática [...] eu até cheguei a fazer vestibular [...] para a Ciência da Computação, mas eu não passei. [...] eu tinha um amigo que o pai dele era economista e eu comecei a adentrar o mundo da Economia [...] porque na verdade assim você sai do ensino médio pensando nas disciplinas, não na profissão, você pensa, eu gosto de Matemática, eu gosto de História, eu gosto de Português, mas você não entende que aquilo ali na faculdade pode ser um outro significado. E eu era apaixonado por história e amo matemática, então era um conflito danado [...] e eu via na Economia uma forma de conciliar essas duas áreas de conhecimento que eu tinha [...] também acho que a Economia foi uma excelente escolha, eu adorei ter feito Economia, depois fiz mestrado Economia, fiz doutorado em Economia, então foi isso assim. Acabei sendo um pouco influenciado não pela minha família exatamente, porque não tinha ninguém com uma formação que pudesse influenciar, ou com uma predileção por alguma área, mas pela família do amigo meu (E7).

[...] a escolha pelo Turismo veio pelo que eu gostava em termos de disciplinas no ensino médio, gostava muito de Geografia, eu gostava muito de História, odiava Física, e aí quando eu fui escolher o que eu queria fazer, não foi uma escolha assim absoluta certeza. Eu tinha dúvidas entre Administração, tinha dúvidas também com relação a Comércio exterior, Relações internacionais, mas todas, né, mais ou menos desse bloco de humanidades, ciências sociais aplicadas, só que aí eu fui vendo qual o curso, eu peguei um daqueles livrinhos lá de cursos de graduação e fui ver quais tinham mais coisas legais, mais coisas bacanas e fui indo pra direção do Turismo. Relações internacionais eu acabei desistindo, porque a ideia era ser diplomata, e aí eu lembro claramente na época do meu pai falando assim “não, mas você é mulher, negra, e não tem nenhum QI, você vai parar em qualquer país da Cochinchina, qualquer país pobre, mas se você conseguir uma colocação como uma diplomata de renomes, se você conseguir, senão você vai ser...”. Aí eu pensei “é, faz sentido”. [...] A Administração eu desisti, não desistindo, porque eu acabei, né, trilhando o resto da minha carreira vinculando o Turismo e Administração, tanto é que o mestrado e o doutorado, e pós-doutorado, são em Administração [...] e o Comércio exterior acabei desistindo mesmo que eu vi que não era bem o comércio que eu gostava, eu gostava mais da relação entre as pessoas, do comportamento do consumidor, né, isso eu gosto, né, mas enfim, no fim das contas nem cogitei tanto foi mais a questão do Turismo e da Administração que eu acabei mantendo (E8).

Apesar da importância dada à influência da educação formal, o interesse prévio à educação superior em turismo também foi atribuído a diferentes experiências de mobilidade nacional e/ou internacional, seja na modalidade de intercâmbios, viagens de férias ou a trabalho, bem como a participação em atividades de lazer ou culturais. O aprendizado de idiomas foi frequentemente associado como fator adicional no impacto da mobilidade, especialmente para destinos internacionais, no contexto que antecede à escolha pela educação superior, ou mesmo durante a formação no curso de ensino superior, para os rumos da carreira.

É possível inferir, nessa esteira, a dimensão das instituições informais no comportamento, que são reproduzidos por meio de padrões não oficiais, mas referenciados por determinada cultura, por exemplo. Nesse caso, é constante a menção de experiências de mobilidade (favorecidas pelo aprendizado de idiomas) pelo grupo, afetando determinados interesses e criando possibilidades para que cogitassem cursar a graduação em Turismo:

Então perpassou pela adolescência [*curso de idioma*], o que me gerou um pouquinho mais na frente um intercâmbio nos Estados Unidos (E1).

O intercâmbio foi assim, a princípio eu tinha vontade de aprender uma língua, melhorar o inglês, que eu já falava inglês [...], mas por outro lado a questão do idioma me dificultava muito a vida, né, o alemão, que eu não conhecia [...] foi uma época muito gostosa assim de conhecer gente, conhecer outras culturas, né, mas por outro lado também muito difícil e foi fundamental pra ter escolhido o Turismo, né (E2).

[...] e a gente foi pra Disney, e [...] assim que a gente chegou na Disney, eu tava no primeiro colegial pro segundo colegial e [...] procurando ver o que eu queria e tal, e assim que a gente pousou o cara que nos recepcionou lá em Orlando, o motorista da van, *era formado em Turismo* e veio falando comigo do começo que pegou a gente no aeroporto até chegar no hotel [...] ele foi *comentando a formação dele*, como que ele foi parar em Orlando, e tudo mais, e eu fiquei pô, eu vou ver Turismo. A princípio eu queria ter feito Geografia ou Administração e aí eu falei bom, deixa eu ver o que que é Turismo, né, deixa eu estudar o que que é isso e tal e foi quando no segundo colegial eu falei “não, eu vou fazer Turismo, quero Turismo”, eu fui investigar o que que era e aí vi que tinha um monte de coisa que eu gostava (E3).

Lá no segundo grau ainda teve a questão do intercâmbio, né. *Meu pai sempre nos estimulou a sair do país, a estudar fora por um período, então a minha irmã já tinha feito intercâmbio* na Nova Zelândia, quando foi minha vez, eu fui fazer um intercâmbio [...] (E8).

[...] prestei Turismo, em particular, por duas influências. Uma foi a minha experiência pessoal de *participar desses acampamentos de férias*, acantonamentos infantis, que foi uma parte muito boa da minha experiência infantil, me marcou muito, e eu pensava, assim, de repente, eu podia trabalhar com isso, de repente eu podia ser dono de um acampamento um dia e tal [...] e a outra influência foram as minhas *experiências assim de aventuras que eu fazia quando era adolescente*, andando de bicicleta, às vezes, andando a cavalo, por diferentes lugares. Eu gostava de me enfiar no meio do mato e fazer trilhas [...] E isso me parecia muito legal, assim, então eu também pensava é alguma coisa assim de... ainda não existia esse termo “turismo de aventura”, mas eu pensava em alguma coisa como turismo de aventura, passeios de bicicleta, passeios a cavalo, eu gostava muito de ver, nunca fiz, mas ver coisas de assim asa-delta, paraquedas, enfim, a aventura também foi uma influência que eu mantinha na minha cabeça separada da outra, mas eu pensava uma coisa ou outra, talvez qualquer uma das duas dê certo e por isso eu fui prestar vestibular em Turismo (E11).

Na minha adolescência eu fiz um *intercâmbio fui morar nos Estados Unidos um tempo e esse intercâmbio foi bem determinante assim para o que eu escolhi na vida*. Agora, no colégio em si, eu sempre gostei muito de Português, Literatura, História, Geografia menos, mas mais ou menos assim, [...] Mas foi o intercâmbio que me fez querer ir pro lado de Turismo e Hotelaria (E13).

As narrativas demonstram que, mesmo sendo membros da terceira geração, o curso de turismo ainda era pouco conhecido. De modo geral, pode-se dizer que as oportunidades do contexto socioeconômico dos indivíduos levaram a determinadas experiências que os levaram a optar pelo Turismo como uma possibilidade de exercerem atividades que associavam aos seus interesses pessoais.

4.4 FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E PROFISSIONAL DOS ATUAIS EMPREENDEDORES INSTITUCIONAIS DO CAMPO ACADÊMICO DO TURISMO

O objetivo desta seção é apresentar a trajetória profissional dos professores-pesquisadores e sua relação com o turismo, especialmente considerando suas trajetórias universitárias; atividades profissionais; motivações para o envolvimento acadêmico; perfil de atuação e fatores de vinculação ao turismo. Tais elementos são considerados fundamentos para a formação destes profissionais como empreendedores institucionais, à medida em que foram adquirindo maior capacidade de agência para a construção de suas carreiras e (re)institucionalização do campo.

4.4.1 Trajetória universitária: atividades profissionais e perfil de atuação

Em termos de trajetória universitária foram relatadas percepções sobre o curso, professores, situações, atividades extracurriculares marcantes e escolhas dentro do curso, com maior ou menor impacto a depender do tipo de instituição de ensino (pública ou privada) no sentido de ofertas e possibilidades.

Foram citadas como atividades cursos de idiomas, participação em empresa júnior, visitas técnicas, estágios em setores públicos e privados, intercâmbio, trabalho como *trainee*, trabalho em colônia de férias, eventos, iniciação científica, grupos de pesquisa, trabalho docente, monitoria, Programa de Educação Tutorial (PET), trabalho formal em empresas privadas, consultoria e planejamento.

Nesse sentido, é possível inferir a influência das instituições de ensino superior que ofertam tais atividades, especialmente as instituições universitárias públicas, induzindo a práticas padronizadas por meio das políticas curriculares e demais estruturas formais de ensino e pesquisa as quais tiveram acesso:

[...] sempre fui uma aluna boa assim e participava, eu me lembro muito de ser mestre de cerimônia nos eventos da faculdade de Turismo e participava das visitas técnicas, participava de tudo, [...] desde o segundo período eu fazia monitoria, [...] eu me lembro muito de me dividir entre as atividades da faculdade e conhecer o mercado assim, então ao mesmo tempo que eu me envolvia em *monitoria, grupo de pesquisa, não sei o que, eu fazia estágio, eu fiz intercâmbio duas vezes* durante a faculdade [...] (E13).

Então eu fiz *estágio* desde o começo da graduação, sempre fiz estágio, talvez por incentivo do meu pai de dizer que universidade não é só sala de aula [...], eu fiz estágio em agência, [...] em hotelaria, [...] no carnaval em uma colônia de férias no litoral, [...] em eventos, [...] em pesquisa de um professor que estava fazendo uma pesquisa na Floresta Estadual [...] ajudei ele na pesquisa [...] coletar dados dos visitantes do parque, da floresta, e por fim eu fiz o meu próprio projeto de *iniciação científica*, eu fui atrás do orientador [...] (E3).

Aí eu decidi pegar *todos os estágios possíveis* [...] E aí, tem um momento crucial na minha carreira, depois que eu decido ter essas experiências, que é o TCC. O TCC, eu falei assim: [...] um dia eu vou querer ser professor universitário, vou fazer um TCC, vou me dedicar para fazer um TCC para me destacar (E5).

Eu fiz *estágio* desde o segundo semestre do curso, se eu não me engano, numa agência de viagem, e também participei da Território, que é a *Empresa Júnior* de Turismo da UFMG, que foram vivências muito boas, né? Na Território eu fazia parte do departamento de Marketing e isso eu posso dizer que de uma certa forma *me influenciou em algumas das pesquisas*, alguns até relacionamentos que eu tenho até hoje [...] (E8).

Eu, particularmente, fui trabalhar na *consultoria* da professora Dóris Ruschmann, e tive muitas experiências lá, [...] Foi muita gente por esse caminho, de *trabalhar com prefeituras, com consultoria, com planejamento*, apesar de não ter tido é apoio acadêmico para o planejamento, de fato, mas o mercado pedia e a gente foi nessa linha (E11).

Em termos de relação com os professores foi narrada a influência de conselhos recebidos para a carreira acadêmica, em áreas ou temas de pesquisa; enquanto figuras exemplares para a atuação pessoal/profissional; no ganho de reconhecimento de produções a partir do apoio de orientadores; e, por outro lado, uma frustração pela carência de formação aprofundada e

especializada por parte dos ministrantes, contato diminuto com eles e poucas disciplinas com os mais renomados (mais antigos no campo).

Aqui é possível, novamente, inferir a dimensão do isomorfismo institucional no sentido mimético, no que tange a relação com os docentes, uma vez que os conselhos e comportamentos de determinados orientadores são mencionados como fatores importantes nas escolhas feitas dentre as opções consideradas⁷. Além disso, a dimensão simbólica da carreira dos orientadores também pode ser mencionada como legitimador de suas trajetórias acadêmicas, especialmente, em sua fase inicial:

E decidi, optei por um tema novo, um *professor* diferente também, e aí, mas assim, esse professor também foi fundamental pra me estimular pra eu ir pra academia, porque ele era muito organizado. [...] no final do meu intercâmbio, eu fui e fiquei uma semana com um professor que era inclusive cadeirante, né, [...] e isso interferiu no meu TCC e ele falava muito de desenho universal, umas coisas bem legais assim, sabe? Isso me estimulou muito e ele falava “olha, se você quiser vim aqui pros Estados Unidos pra fazer um mestrado você consegue e tal” (E2).

Eu devo isso [TCC], tá, ao apoio que eu recebi do *meu orientador*. O Aguinaldo Fratucci, né, na época foi meu orientador e ele não me disse não, ele não me disse “você tá maluco, cara”, entendeu? Ele não cortou a minha asa. Pelo contrário [ele disse] “vai, vai. Mas o que que é isso?”. E aí, assim, nós construímos uma coisa bacana aqui. Pra a minha carreira foi tão importante que eu passei, por exemplo, para [...] onde eu estou há 18 anos, eu passei logo depois do meu TCC, meses depois (E5).

E o *orientador* também é alguém bem central nesse papel dele falar “olha, quer ser professor, você vai ter que caçar mestrado, doutorado, né? Tem que ter maturidade, tem que ter experiência de mercado, não faz tudo, né, seguido, vai trabalhar um pouco primeiro, seu perfil vai mudar depois que você for pro mercado”. Ele falava também sobre a vida de professor, né, como que era, então isso acho que *acabou me interferindo* mesmo nas minhas escolhas (E2).

Quanto a percepção sobre o curso de graduação em Turismo, foi recorrente a avaliação de que era generalista em demasia ou pouco estruturado pedagogicamente. Houve uma expectativa de que o curso pudesse, ou fosse seu propósito, formar guias de turismo, o que se demonstrou equivocado posteriormente. E, ainda, tendo como objetivo lidar com o curso estritamente como fenômeno/objeto de estudo.

⁷ Estas afetações são consideradas tanto em seus efeitos positivos quanto em seus efeitos negativos na relação professor-aluno. Isso porque os resultados observados da convivência com professores e as experiências a partir dela, parecem reforçar práticas consideradas benéficas dentro da instituição, como também negar outras práticas tidas como danosas às quais não gostariam de reproduzir (o que fazer e o que não fazer, quem ser e quem não ser).

Em termos da escolha da faculdade, é possível inferir a dimensão da crítica à racionalidade, a partir do institucionalismo sociológico, no sentido de que o tempo e as informações que os indivíduos possuem não são suficientes para o cálculo dos desdobramentos de suas decisões.

Então era um curso *muito genérico*, muito...genérico mesmo, né, quer dizer, voltado para o ensino de diferentes coisas, Geografia, Sociologia, Economia, sem muita profundidade em nada, com foco relativamente mal definido, então assim, um curso assim muito geral (E11).

Agora eu lembro que *eu também entrei com uma visão totalmente errada do curso* assim. Eu entrei achando que eu ia trabalhar com guia e tal. Então assim, não sabia exatamente o que eu ia fazer, sabe, quando eu entrei no Turismo. E como era um curso muito novo, não dava pra eu saber nem com o que as pessoas estavam trabalhando, né, qual que era o caminho, o percurso delas no mercado [...] (E2).

Os relatos de momentos marcantes desta fase de graduação envolveram o entendimento de um período convivência com professores e colegas de turma, especialmente em contextos de viagens; visitas técnicas; trabalhos de campo; inventário da oferta turística em municípios; eventos acadêmicos; iniciação científica e associativismos:

Então *a turma foi uma parte muito importante da minha experiência*. [...] Então assim, a turma era muito bacana e uma das coisas muito legais que a gente fazia era viajar, a gente viajava muitíssimo, mais muitíssimo mesmo, era muito raro ter um fim de semana em casa na cidade, em São Paulo, quase sempre a gente tava viajando pra algum lugar, isso foi muito rico (E11).

[...] me lembro eram as visitas que a gente fazia, os *trabalhos de campo*, eu participei de um trabalho que foi inventariação, inventário da oferta em municípios, então esse foi um trabalho também bem marcante que a gente teve que enfim envolver vários finais de semana trabalhando, coletando dados. Os *eventos* que a gente organizava [...] também sempre trabalhando ou assistindo [...] (E8).

Eu sou eu sou uma pessoa que eu sempre acreditei nas coisas, sempre fui atrás e tanto que hoje eu estou diretor da ABRATUR estando no litoral Piauí, né, então assim pra mim o que mais me move é a paixão pela área, é a paixão que eu tenho por ser professor, é a paixão pelo ser humano, né, pela empatia, enfim, sei lá, deu nome que dê, hospitalidade, enfim, mas eu gosto disso sabe? Eu gosto de juntar gente, eu gosto de fazer as pessoas pensarem, e a *iniciação científica* me trouxe isso né, me trouxe essa possibilidade, porque eu tive que juntar duas instituições, uma pública e uma privada, eu tive que conversar com sei lá quantos professores pra conseguir essa bolsa, [...] e teve uma baiana, professora Yandandara lá da UNESP, inclusive, professora que até hoje eu agradeço ela imensamente [...] ela acreditou no meu trabalho [...] (E3).

Em relação ao desempenho de atividades profissionais e a contribuição delas para uma definição de perfil de atuação foi relatada a influência a partir da participação em variadas atividades acadêmicas e/ou profissionais, especialmente no âmbito privado, no âmbito da pesquisa, da atividade docente e do aprendizado de idiomas.

No âmbito da pesquisa foi destacado a importância da iniciação científica como primeiro contato com esta frente de atuação:

Sim, o perfil profissional especialmente na parte de pesquisa, de orientação [...] Então assim, *a iniciação científica* ela me deu muita coisa, [...] visão de metodologia, visão de acreditar em pesquisa, visão de confiar no meu trabalho, ela me deu abertura pra poder ser um orientador que não deixa o aluno solto né, a iniciação científica me trouxe ideias de que formar o caráter científico do aluno de graduação ele é fundamental pra que o bacharel se forme, né (E3).

Primeiro estágio que eu fiz foi numa companhia aérea que não existe mais, que foi a VASP, já depois fui fazer um outro *estágio* no Refúgio Ecológico Cayman, mas na sua sede em São Paulo, na parte de marketing, trabalhei com consultoria como estagiário da Ruschmann Consultores. Depois fiz uma *iniciação científica* e já emendei a minha a minha graduação no mestrado, né, então, foi muito rápido, foram muito rápidos esses quatro anos de graduação e tentei sempre me envolver assim com atividades me permitisse uma diversidade de experiências no mundo acadêmico e profissional, né (E4).

Aí depois eu entrei para ser *monitor de várias disciplinas*, isso me ajudou muito nessa coisa da docência, de entender como organiza uma aula, como você fala, e também fiz *PIBIC* com o professor da área de epistemologia [...] Então dessas atividades todas, eu acho que essas atividades da minha da minha graduação foram muito importantes, mas eu vou te dizer que apesar de eu ter feito mestrado e doutorado e ter aprendido bastante coisa, só depois que entrei para onde trabalho, que eu me formei é um pesquisador, porque tive *contato com outros pesquisadores*, me aperfeiçoei, fiz um pós-doutorado, parcerias com a Verônica Maia, o Glauber, as parcerias vão trazendo coisas novas, tem que estudar, claro, então na verdade assim eu acho que eu já vinha nesse processo de amadurecer como pesquisador [...] (E7).

No âmbito da atividade docente foi destacado as experiências de lecionar em períodos mais curtos (como substitutos, temporários, horistas), atividades de monitoria, tutoria e formação. Ou, ainda, a dedicação e contato exclusivo com a dimensão teórica da formação:

Depois que eu entrei na faculdade eu fiz o estágio na agência de viagem por um longo período, inclusive meu chefe queria me contratar, mas eu vi que o que eu gostava mesmo era a área acadêmica, então acabei ficando só como estagiária e depois saí pra estudar pro mestrado. [...] E aí depois disso eu fui pra área acadêmica, no mestrado eu tive bolsa, então eu não podia trabalhar. No doutorado eu já eu não tive bolsa, aí eu fui trabalhar tanto em uma faculdade particular [...] e também à distância [...] e aí eu atuei como *tutoria e também como professora formadora*. Daí depois, durante o doutorado, eu passei num concurso aqui e vim [...] e abrir mão dos outros dois que eu tava antes (E8).

[...] como eu falei, eu não tenho experiência de mercado, não tenho. [...] a minha experiência no Turismo é somente acadêmica, oriunda das Ciências Sociais. [...] Eu não ministrei disciplinas práticas. Nunca ministrei Hotelaria, nunca ministrei a Agência de viagem, porque eu não tenho essa experiência prática, não tenho (E10).

O aprendizado de idiomas e a mobilidade acadêmica também foram relacionadas a formação de perfil de atuação, tendo em vista a aquisição de experiências de trabalho e/ou estudos fora:

Eu podia ter grana para ir pra fora pra poder melhorar *o meu inglês*, o francês, abrir minha cabeça para um outro mundo, entendeu, então nesse sentido. [...] então eu fui pra muitas conferências nos Estados Unidos na área de transportes quando eu estava no mestrado, então assim isso me permitiu, sim, *abrir portas pra minha carreira* de fato que foi daí fazer o mestrado e depois eu fiz o doutorado [...] então, sim, abriram, mas não da forma tradicional [...] (E12).

No estágio eu só tive experiência com a agência. E eu nunca gostei da parte da hotelaria pra trabalhar. Então eu fiquei só em agência mesmo. Fiz pesquisa também na universidade. O meu TCC, *como eu tinha feito intercâmbio*, foi voltado para intercâmbio (E1).

[...] antes de sair da faculdade eu fiz *um intercâmbio* pelo Grupo Montevideu [...] no curso de Turismo e Gestão da hospitalidade. Lá eu fiquei seis meses e durante os seis meses que eu fiquei nessa universidade, eu fiz um pequeno estágio, pode se dizer assim (E8).

No âmbito privado foi relacionada a participação em empresa júnior e a área de atuação ocupada nela, bem como os cargos ocupados em estágios em diferentes empreendimentos turísticos; no trabalho em empresas direta ou indiretamente ligadas ao turismo; em consultorias; na atuação como *trainee* e a experiência de associativismo local:

Na Empresa Júnior eu trabalhei com marketing, né, fui primeiro Analista de Marketing, depois Diretora de Marketing, ou seja, na seleção ali já identificaram isso em mim, eu gostava de RH também, né, mas eu durante o próprio curso eu fiz algumas disciplinas de Marketing, já me identifiquei com essa área [...]. Então foi uma questão muito importante pra mim ter participado da Empresa Júnior, porque eu tive noção de gestão em primeiro contato lá. [...] além disso, eu tinha um estágio obrigatório e aí eu participei de uma de uma seleção grande assim [...] e passei pra trabalhar numa empresa de Turismo Pedagógico e era a área comercial, então, novamente, né, já ia *traçando todo o meu perfil profissional por conta disso assim* [...] Aí eu saí desse projeto pra ir pros Estados Unidos, fiquei lá sete meses e voltei [...] então foi isso as minhas atividades (E2).

Aí, foi assim, foi o trabalho da própria vinícola, atendendo turistas [...] entender o Enoturismo de uma forma bastante ampliada. Então acho que foi determinante essa *relação profissional com o campo de pesquisa hoje*. Tanto que, em 2013, eu constituí o grupo de pesquisa, coordeno até hoje, que chama

Terratour, a gente pesquisa os produtos [...] nessa área de alimentos e bebidas [...] Então, acho que *aquela experiência ali atrás foi determinante* sim, embora limitada ao universo da própria vinícola, mas assim, a minha vinícola estava imersa num contexto de mais de 30 vinícolas, então eu digo assim que não foi uma experiência só da própria empresa, mas foi uma grande experiência de associativismo, porque nós éramos associados à Associação dos Produtores de Vinhos do Vale dos Vinhedos, Aprovale, e a gente viu que se não cooperasse no Turismo estávamos mortos assim como como destino turístico (E6).

Então essa questão dos eventos, de trabalhar de fazer eventos, de frequentar, o estágio, eu fiz um estágio [...] num importante hotel da cidade [...]. Na cafeteria que a gente tinha no nosso negócio nós também organizamos bastante jantares, eventos com música, então isso também me levou [...] para essa área de Alimentos e Bebidas que a área que eu também atuo hoje, área de eventos, então esses aspectos, *morar naquela aquela região foi sobretudo fundamental pra área que eu pesquiso que é o Enoturismo*, acho que é isso (E9).

[...] Eu fui, durante a faculdade, atuando em diferentes estágios, projetos, e assim, nada me agradava muito, mas a parte de consultoria, planejamento me agradava... não me agradava, mas me instigava, porque era um trabalho dinâmico, de resolver coisas, de fazer coisas [...] então, fiquei empolgado com isso, mas eu também não tinha só esse interesse financeiro, também tinha interesse de fazer uma carreira, de *fazer um nome*, de crescer, né, e aí uma coisa que para mim foi muito importante foi identificar que na época, e talvez até hoje, haviam muito poucos consultores - eu não vou dizer pesquisadores, pesquisa foi uma coisa que apareceu depois na minha vida -, mas consultores que tratassem de turismo pelo viés econômico, que tivessem habilidade com números, isso me pareceu uma enorme oportunidade [...]. Então foi uma escolha, assim, um pouco estratégica de seguir por essa linha de economia e métodos quantitativos no turismo, *por identificar que havia um espaço, que havia oportunidade de ganho*, que eu tinha facilidade, que eu tinha como crescer. [...] Depois fui me afastando da consultoria e me afundando mais na pesquisa no sentido mais acadêmico da coisa, né. *Então, essa referência desses dois professores, essa percepção de escassez do que eu podia oferecer, do que eu tinha mais facilidade de oferecer, e pronto, por aí comecei a construir efetivamente minha carreira* (E11).

[...] eu acho que contribuiu significativamente para tudo que eu escolhi dali pra frente, sabe, essa coisa de aproximação com a alimentação que eu tive...eu sou pesquisadora hoje de Gastronomia, de Alimentos e Bebidas, ministro [...] as disciplinas de Alimentos e Bebidas especificamente, e de Hospitalidade, então acho que minha vida fui construindo assim de um modo que as coisas foram acontecendo depois naturalmente, então o fato de eu ter feito intercâmbio aos 17 foi fundamental para que o meu inglês fosse fluente suficiente para passar na seleção da Disney e do Marriott [...] Quando eu voltei que eu já tinha tido experiência, já estava em grupo de pesquisa, como eu falei eu sempre transitei nos dois, então eu sabia como era grupo de pesquisa, eu já tinha participado, eu acho que eu já tinha participado de BIPIC, quando eu voltei eu queria fazer pós-graduação, porque eu já era formada em Turismo, então já conseguiria fazer pós-graduação, e aí eu tive uma professora que me disse “faz logo o mestrado, não tem porque você fazer uma pós-graduação, se você quiser faz logo o mestrado”. *Então foi com incentivo dela que eu me*

inscrevi no mestrado e aí comecei a essa coisa da academia mais de fato, mas acho que todas as experiências foram muito significativas assim [...] (E13).

Pode-se observar que as atividades profissionais relatadas influenciaram sobre um perfil de atuação profissional subsidiando significados compartilhados sobre o que é ser docente e pesquisador, especialmente, o que mais tarde direciona as escolhas para a pós-graduação e linhas de pesquisa que contribuem para a (re)institucionalização do campo, ao inserir novas abordagens e temas.

A relação apresentada entre as experiências profissionais vividas e a construção de um perfil profissional foi expressa vinculada, especialmente, aos temas de interesse e especialidades exercidas pelos professores-pesquisadores entrevistados.

Nesse sentido, foi atribuído como “retroalimentação” ou na própria definição de perfil, o desenvolvimento da prática e projetos de pesquisa, com o direcionamento em função da linha de pesquisa do programa onde cursou a pós-graduação; o aprofundamento em assuntos a partir da pesquisa de doutorado; a influência do primeiro contato com determinados temas pesquisados pelos pais (professores) e a inserção de temas de interesse pessoal em teses:

[...] no doutorado mesmo que eu tive mais tempo, mais, assim, maturidade pra entender a fundo o meu tópico [...] e mesmo assim eu percebo isso, que o doutorado, mestrado, você está aprendendo ainda tudo, você tem um salto muito grande, né, de entendimento das coisas e tal, mas no doutorado você ganha em profundidade [...]. Também tive a oportunidade de dar aula no ensino privado e eu falei “não, não é isso que eu quero, eu quero realmente ser professora de ensino público federal”, a partir do momento que eu ia *fazendo essas decisões isso implicava em comportamentos meus*, por exemplo, “ah quero ensino público, não quero privado, então, o que que eu preciso pra passar num concurso? De publicação, preciso de experiência docente? Eh preciso de terminar o doutorado”. Então eu já sabia assim que como que eu ia fazendo o meu currículo, sabe (E2).

Olha, eu comecei as minhas produções de pesquisa e tudo mais na área de Geoturismo, né, era uma área do que eu gostava, meu pai é geólogo, eu acompanhava ele nas excursões dos alunos dele [...]. Mas eu sempre, sempre, sempre, sempre trabalhei com a fotografia nos meus trabalhos. Então assim, eu sempre vi a fotografia dos meus trabalhos e sempre me questionei muito da questão do pré-viagem [...], o pós-viagem também, né [...], tudo isso pra mim é uma coisa que tem uma ligação muito forte do turismo, *coisa que pouca gente estuda*, né, tanto na área de gestão, de economia e tal, o pessoal estudou mais a viagem em si, né? [...] E me surgiu muito naturalmente por sempre gostar de colocar a fotografia nos meus trabalhos, seja de *iniciação científica*, seja de TCC, seja de *especialização ou no mestrado*, mestrado usei muito a fotografia [...] (E3).

Na graduação foi bem direcionada pra a vivência que eu acabei passando, que foi do *intercâmbio*. Já na pós, eu comecei a adentrar mais pela *área ambiental*

[...]. Só que aí, agora, eu tô fazendo um “pós-doc”, aí eu já saí um pouquinho da área ambiental, aí acabou que eu entrei na área do Enoturismo, *que é um segmento que acredito que cresce bastante e no Brasil*, principalmente, por conta da pandemia ele se destacou ainda mais, porque foi um segmento que não parou mesmo com a pandemia, né, ele aumentou (E1).

Outras experiências relatadas para esta construção de perfil foram a percepção de falta de afinidade com o mercado “não-acadêmico” a partir de estágios realizados (experiências práticas); a inclinação para a pesquisa, a partir da iniciação científica; as experiências de estágio “positivas” e a oportunidade de ensinar sobre as áreas com as quais tiveram contato:

[...] Trabalhei em companhia aérea, trabalhei uma na área de marketing de um hotel no Pantanal, trabalhei com consultoria e fiz *uma iniciação científica* que aí eu posso dizer que é um dos eventos, né, já vou respondendo uma das questões, dos eventos que me *foram encaminhando pra o mundo acadêmico*. [...] Então, quando eu quis fazer uma iniciação científica, eu tive que construir o espaço e as condições pra isso acontecer. Leia-se: eu procurei alguns professores, alguns não me deram muita bola e um deles, o professor Américo Pellegrini Filho, foi bastante solícito e me ajudou em construir um projeto de iniciação científica e pedir uma bolsa no balcão da FAPESP [...] que ia me direcionar logo adiante pro meu projeto de doutorado [...] (E4).

[...] Outra coisa era o salário. *O salário é baixíssimo no mercado*. [...] Depois eu fui pra Neotur, uma empresa de turismo de Niterói, fiquei pouco tempo lá [...], mas deu pra sentir um pouco, e, detalhe, esses quatro meses eles eram não remunerados. [...] Depois eu fui pro Trem do Corcovado, foi uma experiência maravilhosa, maravilhosa, maravilhosa. [...] Então assim, eu aprendi a beça, aí meu inglês melhorou mais. [...] E aí, eu saí porque eu já estava me formando na faculdade não podia ficar e me ajudou bastante na época do TCC, porque eu não tinha internet em casa. [...] E foi assim que no final de 2003 [...] eu passo na prova escrita no CEFET. Aí eu já sou profissional, já me formei e aí depois eu entro numa pós-graduação [...] Gerou a área de especialidade ou de interesse, como o planejamento, marketing e transportes, porque se você parar pra pensar, toda minha experiência durante a faculdade é com transporte [...] *eu tive uma experiência empírica de transportes. Então, eu citaria essas três áreas: planejamento, transportes e marketing* (E5).

A influência e observação do contexto também foi considerada na definição de perfil de atuação, com a inserção na área via negócios familiares; a demanda por material didático (livros-texto) para os cursos de Turismo em expansão à época; a carência de especialistas para as diversas áreas que compõem o currículo; e a “inauguração” de determinado tema de pesquisa pouco estudado. Além disso, a constatação da precarização do trabalho de colegas de sala que já trabalhavam na área; e, novamente, da mobilidade por meio de intercâmbios internacionais:

De certa maneira *eu inaugurei esse campo de pesquisa* sobre o Enoturismo, turismo do vinho, no país. Fiz a primeira dissertação nessa temática, e depois assim de mim, houve uma série de pesquisas sobre o Enoturismo e de gente conhecida hoje [...] Então, sim, se constituiu essa especialidade e se constituiu um grupo importante de atuação nisso [...] que foi essa produtividade nesse campo de pesquisa, desenvolvimento nesse campo de pesquisa no Brasil, e *digamos um certo protagonismo* assim que acabou levando e levando para outras áreas, né (E6).

Totalmente, como eu comentei ali a questão do Enoturismo já no meu *trabalho de conclusão de curso TCC, estudei Enoturismo influenciada pela região, pelo meu gosto também pela bebida, no mestrado também, no doutorado foi o tema do Enoturismo* e aí envolvendo aspectos relacionados à Gastronomia de modo geral, à cultura, eventos, enfim, mas *todos esses essas experiências que eu tive culminaram, tem relação com as áreas que eu atuo hoje* as áreas de planejamento do turismo, também relacionados às disciplinas que mais chamaram minha atenção, que eu mais me engajei quando eu estava fazendo a graduação, mestrado, são essas áreas que eu atuo, no Planejamento, Gestão do turismo, Enoturismo, Turismo gastronômico, Alimentos e Bebidas, e Eventos (E9).

Então a grande motivação para estudar o turismo foi a questão da precarização do trabalho. *Eu vi meus colegas que faziam faculdade comigo e que trabalhavam em hotel, trabalhando doze horas por dia.* Eu tinha colega que era gerente que dormir no hotel ganhando muito pouco, muito pouco (E10).

[...] quando eu começo a entrar nessa coisa do turismo, eu não entrei através das pessoas, eu entrei através do tópico [...] *os programas de Turismo no Brasil estavam bombando, muita universidade particular [...]* e o Turismo foi uma dessas muito importante, várias localidades tem interesse no turismo. E aí as editoras Papiros, Aleph, e outras, Senac tavam *bombando na produção de textos, livros, livros-textos sobre o turismo* e aí eu coloco a minha tese de mestrado como uma possibilidade de publicação que [...] rapidamente houve interesse e a tese a gente adaptou e foi publicado em questão de um ano que eu defendi meu mestrado [...] eu criei um nicho para mim, entendeu? E aí as pessoas não me conheciam pessoalmente, as pessoas sabiam que eu era o autor do livro de Transporte e turismo e durante muito tempo foi essa referência no Brasil fazendo doutorado fora (E12).

Foi relacionado também à definição de perfil de atuação o funcionamento da carreira acadêmica em si, com o desenvolvimento da disciplina do concurso para o qual foi aprovado para lecionar; com o estabelecimento de parcerias ao longo da carreira acadêmica com outros pesquisadores; ao impacto da dedicação exclusiva para o foco na atividade de pesquisador; as experiências ruins no ensino privado como docente e o redirecionamento de foco para reunir os requisitos necessários para atuar na educação pública a partir disso:

A primeira coisa foi a área para qual eu entrei no meu concurso, que era a Economia do turismo [...]. Mas aí conforme eu fui fazendo parcerias, conforme também abriu mestrado, eu acabei me deslocando um pouco da

Economia, então assim, hoje eu trabalho na área de Economia Comportamental, é a Economia, mas não é exatamente Economia do turismo clássica. Também *fundei junto com o professor Evangelista o Observatório do Turismo do Rio de Janeiro*, isso também foi um passo importante, porque a gente fez diversas pesquisas de campo, o Rio de Janeiro foi palco de grandes eventos [...] *então foi um movimento que aconteceu pela interação* [...] (E7).

Então, minhas experiências profissionais, principalmente dentro da graduação foram, *a agência de viagens, o hotel e a empresa júnior*. A agência de viagens eu posso dizer que foi muito útil pra entender a forma de funcionamento de uma empresa, né? Tanto no que tange prestação de contas, quanto interação com outras empresas, *estabelecimento de parcerias, estabelecimento de redes* [...]. Então, isso foi muito interessante e coincidiu de que quando eu fui fazer a prova no concurso foi sobre agência de viagem, inovações em agências de viagem, então me ajudou até a passar no concurso que eu tô hoje, apesar de Agenciamento não ser a minha área e de que com certeza muita coisa mudou desde aquela época pra agora, né, e não é algo que eu pesquiso e não é algo que eu me aprofundei mais posteriormente [...]. E, a questão da Empresa júnior foi um momento de entender empresas [...] Então, foi algo que despertou o interesse de pesquisa que eu vinha a desenvolver depois, é uma das minhas áreas de atuação. Mas se eu fosse dizer dois momentos marcantes pra coisas que me motivam de fato na pesquisa, atualmente, *foi um evento em Curitiba e o TCC que foram sobre comida*, né, que foram um evento sobre gastronomia e hoje em dia eu tento ligar tanto o marketing como a questão da alimentação tendo a questão do comportamento do consumidor e como os itens alimentares podem ser trabalhados como atrativo turístico [...]. Então, a minha linha atual e a minha pretensão atual é trabalhar com o leque todo, alimentação sobre diversos olhares, né? E aí isso que eu tenho feito hoje em dia (E8).

Então esse passo final pra me tornar um plenamente acadêmico, acho que talvez tenha esses dois lados: de um lado a *crise do mercado de consultoria*, de planejamento em turismo; e de outro lado, *as exigências do serviço público*, de dedicação exclusiva, e de certa forma uma exigência de isolamento, que acabou me levando por esse caminho [...] a pesquisa passou a ser o meu foco principal (E11).

Pode-se interpretar que o perfil de atuação profissional começa a ser definido ou redefinido de maneira mais empreendedora em fases de maior autonomia da carreira, especialmente com a exploração de novos temas a partir da tese de doutorado e da criação de novas redes de pesquisa/pesquisadores (estruturas formais) que incidem sobre e tem a capacidade de (re)institucionalização do campo acadêmico. Ao inaugurar abordagens científicas acerca das facetas do turismo que não haviam sido exploradas, ao menos no Brasil, passam a contribuir como especialistas para mudanças no campo.

4.4.2 Envolvimento acadêmico com o turismo: fatores relevantes

Quanto aos fatores de envolvimento com a área de turismo, os entrevistados elencaram situações e motivações que envolviam fatores econômicos, sociais e/ou culturais.

Em termos de fatores econômicos foi relatado a importância do vínculo profissional via concurso, com salários mais atraentes e o elemento da estabilidade no emprego público; e a possibilidade de conciliar melhor projetos pessoais e profissionais, como a maternidade ou paternidade. Além disso, a transição do trabalho de consultoria para a pesquisa acadêmica e como docente:

[...] uma das pessoas que eu conheci que é professora da UFMG de Turismo e na época ela tinha feito uma especialização em Marketing e ela foi minha Diretora de Marketing na Empresa Júnior [...] *falava comigo* “olha, o Turismo ele é bem aceito na Administração e vai te abrir portas”. Então o que aconteceu? Formei, fui trabalhar primeiro numa empresa de intercâmbio, falo isso até hoje, eu quando *eu descobri que eu ganhava o mesmo tanto que a faxineira e que a telefonista achei injusto* [...] a princípio, eu estava disposta a deixar Turismo pra trás, porque era uma área pouco valorizada e ir pra Administração como uma oportunidade de melhoria principalmente de salário, né? [...] E aí pensei *nessa história do mestrado com essa possibilidade de abrir portas, de melhorar salário e tudo* [...]. E, além disso, eu fui participar de um evento e nesse evento eu conheci um professor [...] da USP, *ele foi falou assim* “olha, eu acabei de ter um artigo internacional publicado no Turismo era muito boa de se pesquisar, se eu fosse você não abria mão do Turismo, não sabe, vai pesquisar ainda, continua no Turismo”. Então o meu projeto foi de Turismo, redes e marketing de relacionamento, acabei mudando isso no meio do caminho, mas eu estava disposta a mudar assim mesmo de área, de profissão, porque pra mim o mestrado era uma possibilidade de abrir portas, de trabalhar com outras coisas, conhecer gente e tal, mas essa fala foi importante “é uma área muito boa” (E2).

Naquela época, então, eu comecei fazendo pesquisa com o professor Wilson Rabahy, eu tava prestando algumas consultorias, tinha acabado de fazer consultorias pra Ruschmann, prestava consultoria eventualmente pra outras empresas, Tectraplant e tal, e dava aulas em faculdades privadas, e fazia mestrado. Na sequência, eu resolvi fazer graduação em Economia, comecei a graduação Economia, ao mesmo tempo em que eu prestei concurso e passei no Instituto Federal de São Paulo. Aí que a minha carreira se estabilizou...quer dizer, estabilizou não, mas...é, estabilizou por um bom tempo, aí que minha carreira se estabilizou: *funcionário público, salário garantido, um salário razoável*, ainda durante algum tempo não fui dedicação exclusiva, então eu trabalhava ainda com a FIP e tal [...]. Aí eu realmente comecei a pensar que o que eu queria era ir para uma universidade, eu queria me tornar professor de uma universidade pública, preferencialmente, a USP, mas com espaço pra ir pra qualquer lugar do Brasil assim. [...] E aí, me estabeleci na carreira que eu tenho hoje, professor da USP, pesquisador, professor de graduação e pós-graduação, aí realmente me estabeleci (E11).

Eu acho que tem outros que você deveria acrescentar, tá, eu acho que financeiros também, né, porque a gente consegue *crescer financeiramente* na carreira quando a gente tem mestrado, doutorado. Isso, vou te falar, você se tornar pai, isso vai te cobrar uma demanda, né, se tornar pai, se tornar mãe.

Então você precisa trazer mais “grana” pra dentro de casa e de alguma maneira, na nossa carreira, há um incentivo para isso. Então isso foi um fator importante, o nascimento de filho e crescer mesmo. Eu acho que não tem um fator assim, além desses [...] (E5).

Também nesse sentido, foi elencado o contexto de demanda por professores na área de turismo; percepção de poder oferecer, enquanto docente, uma formação melhor do que aquela recebida no período de formação, enquanto estudante; e apreço pela prática de ensino:

[...] um amigo de uma esposa mencionou uma faculdade particular [...] que estavam *procurando professores na área de Turismo*, que iam começar um curso lá, mas que tinham poucos professores. Aí eu mandei meu currículo, e quando eu mandei eu estava finalizando o mestrado, faltava só a defesa [...] e eles se interessaram, e eu comecei a lecionar lá. [...]E aí eu comecei o segundo semestre de 2008, eu tive minha experiência como substituta, ela foi muito curta, não deu nem seis meses, porque automaticamente eu já passei para o efetivo em 2008 (E1).

Mais pro final da graduação, eu soube que tinha um mestrado em Turismo na universidade. E eu assim eu *gostava da docência*, sempre gostei dessa coisa do falar em público, acho que também pelo atendimento ao turista, aí eu falei “quem sabe mestrado” [...] Aí no final da graduação eu fiz o meu TCC, que já emendei assim com o projeto para começar o mestrado, ele virou um projeto de dissertação e, bom, acabei passando no processo seletivo também do mestrado. E assim eu na minha cabeça eu tinha “olha, eu posso ser melhor do que os meus professores” eu tinha essa clareza assim [...] (E6).

Em termos sociais, o entendimento de vocação e motivação pessoal; contato com a pesquisa via iniciação científica ou outras modalidades de formação científica; multidisciplinaridade do turismo e o interesse no turismo enquanto objeto de pesquisa:

Primeiro, a *questão vocacional*. Segundo as coisas que eu fui vendo na graduação, o dia a dia, eu era da primeira turma, [...] então assim muitos professores nem sabiam que era Turismo, e eu fui vendo assim, esse professor eu não quero ser, esse eu quero ser, esse aqui eu não quero ser, então pra mim foi muito claro isso, né? [...] Muitos professores não faziam conexão com o turismo, muitos professores não sabiam que era turismo, enfim, e como a primeira turma é impactante. Aqueles que escolhem o curso por escolher e acabaram desistindo, porque, enfim, os professores não incentivavam. [...] Hoje em dia uma turma de Turismo numa faculdade como a nossa que entra cinquenta, forma dez, quinze, então a procura também diminuiu muito né? Então também isso é uma coisa também que eu acho que talvez seja uma questão de incentivo, né, mas *eu tinha um incentivo* dos meus pais, porque os meus pais...meu pai era professor de universidade, então tinha isso (E3).

Eu gostava de *ser professora*, gosto muito, aliás, eu me satisfaço muito em ver as pessoas aprendendo e melhorando e ficando diferente depois de ter uma interação e aí quando eu tava chegando mais ao fim do curso eu vi que eu

gostava disso [...]. E aí foi uma das primeiras experiências em pesquisa, depois teve um outro na Agnal UFMG também tinha um estágio que era em pesquisa e a gente fez uma pesquisa em grupo em hotéis, aí *depois o TCC eu me apaixonei de vez, minha orientadora era maravilhosa* e eu estudei o uso de elementos gastronômicos como atrativo turístico [...] Então valorizar e dar importância tanto *à questão formal quanto à questão do próprio processo de sistematização da pesquisa*, de organização do trabalho, né, e isso me motiva até hoje (E8).

Olha, essa é uma questão que eu tinha quando eu estava fazendo mestrado, doutorado [...] é um campo muito fechado, Economia pra Economia. E aí eu estava no interior tinha um professor que eu gostava muito, que a gente sempre ia junto, ele era chefe de departamento de Turismo daqui, ele já me conhecia, sabia do meu trabalho, a gente sempre conversava, *aí um dia ele falou pra mim* “olha, vai abrir um concurso para área de Economia do turismo, faz, tem todo perfil” e aí, quando ele falou isso, eu pensei “caramba, que legal, sair da Economia e ir para o Turismo”, que é uma coisa que eu amo, sempre gostei de viajar, sempre gostei, né, todo mundo que faz Turismo gosta de viajar, vou fazer e tal, fiz e passei.[...] E aí quando eu entrei eu me encantei assim *o fato de ser interdisciplinar*, das várias áreas, que era tudo que eu queria, sair da Economia, sair dessa coisa monolítica e interagir com Marketing, Museologia, História, com Patrimônio, tudo isso [...] (E7).

A minha vinculação ao Turismo sempre foi acadêmica mesmo, para discutir *pesquisa acadêmica, metodologia científica*, discutir temas, como políticas públicas, como sociologia do lazer, como precarização do trabalho, como geopolítica do turismo, sempre foi dessa forma (E10).

[...] Então assim eu fiz o meu mestrado e aí o que que aconteceu, teve o viés do turismo, e quando eu trago o turismo numa dissertação [...] o pessoal falou “pô, que legal, tem uma relação entre transporte e turismo”, que era uma coisa óbvia, mas que eles estavam focados em outros aspectos de transporte e não se articulavam com turismo, então eu tenho na minha na minha dissertação um componente de turismo que *abriu portas não só para mim, mas abriu portas pra outras pessoas da área de turismo* que depois foram fazer mestrado e doutorado no próprio pro programa de Engenharia de Transportes da Coppe, aonde eu estava, então foi daí que entrou o turismo na minha formação (E12).

Em termos de fatores culturais, foram citados o incentivo dos pais; os conselhos recebidos por professores e orientadores; a aprendizagem por aproximação entre pares; e as experiências de mobilidade internacional para trabalho, estudo ou pesquisa:

[...] Então a vida acadêmica ela foi se desenhando desde a graduação e eu não diria que foi alguma coisa assim claramente consciente, eu tinha uma espécie de propensão eu acho a vida acadêmica, tive alguns estímulos pra que isso acontecesse, principalmente *ter um orientador de iniciação científica* que foi o professor Américo que me deu apoio e me fez perceber que eu gostava daquilo. [...] Quando eu entrei na faculdade, depois segui, é que eu fui conhecer o mundo, né. Podendo aí sempre com o ganho dos meus estágios, depois dos meus trabalhos, investir em viagens, isso foi me permitindo *ampliar repertório de mundo e de redes de colaboração com universidades*

na Europa, na América Latina, um pouco nos Estados Unidos. Nesse sentido, nesse sentido uma coisa foi levando a outra, né. Entrar em contato com certos ambientes foram me estimulando a fazer coisas interessantes na carreira acadêmica também e isso de alguma forma *moldou meu jeito de trabalhar no mundo acadêmico*, foi meio por aproximação e aprendizagem assim entre pares, né. [...]. E ali eu defini que as minhas prioridades eram a vida, estavam na vida acadêmica, ou seja, que eu realmente queria assumir ali a centralidade da vida acadêmica como profissão mesmo, assim, como ofício, né? E nunca mais saí, nunca mais me distanciei (E4).

[...] E quando eu tive a oportunidade de me aproximar mais das pessoas, conhecer mais para além daquela comunidade que eu sempre estive, eu pude ampliar meu olhar e compreender que a academia e Turismo é sim um ambiente muito bacana, com discussões muito sérias, tem muita gente fazendo coisa legal, então já pensei em sair, *mas permaneci e gosto de permanecer, gosto de fazer parte dela*. Eu entendo que pouco se conhecia e se conhece, na verdade, porque ainda estou muito no começo da minha carreira sobre a realidade cacauero e chocolateiro no Brasil, sabe, na verdade, o Turismo cacauero e chocolateiro são *muito pouco discutidos*, existe muito conhecimento sobre Enoturismo, por exemplo [...]. Certamente, *minhas experiências me levaram*, inclusive a minha própria graduação em Hotelaria [...] para ministrar a disciplina de Hospitalidade [...], e também de Alimentos e Bebidas, porque [...] são minhas áreas de atuação e pesquisa, né, [...] então hoje eu estou numa vaga e assumindo disciplinas que correspondem com *meus interesses e minha formação* (E13).

Também neste sentido, o incentivo a atividade turística na região onde cresceu ou morava, associada ao negócio da família e/ou ao *trade* local:

Inicialmente foi aquela questão de ser comissária, depois eu vi que *na região também onde eu estava* do vinho, o turismo estava sendo bastante valorizado, incentivado, desenvolvido [...], enfim, eu vi a coisa, que eu tinha boas perspectivas, né, estava fazendo também curso de inglês para poder, né, saber um pouquinho [...] era importante nesse negócio. Nós atendíamos muitos turistas também, eu tinha que *participar de algumas reuniões* que envolvia secretarias de turismo, a prefeitura envolvia, as entidades associativas dos bares e restaurantes, enfim, o turista bem ou mal envolvido ali na minha vida ou as pessoas, os turistas em si, então isso me motivou. Depois no mestrado, enfim que eu comentei um curso de referência eu queria seguir aí *pensei já que não vou ser comissária de bordo posso ser professora*, é uma profissão interessante, uma *profissão segura* e aí enfim o Turismo foi minha primeira opção, não tinha outra escolha, outra opção (E9).

Os fatores relatados para a vinculação e a permanência no turismo envolveram também a percepção de afinidade com os temas, especialmente, em relação aos componentes do currículo e da multidisciplinaridade da abordagem do curso ou multifacetado do fenômeno social em si (enquanto objeto ou prática):

Primeira coisa é a diversidade, a *diversidade do fenômeno*, gosto muito de saber que o Turismo pode ter diversos olhares, sabe, que era uma coisa que eu sentia falta na Economia [...] eu achei sensacional, sabe, me seduziu de uma forma assim impressionante, porque é muito mais rico né você ter esse olhar multifacetado e a troca com outras pessoas, outras ideias, me fascina, sem dúvida nenhuma essa é a principal questão que me fixou do Turismo [...] acho que tem essas duas coisas, a diversidade, o prazer de trabalhar numa área que trabalha com a beleza, com o prazer, com a experiência (E7).

O meu envolvimento com Turismo, como já falei, acadêmico, *foi por causa das Ciências Sociais*. Uma coisa me chamava atenção no Turismo: a enorme precarização do trabalho. E nas Ciências Sociais eu estudava a sociologia do trabalho e me chamava atenção esse aspecto estrutural da degradação do trabalho. Então desde jovem mesmo, lá com dezessete, dezoito, dezenove anos eu já estudava a questão do mundo do trabalho para pensar os serviços, e mais especificamente os serviços turísticos (E10).

Então, *a convivência com meu tio na época ali adolescente que ele trabalhava no hotel me influenciou para querer fazer até Hotelaria*, eu acho que minhas *questões também de personalidade* e até de ter me mudado muito,[...], inclusive, continuei me mudando depois [...] e isso influencia também as minhas curiosidades pelo diferente, pelas especificidades de cultura e de costumes das pessoas, então é a minha personalidade também me traz pra *tentar compreender essas movimentações pelo mundo*. Especificamente de Hotelaria eu sou uma pessoa que tendo a gostar, eu gosto muito de gente, então eu gosto de receber pessoas (E13).

Além disso, há a referência do próprio ingresso na faculdade como fator vinculante, como também a importância da iniciação científica e, por vezes, do simbolismo da instituição na qual havia sido aprovado para cursar a graduação:

[...] *familiar, reflexo dos meus pais, incentivo da minha esposa*, não posso deixar de falar [...] eu já estava fazendo Especialização em docência pra ensino superior quando eu conheci ela, já era uma escolha, eu já queria ser professor, desde o primeiro ano eu falei “quero ser professor”, mas eu dava aulas nas faculdades particulares e começaram a fechar as faculdades particulares, fecha uma, fecha outra, fecha outra e eu comecei a ficar desmotivado, desempregado, comecei a procurar trabalhar em outras áreas [...], mas assim meu sonho sempre foi ser professor, e comecei a prestar um ou outro concurso [...]. Então assim, incentivo familiar, aquela coisa também de *seguir o que eu gostava*, eu sempre gostei de passar o que eu aprendia pros outros [...]. E, volto a falar, *a iniciação científica* foi pra mim a virada de chave pra questão de acreditar na universidade, sabe? E de conhecer o ambiente da universidade, porque eu conheci o ambiente da particular e da pública ainda na graduação né? [...] Primeiro dia de faculdade, professor perguntando o que que você quer fazer, o que que você pensa no curso de Turismo, quando eu falei “quero ser professor” a sala inteira virou pra mim e falou assim você está louco? Eu, imagina, setenta e nove pessoas viraram assim “você está louco”? O futuro do mundo é o turismo e você quer estudar, você quer ser professor, né? E deu no que deu, eu acho que eu sou um dos únicos que ainda está na área (E3).

Eu fiz o meu curso de graduação em Turismo entre 2000 e 2004, na entrada do novo milênio, portanto. Foi uma *escolha que eu diria consciente, apesar de certamente não ter sido feita com todos os elementos possíveis, talvez...talvez com todos os elementos que fossem os necessários, pode ser que tenham sido os possíveis*. Isso porque quando eu entrei pra fazer o curso de Turismo, a internet não era um recurso generalizado, e as redes, os contatos não funcionavam tão bem assim. Eu morava no interior do estado e o curso era na capital, então não tinha tanta gente com quem falar pra essa escolha. Basicamente foi uma espécie de *conjugação de elementos, assim de perceber quais eram os componentes de formação na área* que pareciam ser os ofertados no curso de Turismo e pra isso eu tinha o Manual do vestibulando [...] que explicava cada uma das áreas e aquilo que eu gostava e aquilo que eu não gostava. Então, acho que é um pouco clássico essa coisa de ser *mais ligado a questões de Humanas, de olhar de forma sensível assim pra elementos sociais e obviamente um pouco, ainda que não fosse enganoso, deslumbramento com o mundo das viagens*, né, com essa coisa de conhecer lugares novos, ainda que, como eu falei nas outras respostas, a minha rotina de quando criança, jovem, não era de muitas viagens, era de algumas viagens, *mas eu sabia que eu gostava disso*. Então foi mais ou menos por aí que me levou a fazer a graduação no curso de Turismo da USP, sabendo que era melhor universidade do país, *toda aquele simbolismo de estudar na USP*. Então eu entro no curso de Turismo da USP no momento em que ainda havia *bastante entusiasmo com a formação*, bastante expectativa e eu acho que um pouco de ilusão também num momento em que o Brasil ainda tava nesse processo de abertura comercial, de reorganização das funções do Estado, então o turismo era apontado lá como uma atividade que seria prioritária pro país. Então vendeu-se muito isso ao longo dos anos 90 na oferta dos cursos de ensino superior das universidades, *especialmente as privadas e eu pegava ainda a esteira*, né, a sequência desse processo, o início dos 2000, então era um curso bastante concorrido, porque ainda tinha bastante procura, tô falando de setenta, oitenta candidatos por vaga, alguma coisa assim. E especialmente porque o curso tinha poucas vagas na ECA, eram trinta vagas, então a disputa era grande, né, e aí eu embarquei no mundo do turismo pela via da graduação em Turismo (E4).

A relação com os professores, no sentido de dar a conhecer possibilidades de cursos de ação novos para suas trajetórias, a partir do contato com estes; e o acolhimento da comunidade acadêmica no geral, também foram atribuídos como fatores que gerassem adesão:

Pelo menos duas coisas, esse *ambiente multidisciplinar* que eu encontrei lá no Planejamento de transportes, que era com essa gama de profissionais que eu falei para você, eu encontrei ela também no Turismo e isso me fascinou, porque, de novo, no Turismo eu encontrei geógrafos, filósofos, urbanistas, economistas, cientistas políticos, então isso me fascinou, me saiu da caretece da engenharia, *me fascinou também essa pujança, assim essa empolgação*, sabe, né, porque durante a década de 2000, antes de acontecer o declínio dos cursos, enfim, né, porque teve essa massificação depois muitos fecharam, as universidades públicas até então não tinham muitos cursos, a USP era uma das poucas, depois foram aparecendo outras universidades federais, mas existia um entusiasmo, uma coisa que eu não tinha visto até então e eu me *sentí muito acolhido também* [...] pelas pessoas, pelos professores, alunos de Turismo (E12).

Também foram elencados aspectos externos (estruturais) presentes num discurso midiático e (político) ao apresentar o turismo como uma área de exercício profissional “do futuro”, no sentido de uma promessa promissora de carreira. Ou, ainda, como requisito para ocupar determinado cargo em empresas no contexto de expansão da área. Objetivamente, também foi colocado como fator de vinculação a estabilidade conferida pelo cargo público de concursado em uma instituição de ensino superior pública federal, com salários melhores quando comparado aos do mercado não acadêmico:

[...] porque eu queria ter o máximo de experiências possíveis [...]. E aí, nesse meio tempo que eu estava fazendo a faculdade [*em Letras*], apareceu uma oportunidade de fazer entrevista de emprego da Varig, companhia aérea. [...] E aí ela falou “cara, você vai conseguir a vaga fácil”. [...] quando pintou uma vaga na recepção lá no aeroporto, ela me ligou e ela falou assim [...] “a Varig não tá mais aceitando profissional de cara, tem que ser estagiário, tem que começar como estagiário, e *só estagiário de Turismo*”. E foi assim que eu fui parar no Turismo (E5).

Olha, se eu for colocar lá desde o começo, a questão da escolha do curso lá na época do terceiro ano, né? E aí eu gostei da área e acho que é uma área que ao mesmo tempo muito prazerosa quanto pode contribuir pras comunidades, pra sociedade, pode diferenciar muita coisa e eu acabei me mantendo na área ao longo do tempo, né, porque eu gostei dela. Então, posso dizer que toda trajetória acabou me fazendo me manter nela, eu não tive decepções com o Turismo, eu sempre gostei. [...] Só que *eu também gostava de ser professora e isso veio aflorando mais quando eu fui tendo contato com a minha orientadora, com a atuação na Território*, né? E as diversas possibilidades que isso dava e eu vi que eu gostava da área, gostava de atuar em agência, gostava de hotéis, *mas não queria isso pra mim, porque eu também queria uma estabilidade*, né? Eu queria ter um emprego público, eu nasci em Brasília, né, então isso já vai sendo colocado em você desde pequeno, né, emprego público, emprego público. E a docência pra mim fazia muito sentido nessa perspectiva, né, de tanto manter esse gosto que eu tinha quanto atuar com uma estabilidade, né, no que eu gostava [...]. Então, foi isso que eu fiz (E8).

Dentre os diversos fatores de vinculação profissional ao Turismo relatados pelos entrevistados, é possível destacar e analisar alguns a luz eficácia simbólica, que seria uma maior legitimidade construída com base em discursos e práticas, ainda que não haja uma eficácia comprovada por si. Nesse sentido, pode-se inferir que a influência da “promessa de profissão do futuro” na área de turismo foi construída, ao menos em parte, pelos discursos midiáticos mencionados pelos informantes, especialmente no período de ingresso na graduação em Turismo. Também pode ter sido apoiada no discurso político, no momento em que a atividade

turística se instala com maior presença na agenda pública e se reflete, inclusive, nas instituições educacionais, que por sua vez, também gozam de legitimidade “chanceladora”.

Pode-se interpretar que o envolvimento acadêmico foi permeado por motivações múltiplas, que se orientaram pelas interações: i. no interior do campo acadêmico, em função do crescimento da demanda por docentes na área de Turismo em instituições públicas com empregos estáveis, a carência de especialistas e de materiais didáticos (livros); ii. no interior da instituição de ensino superior, em função de políticas de incentivo ao ensino, pesquisa, extensão e internacionalização acessadas, bem como as normas prescritas para ocupação dos cargos profissionais; iii. na convivência com pares, em função de uma aprendizagem tácita e mimética sobre a prática docente e de pesquisa; iv. no contexto familiar e comunitário, em função da referência de suas práticas sociais para as trajetórias e preferências individuais, ou ainda, diante da incerteza, a sobreposição delas para seguir um padrão de conduta modelo que de alguma forma tivesse uma camada de maior legitimidade ou prestígio.

4.4.3 Motivações e inserção na área acadêmica do Turismo

O requisito para permanecer na área acadêmica do Turismo (caso já tivesse sido aprovado em concurso) ou para ingressar (caso estivesse visando a carreira como concursado com seus benefícios) foi relatado como motivação para as escolhas de vinculação, além do prestígio atribuído à carreira. O período e modo de ingresso variou conforme o contexto da época e as exigências requeridas para atuar em instituições de ensino públicas, como as titulações necessárias:

Então, foi algo assim que eu nunca imaginei acontecer, o Turismo nunca esteve no meu radar “ah, vou ser professor da área de Turismo”, não. [...] Então foi uma coisa abrupta mesmo, sem planejamento, *uma oportunidade que apareceu*, que encarei, pensei que pudesse ser uma coisa bacana e foi. Então, nunca tinha planejado antes (E7).

Eu acho que não...*eu acho que foi mais o contexto*. Como eu tinha tido contato com a agência, eu já sabia como funcionava, você trabalha bastante, que é bem interessante quando você é o dono e não quando você é o empregado [...] Como eu comecei no mestrado e me identifiquei, e automaticamente, logo em seguida, eu entrei no concurso, eu continuei gostando e hoje eu não me vejo em outra área que não seja essa, não me vejo jeito nenhum (E1).

O mestrado foi porque eu precisava pra *prestar os concursos*. Os concursos tavam abrindo pra mestre. Começou a pipocar concurso 2005, 2006, é

concurso atrás de concurso, concurso atrás de concurso e aí eu, bom, preciso fazer o mestrado, e aí eu já tinha especialização, já dava aula em faculdades particulares com a especialização [...]. Fiz o meu doutorado, [...] no tema que eu queria, com o que eu queria, que era fotografia e turismo [...] não consegui afastamento, dedicação não era só pra tese, então assim, foi a tese que deu pra fazer, mas me rendeu cinco publicações, né, então ganhei uma projeção nacional muito bacana assim, né, *um dos primeiros caras que produziu sobre fotografia e turismo no Brasil*. E me rendeu agora dois capítulos de livro internacional, um espanhol e em inglês (E3).

[...] pesquisar era importante pra *crescer dentro da profissão*, fazer mestrado e doutorado. Ali começou minha carreira, diferente de outros colegas que fizeram a graduação, mestrado, doutorado, eu passei bem antes (E5).

Então eu sempre tive muito essa proximidade e pra mim sempre foi um caminho, me pareceu *um caminho interessante financeiramente, em termos intelectuais, de desafios, de prestígio*, né, sempre me pareceu uma saída melhor do que o mundo privado. [...] era uma percepção de habilidades pessoais [...] de um *mercado bom com demanda, mão de obra, com salários razoáveis, com uma dinâmica interessante, com prestígio, com desafios* e eu, de certa forma, tinha esses exemplos e me enxergava de alguma forma hábil pra trabalhar nessa área. [...] na universidade, que é isso que eles pedem, isso também acho que eu consigo de certa forma oferecer, então acho que também foi por aí (E11).

Outras motivações recorrentemente relatadas foram a influência, o incentivo e o apoio recebidos da parte de professores que tiveram ao longo da formação; e sua relação com as experiências na docência e na pesquisa, anteriores ao ingresso enquanto professores-pesquisadores de carreira, sejam elas concomitantes e/ou após a formação em nível de graduação, pós-graduação ou trabalho:

Como eu disse, eu sempre tive um pouco dessa *tendência*, né, de família, meus pais são...meu pai é professor, minha bibliotecária, meu pai professor da USP, né. E por outro lado também nos meus empregos eu sempre tive um *uma proximidade com docentes e consultores*, né (E11).

Desde que eu me graduei, eu virei professor. Eu fui dar aula pela primeira vez no próprio curso onde eu me graduei como professor conferencista [...]. Então assim, eu fui fazendo o meu mestrado já sendo professor, já aprendendo a docência no processo, num tive uma escola de professor. Eu aprendi ser professor *dando aula e interagindo com os estudantes* e lidando com os desafios [...] (E4).

Ter trabalhado na iniciativa privada me fez falar “não, eu quero público”, ter conversado com o professor Jorge que falou “olha, permaneça no Turismo”. [...] Além disso, minha orientadora, minhas duas orientadoras, né, a Marlusa e a Betty Yada [...] elas foram essenciais. Elas foram essenciais no sentido de

me dar oportunidade de me formar [...] *muito de inserção assim, então ela me inseriu num mundo*, hoje em dia eu sou conhecida por muitos profissionais do Turismo, pesquisadores, muito por causa da Betty [...] na verdade são empurrãozinho, sabe, que você precisa pra poder ir se inserindo nesses meios, né? *De conhecer as pessoas, de fazer alguns contatos*, então acho que foi foram pessoas, né, principalmente em situações essenciais assim pra escolhas minhas (E2).

[...] era uma fase que estava pipocando muito concurso público, muito mesmo, a fase da expansão das universidades, do REUNI, tudo isso. Então tinha muito concurso, a gente praticamente escolhia o concurso que ia fazer para onde queria ir [...]. *Era uma fase que não tinha doutores turismólogos com doutorado* [...]. Eu concluí o mestrado em 2007, nesse meio tempo, eu fiz um estágio de pesquisa na Universidade de Pádua, na Itália [...] Isso me motivou muito, porque aí conheci algumas regiões vinícolas do norte da Itália, que eu sonhava em conhecer e tal (E6).

A motivação por meio do contato com “correntes” de pensamento, como também com a prática de pesquisa, foram relatadas como fatores de envolvimento com a área acadêmica, favorecido por um contexto de demanda por especialistas, em detrimento de outras opções de carreira cogitadas:

E termos de pós-graduação, eu fiz especialização, também da universidade federal em Demografia, fiz o mestrado na Geografia, eu sempre tive uma relação muito, muito próxima com a Geografia, sobretudo porque eu sou marxista, e como *marxista a Geografia crítica é sempre me caiu muito bem*. E aí, depois que voltei pra Ciências Sociais para fazer o doutorado. Minha trajetória sempre foi acadêmica, por causa das Ciências Sociais. Se não fosse as Ciências Sociais você teria sido um pesquisador? Seguramente, não. Se eu tivesse somente feito o Turismo, dificilmente eu estaria hoje como professor universitário, como pesquisador, dificilmente, creio que não (E10).

[...] teve aquele descobrimento realmente de como é legal ser pesquisador em turismo [...] então eu curti ser turista também ao ser um pesquisador de turismo, eu gostei muito disso, eu me encontrei muito. Então assim eu me encontrei, *uma sorte muito grande de tá no momento certo numa área que estava carente de estudos de Transporte e turismo*, isso não é mérito meu, isso foi uma oportunidade que eu tava no lugar certo, na hora certa, eu fui muito bem acolhido pelas pessoas e eu me entusiasmei pela prática de ser um pesquisador de transporte, *mas transporte em turismo*, se eu estivesse estudando transporte urbano, *talvez eu não tivesse tido essas oportunidades* que eu tive nesse sentido (E12).

Então eu gostava muito de pesquisa e aí eu fui para academia para fazer mestrado não pela docência, *eu fui pela pesquisa*, sabe, a docência foi uma coisa que veio entrando na minha vida aos poucos e que no começo eu não gostava assim, me sentia muito exposta, e precisei me acostumar, e é curioso porque minha mãe é professora, então eu poderia dizer “ah, minha mãe é professora”, mas não é assim (E13).

4.5 ATUAÇÃO PROFISSIONAL E CARREIRA ACADÊMICA DOS ATUAIS EMPREENDEDORES INSTITUCIONAIS DO CAMPO ACADÊMICO DO TURISMO

O objetivo desta seção é apresentar as motivações elencadas pelos professores-pesquisadores entrevistados para ingressarem na área acadêmica do Turismo; a influência de eventos marcantes na pós-graduação; os relacionamentos que foram relevantes para as escolhas tomadas; bem como a rotina durante estas fases de formação e atuação profissional. Há também os temas de interesse aos quais se dedicam ou dedicaram; as decisões mais importantes que consideram ter tomado; a opinião acerca da cientificização do turismo e da pertinência dos cursos de graduação e pós-graduação na área e, por fim, o que consideram como um legado a ser deixado para o campo acadêmico.

4.5.1 Reflexividade sobre o passado e projeções futuras para o campo acadêmico do Turismo

Acerca da evolução histórica do campo acadêmico do Turismo, foram ponderados aspectos de avaliação tanto positivas quanto negativas a respeito da qualidade e diversificação da abordagem teórica e metodológica das pesquisas ao longo do tempo e da produção científica, especialmente, a carência de aplicação de metodologias quantitativas. Também foi citado a formação de redes a partir de mais recursos tecnológicos disponíveis na contemporaneidade:

O avanço é gigante, na minha época de graduação a gente ainda estava discutindo as definições [...] de tão novo que era o tema, e eu sentia muita falta de ter um uma base teórica e metodológica melhor, e isso eu fui encontrar na pós-graduação que eu fiz [...] *Apropriar-se de temas, de ideias de outras áreas pra do Turismo era bem positivo, então eu percebo assim, que os estudos no Brasil têm melhorado em termos de qualidade.* [...] como o Turismo é muito interdisciplinar, as áreas elas ainda precisam conversar mais no sentido realmente de internacionalizar a pesquisa, de produzir pesquisas de qualidade, independente do método [...], mas ela é uma área recente, então é natural esse percurso, né. Não é culpa de nenhum pesquisador também, não, acho que é um processo mesmo de amadurecimento da área (E2).

Nós somos uma área nova, né, então a gente *precisa se basear muitas vezes em outras ciências*, a Sociologia, a Antropologia, a Administração, isso precisa ser trazido assim para que a gente amadureça, sabe, mas eu acho que melhorou muito [...] mas acho que tem coisas que a gente ainda precisa melhorar assim, sabe algumas coisas percebo que às vezes tem dificuldades

de ter acesso, umas coisas que às vezes acontece assim meio na amizade, sabe, eu não gosto disso, *assim de grupinhos*, então acho que algumas coisas ainda precisam melhorar, mas acho que muita coisa já foi melhorada também (E13).

A gente tem vários, por exemplo, pesquisas quantitativas mais aprofundadas são poucos os pesquisadores que tem um conhecimento até por conta da base que a gente não teve, mas a gente vê que tem gente correndo atrás e já desenvolvendo isso e *as gerações futuras tendem a ser melhor ainda nessas falhas que tivemos* (E8).

O crescimento é monumental, eu credito isso as universidades públicas. Eu acho que a chegada dos cursos de Turismo nas universidades públicas tirou a variável lucro, sabe, os cursos não têm mais que dar lucro, tem que ter qualidade. [...] Se comparar o material que eu estudei, por exemplo, na época da faculdade com o que a gente tem disponível hoje, a diferença é muito grande. *Porque veja bem, a gente cresceu como área*. Acho que se você pegar os artigos da década de 90, início de 2000, a metodologia não é tão rigorosa, sabe. [...] O ponto positivo é que a gente melhorou, mas ainda assim a gente discute pouca contribuição teórica [...] (E5).

Também foi destacada a emergência da pós-graduação na área, ou seja, a criação e crescimento da oferta de cursos *stricto sensu*. Os efeitos deste incremento são avaliados de maneira positiva, com a possibilidade de formar doutores no país, e por outro lado, de maneira negativa, por serem considerados incipientes no que se refere a diversificação de paradigmas científicos:

[...] eu percebo essa evolução histórica acadêmico do Turismo...eu sempre coloquei em sala de aula, em eventos ou publicações, que os estudos em Turismo no Brasil são predominantemente funcionalistas, positivistas, voltados a pesquisa aplicada em gestão de negócios. A evolução acadêmica é muito lenta, muito lenta mesmo. E na minha percepção, o que há de refinado, de crítico, de científico mesmo vem basicamente da Geografia. [...] Então o que eu digo assim, é em termos de evolução, a evolução muito pouca. Nós temos hoje uma série de programas de pós-graduação no Brasil em nível de mestrado e doutorado, nós já temos a formação do corpo docente em nível de doutorado no Brasil e nós não temos uma evolução qualitativa dos estudos. Nós não temos. Nós temos, por exemplo, *uma internacionalização muito grande da produção teórica, mas ela é basicamente funcionalista mesmo*. [...] A literatura dominante no Turismo é uma literatura conservadora, é uma literatura pró capital, é uma literatura funcionalista, que reifica o turismo. Então essa evolução ela é puramente quantitativa mesmo. Nós temos um aumento exponencial de periódicos, de cursos de pós-graduação, de professores com um doutorado, fazendo pós-doutorado mundo afora, mas ainda refém dessa herança funcionalista e positivista que ainda domina no turismo (E10).

Então quando eu ingressei, nós tínhamos poucas universidades sobretudo com mestrado e doutorado, acho que doutorado nem tinha quando eu comecei,

quando eu estava no doutorado até mesmo o *doutorado aqui no Turismo no Brasil eram bem pontuais* acho que dois, três, enfim, tanto que eu fui fazer doutorado fora. [...]. E o doutorado, claro, que fazendo doutorado no exterior tu retorna para o país depois eu tive vários reconhecimentos, fui bem-vista, uma valorização até pelos meus pares por ter feito o doutorado lá fora, *ter conhecido outras realidades*, então nesse sentido (E9).

Em relação aos cursos de graduação em turismo foi relatado o processo de ascensão e declínio da oferta, bem como o esvaziamento dos cursos, fatos vivenciados por parte dos professores-pesquisadores entrevistados. Além disso, foi contraposto também a consolidação do campo da pesquisa e ensino do Turismo no país e a decadência da atuação profissional e empregabilidade do turismólogo. Foi narrado a influência do discurso da mídia, governos, ministérios e políticas a época acerca da atividade turística, além da reconfiguração da oferta de cursos em nível de graduação nas últimas décadas, migrando em sua maioria de instituições privadas para as instituições públicas:

Eu acho que a gente tinha um *boom* de oferta de formação em Turismo nos anos 90 e eu não tenho certeza se isso era por uma convicção da real necessidade de tanta gente formada na área. Existia uma promessa de que o turismo seria uma grande área e exigiria profissionais específicos, mas a gente não teve nem o turismo ganhando esse *volume que as narrativas prometiam*, né, e nem os graduados na área entrando pra trabalhar nesses setores de Turismo. Então, uma crítica que eu gostaria de fazer que eu acho que isso foi...isso teve muito ligado com o momento em que as universidades privadas ganharam muito terreno no Brasil, né, eram os anos do governo Fernando Henrique em que privatizações e a lógica neoliberal tava se instalando de forma plena no Brasil e muitas universidades particulares [...] vender cursos que eram muito baratos e Turismo eram deles, então somado a esse *entusiasmo, somado a essa expectativa com o turismo e a oportunidade de vender um curso barato*, tanto na produção quanto na venda, acho que explica um pouco esse *boom* do número de cursos nos anos 90. Isso foi se diluindo ao longo dos anos 2000 e agora parece que a gente tá numa encruzilhada, né, de saber se e como esses cursos devem continuar existindo e pra quê [...] (E4).

Bom, nós tivemos duas curvas, né, que são bem dispares: uma que é a *consolidação do campo da pesquisa e do ensino do Turismo no país*, e outra parece que *foi uma certa decadência da área profissional*. Ao mesmo tempo em que a gente teve a expansão dos cursos nos anos 2000, chegando a ter mais de 600 cursos de Turismo no Brasil, que era a bola da vez, tínhamos um ensino de baixa qualidade, com professores com uma formação ruim, não muito consolidada, né, e que acho que a própria área foi se ajustando. E com isso sobrou de certa maneira aquele que tinha um pouco mais de qualidade, as federais começaram a surgir, né, com a pesquisa consolidando mais a pesquisa do que nas outras privadas ou comunitárias desde então. Houve *fortalecimento do campo do ensino e da pesquisa com a consolidação dos programas de pós-graduação* [...] vejo que há uma certa estagnação do campo profissional e isso

tem feito a demanda por cursos de Turismo também cair, tem se refletido na pós-graduação, não é uma realidade só do período da pandemia, isso já vinha acontecendo antes [...] (E6).

No que tange a organização do campo, foi narrado uma percepção de conservadorismo em termos de matriz curricular dos cursos; de disparidades regionais no reconhecimento de pesquisadores e instituições fora do eixo sudeste, bem como a dificuldade de acesso a bolsas de produtividade por pesquisadores mais novos:

Continua o mesmo praticamente, né, as matrizes curriculares continuam as mesmas praticamente, quem manda nas bolsas de produtividade continuam os mesmos ainda, né. Não abrem mão das bolsas de produtividade, isso aí só trava o pensamento científico na nossa área, basta ver a ABRATUR, nós temos só dois [...] que tem bolsa científica no Turismo [...] só ficaram com os mais antigos, então quer dizer, pra você ser bolsista produtividade você tem que ser pessoa antiga. [...] A nossa área é muito pequena, então as pessoas se conhecem muito né, então é muito raro, por exemplo, ter alguém como eu, por exemplo, que não tem nenhuma...não fui aluno de tal, não foi aluno de tal, “você foi orientando de quem? De tal pessoa, ah não conheço”. [...] Então assim é muito raro ter alguém que surja como professor e seja expoente que não se tenha passado por uma faculdade particular daquelas maiores ou não tenha passado pelo eixo ali da USP, né? Eu não sou, eu não passei, então eu percebo muito a restrição a isso ainda, e sempre deixo isso muito claro. [...], as matrizes nossas são de quinze anos atrás, é uma coisa muito antiga. [...]. Tem a questão da formação, tem a questão dos cursos, da matriz curricular e da própria formação do corpo docente no meu entendimento. E o copo docente fica preso a uma matriz ou a uma ementa que ele criou lá atrás e ele não quer mudar. Entendeu? “Ah, eu estou dando o meu aqui, meu salário está vindo aqui e acabou”. É difícil. [...] Mas a gente tem um atraso ainda com relação a isso, por exemplo, com relação a questão de empreendedorismo e de tecnologia no meu entendimento. A gente não estuda profundamente empreendedorismo e a tecnologia, a gente está deslocado, os nossos cursos de Turismo estão muito antigos, né? Porque na ANPTUR [...] são sempre os mesmos que mandam trabalho, e raramente a gente vê professores de outras áreas que vão lá discutir o nosso GT, tá [...] Então eu entendo que a gente ainda tá muito preso na academia àquela formação antiga das ciências naturais, da geografia, da comunicação arcaica, né. Então assim, se a gente não pensar que a formação em Turismo ela tem que servir pra sociedade, mas também pro mercado, o mercado faz parte da sociedade, a gente vai continuar formando gente que vai sair sem entrar no mercado de trabalho, né. [...] Outra coisa, eu vejo muitos cursos que abrem vaga, assim formado em Hotelaria, formado em Administração, formado em Educação Física, você não vê formação em Turismo. [...] Então assim, a gente também perde incentivo de quem é formado em Turismo. Por quê? Porque os próprios cursos de Turismo abrem pra antropólogo, pra geólogo, pra não sei o que. [...] Então, tem tudo isso (E3).

Ainda em relação a organização do campo, foi destacado e ponderado o incremento de redes de pesquisadores tanto a nível nacional quanto a nível internacional e/ou o contato com outros ambientes acadêmicos a partir de mobilidades acadêmicas voltadas à articulação entre grupos de pesquisas, ou seja, voltados para a internacionalização. Também, o crescimento da qualificação dos docentes, das publicações e associativismo:

[...] Olha, eu enxergo...eu acho que o Turismo é uma área jovem, eu acho que essa diversidade que eu tanto amo ela também atrapalha, porque ela traz uma gama de metodologias, de conhecimentos que a gente não consegue dar conta exatamente, é tudo muito fatiado, é atomizado, mas eu assim a minha percepção é que a coisa tá indo, a gente teve um salto qualitativo com a própria ABRATUR, eu vejo claramente o engajamento das pessoas em prol da área dos pesquisadores em especial, por exemplo, a ABRATUR tem pessoas de fora do Brasil, brasileiros que estão na Austrália, na Inglaterra, Portugal, essa interação ela é muito rica, porque a gente está dialogando com o que há de melhor no Turismo, com as pessoas que estão ali produzindo, na ponta do processo. [...] Então acho que a gente evoluiu, a gente tá mais organizado do que a gente tava, as pessoas estão mais conectadas do que estavam antes, a gente vê grupos de áreas específicas se juntando, acho que a ABRATUR também ajuda nessa organização mal ou bem, os melhores pesquisadores de Turismo estão na ABRATUR, então essa troca é muito positiva, a gente tem uma troca muito intensa no nosso grupo do WhatsApp. E acho que agora, inclusive nessa nova gestão, nem é puxando sardinha não, como eu faço da gestão eu também vejo, ela está muito engajada em tornar a pesquisa em Turismo realmente uma questão central do ponto de vista da política pública, trazer o turismo, dá uma centralidade da pesquisa em Turismo maior, protagonismo da pesquisa maior do que ele vem tendo nos últimos anos. Então eu acho que toda essa conjuntura, apesar da gente não ter chegado lá, né, ela tem as condições pra gente chegar lá, avançar no campo de uma forma mais profissionalizada, com uma metodologia mais estruturada, com artigos mais bem acabados, tô bem otimista, eu acho que apesar da gente estar ainda no meio do caminho, a gente já deu alguns passos importantes (E7).

[...] Com certeza evoluiu muito, assim anos luz, né. Como eu disse pra você na época que eu fiz o curso de Turismo nem metodologia de pesquisa de uma forma bem estruturada a gente teve de fato [...] mas até o fim da minha graduação ainda era muito processo em construção, as pesquisas de turismo eram muito achismos, muito prescritivas, muito manuais assim [...]. E isso eu vejo que mudou muito e nesse sentido teve o papel de vários pesquisadores que tiveram contatos com várias outras áreas internacionais, como o professor Gandara que a gente não pode deixar de falar, entre outros, e de uma nova geração que também foi pra fora, que também procurou se especializar e que tem atuado numa forma coletiva e motivando pra que as pesquisas sejam mais robustas, né, e mais críticas como, por exemplo, a ABRATUR, né, que tem se articulado nesse sentido e tem discutido e fazendo vários fóruns pra mostrar como isso pode melhorar, né, porque a tendência é tornar o corpo mais crítico e mais rigoroso, e isso eu vejo que a gente melhorou muito, né. E hoje em dia a gente tá muito a frente, claro, que a gente ainda tem várias deficiências, né (E8).

[...] o que eu vi acontecendo nesses 20 anos que eu estou envolvido com turismo no Brasil é essa mudança que eu falei para você dos centros universitários, uma tendência muito grande, essa preocupação com o ensino e depois com o estabelecimento das universidades federais e disseminação de cursos de Turismo nas universidades federais, um crescimento da qualificação dos professores em termos de serem doutores e também de um crescimento da produção científica, não mais de livros, mas de artigos científicos e também, de uma certa forma, de uma articulação desses profissionais pesquisadores com o exterior (E12).

[...] e aí, de algum tempo para cá, eu até de certa forma atuei um pouco nisso e tal, esse pessoal das universidades públicas tem começado a se organizar de novo em torno de uma comunidade de Turismo, então tem lá o encontro lá que eu ajudei a criar inclusive...enfim Encontro dos Estudantes de Turismo, a ABBTur agora recentemente voltou a ganhar algum destaque, né. Então o pessoal tem se reorganizado um pouco tentando já num espírito mais de universidade pública, num espírito mais de luta política, menos de empresariado, menos de iniciativa privada, tá. O pessoal tem começado a se reorganizar.

Também foi relatado a percepção acerca dos caminhos percorridos por egressos de cursos de turismo, no sentido daqueles que foram atuar na iniciativa privada, se aproximando em algum momento de outra área afim mais consolidada e, por fim, migrando definitivamente para esta última; à docência, como alternativa para o egresso que não busca a iniciativa privada e/ou não consegue se inserir na gestão pública. E, a tendência dos egressos que ingressaram na academia em se envolver com comunidades e projetos de extensão vinculadas ou não a temas em turismo; ou, a tendência em se dedicar a dimensão mais teórica e de pesquisa vinculadas ou não a temas em turismo:

Bom, e o pessoal que fez Turismo, né, ao longo desse tempo uma parte foi pra iniciativa privada e ficou na iniciativa privada, né, em hotéis, agências, coisas do gênero, muitos acabaram de imediato ou com algum tempo mudando de área, então vejo muita gente que foi cursar Turismo e aí entrou no marketing do hotel e depois acabou mudando de empresa, mas continuando no marketing, ou pessoas que foram trabalhar com turismo sustentável, acabaram trocando de trabalho, mantendo o sustentável e tirando o turismo, né, pessoas que acabaram muita gente acabou mudando de área deixando o Turismo, mas continuando na área específica em que começaram a trabalhar no turismo, seja marketing, responsabilidade socioambiental, finanças, recursos humano, o que for [...] (E11). [...] Então com esse *boom* dos cursos de Turismo o pessoal começou a buscar mestrado, doutorado tinha muita demanda por professores, as pessoas começaram a abrir cursos de mestrado e depois de doutorado em diferentes lugares, né. Houveram alguns cursos que abriram e fecharam, [...] depois houveram outros que abriram e ficaram, que são os que tão aí hoje, e

isso começou também a virar um pouco uma saída pra esse aluno de graduação que não quer trabalhar na agência, no hotel, né, e não encontra muitas vezes espaço na gestão pública, então esse pessoal muitas vezes vai pra docência, vai pra pós-graduação, né, e tentar fazer um caminho por aí, como os cursos cresceram muito, principalmente os públicos, são empregos públicos, são empregos de relativamente boa qualidade, né, o pessoal foi muito pra essa área e aí chega lá no curso, lá da universidade em algum lugar, muitas universidades no interior e tal chega lá realidade e não é a realidade assim tão evidente do Planejamento turístico ou do empresariado, né, e aí eu acho que muita gente...as pessoas um pouco se dividem assim, tem o pessoal que quando se depara com essa realidade do curso de graduação que não é exatamente compatível com o que supostamente seria a proposta, o que tá nos livros, né, do negócio do turismo e tal, tem um pessoal que acaba se envolvendo mais com os problemas locais e com os alunos e com os projetos de extensão e muitas vezes, com muita frequência eu diria, até se afastando um pouco do turismo, mas pelo menos contribuindo em questões relevantes, né. E tem o outro pessoal que tem uma tendência mais de buscar a pesquisa, de buscar as conexões com outras pessoas de outros lugares e formar redes e discutir e pesquisar tal, se afastando um pouco desse mundo real e se aproximando de um mundo mais da teoria, das discussões teóricas, do conhecimento por si e assim por diante (E11).

Acerca da concepção de pesquisa e da cientificização do turismo, em parte foi defendido o entendimento de que o turismo: é ciência, mas uma ciência recente; de que é corpo científico, mas não uma disciplina ou objeto; que é cientificizável, desde que seja um conhecimento sistematizado de acordo com um método; e, ainda, passando pelo critério de ser passível de replicação:

[...] E é, sim, uma ciência, dependendo do segmento fica mais fácil você visualizar em alguns contextos você não visualiza tanto, mas que todos eles têm sua importância sim. E acho que isso é um fator positivo da pandemia, a gente conseguiu enxergar e muitos segmentos começaram a se reinventar. A gente vê os eventos como eles começaram a ser feito, que a gente nunca imaginou eventos virtual ou entrevistas como nós estamos fazendo aqui de modo virtual. Então acho que a gente teve que se reinventar e no turismo muito foi modificado e com certeza vai ser modificado em relação a isso, desde visitas a museus, guiadas, inclusive onde você pode pagar e você vai ser guiada, você não vai tá lá. Então você começa a observar que, de fato, é uma ciência. Talvez não ficasse tão claro dependendo do seu olhar e dependendo do seu segmento (E1).

Olha, eu sempre achei, só acho que ela é recente, mas eu acho que é ciência, sim, na verdade, sendo bem sincera, sendo uma pessoa que trabalha com Marketing é o nível de discussão que eu não tenho nem muita paciência, sabe, eu gosto de discussões mais aplicadas, né. Tipo assim, em vez de ficar pesquisando “Turismo é ciência ou não é”, por que que você não explica, olha, como que a gente pode ajudar o turismo no Brasil a melhorar. Entendeu? Tipo, é aplicado, né. Então, a ciência social aplicada, né, já é a área, ou seja, ciência social aplicada à grande área do Turismo. Então, pra mim, acho que assim, até

por falta de interesse, não faz nem tanto sentido ficar discutindo isso [...] Senão, se eu ficar só no campo teórico, de discussão, isso posso fazer em qualquer lugar do mundo, né, posso sair daqui, inclusive, isso foi uma escolha minha, desde quando eu voltei, como eu falei, eu tenho mais a acrescentar no Brasil do que fora, eu tenho que pesquisar é no Brasil, tenho que ser professora no Brasil. Aqui eu sou, faço a diferença, fora não, né? Inclusive, eu falo isso como pesquisadora do Turismo, no Marketing eu sou mais uma, no Turismo eu faço a diferença como profissional, porque eu tenho uma bagagem que muitos não têm (E2).

Bom, é a mesma coisa que eu trago lá desde a iniciação científica quando eu fiz, né? Algo que te traga mais perguntas do que respostas [...], mas o que é pesquisa em turismo pra mim hoje é a partir do momento que você começa a entender que o turismo ele não é uma disciplina, ele não é um objeto, mas que ele é científicizável [...]. [...] eu acredito que o Turismo ele é uma ciência e eu acredito que o Turismo é mais do que a gente consegue conceber em termos de disciplina, campo, enfim. Eu entendo que o turismo é sim científicizável, desde que você entenda que o turismo não é só o momento da viagem, né, o pré e o pós-viagem eles são fundamentais pra que o turismo aconteça e que ocorra e a gente sabe que isso interfere nas relações sociais, econômicas, físicas, políticas, né. Então entendendo todo esse mecanismo que o turismo ocorre, como ele ocorre, pra que ele ocorra, então são muitas perguntas que o turismo acarreta, né. Então, a partir dos momentos que você tem muitas perguntas que acarretam você começa a entender que ele é sim científicizável, né. E já tem já tentando responder o porquê que eu acho, né, a partir do momento que você também tem métodos que você pode adaptar de outras áreas, você também pode criar, então essa questão da científicização do turismo, né, você consegue adaptar métodos da Geografia, da Psicologia, da área de Marketing, da área de Gestão, da área de Economia, da área de Contabilidade, da área da Comunicação, que é a área que eu fiz meu doutorado e que eu adaptei uma metodologia da Comunicação para o Turismo, né. Você então começa a entender que o turismo ele abarca tudo isso, então ele começa a criar um corpo científico também, né. Então, sim, eu entendo que [...], no meu caso, eu entendo que ele pode ser científicizável e também isso tem muito a ver com a minha percepção de pesquisa científica muito a ver com a minha formação e também com o meu entendimento de que a gente tem que entender o turismo mais do que um fenômeno econômico, social, entender que o turismo como de fato algo que é inerente a sociedade (E3).

[...] Olha, minha visão do fim do doutorado pra atual, não mudou muito, até porque eu não sou doutora a tanto tempo assim, né, a gente tá em 2021, o meu doutorado eu concluí há cinco anos atrás, seis anos atrás. Então não mudou muito a minha perspectiva com relação a isso. O que eu vejo é que tem ganhado um corpo maior, um volume maior e um rigor maior nas pesquisas.[...] Com relação a segunda pergunta, bom, aí é a professora de metodologia, como fazer ciência é trazer o conhecimento de forma sistematizada, né, então fazer a pesquisa de forma sistematizada de acordo com o método, acredito que sim, é ciência, né, que desde que nós façamos de forma correta e replicável é ciência, sim (E8).

Por outro lado, foi defendido o entendimento de que o turismo não é uma ciência. Em contraposição às posições anteriormente citadas, foi recorrentemente apontado como um

fenômeno estudado com o suporte de outras ciências estabelecidas ou tradicionais; em outras, como um campo do conhecimento/estudos e /ou, ainda, uma disciplina. O turismo também foi apontado como um contexto, além de ser defendido que há produção científica em turismo, por meio do método científico, mas não uma ciência do turismo. Como justificativa, foi apontado a dependência de outras áreas, teorias, métodos, conceitos, não possuindo uma autonomia por si, conforme os critérios da definição de ciência pressupostos:

[...] E não, categoricamente, não. É um fenômeno que é estudado com o apoio de outras ciências, mas turismologia, não (E5).

[...] Eu acho que nós evoluímos muito na pesquisa nesse período em metodologias, em método, em preocupação com rigor metodológico com tudo isso, mas eu não acho que seja uma ciência, não. Eu acho que nós somos um campo, um campo do conhecimento. Isso não me parece que faça menos do Turismo, por não ser uma ciência. Eu acho que tem alguns pesquisadores muito preocupados com isso, com ser ciência como se isso fosse um *status* talvez mais importante nesse mundo, né, mas não, não, né, não, não...não é a coisa mais importante [...]. Então eu diria que nós somos uma disciplina, né (E6).

[...] Em relação à primeira pergunta, mudou completamente, porque na Economia a gente não tem um treinamento metodológico tão importante quanto depois eu acabei adquirindo, então acho que me aperfeiçoei na pesquisa, na escrita, então eu hoje vejo muito de uma maneira muito diferente. [...] E eu acho que o Turismo não é uma ciência, ele é um fenômeno que bebe de diversas ciências, porque exatamente pelo fato de que ele tem diversas abordagens, tem diversos olhares, como que concilia isso num conhecimento único, né, então eu acho que ele é um fenômeno, que é avaliado, analisado, investigado por diversos olhares e obviamente esses olhares eles trazem o conhecimento científico daquela área para a compreensão do fenômeno (E7).

[...] eu vou na linha de que o Turismo ainda não é por si só uma ciência, eu acho que não, a gente está ainda um pouquinho, enfim antes dessa fase, a gente está caminhando para, a gente se apoia muito em outras áreas, a gente precisa de outras, então estudo interdisciplinar, transdisciplinar, multidisciplinar é fundamental. Acho que o conhecimento que área do turismo tem ainda depende de outras áreas por isso não considero ainda como uma ciência por si só. Pode chegar a ser? Espero que sim, espero que sim, eu estou tentando fazer a minha parte, desenvolvendo pesquisas e que tenham algum valor agregado, algum diferencial, alguma boa contribuição, eu sempre quando eu estou pesquisando ou estou com um projeto, enfim o ou vou me reunir com algum pesquisador pra gente desenvolver alguma coisa sempre tem em mente isso, né, aonde vou avançar no conhecimento, o quanto eu vou avançar [...]. Em relação a percepção sobre a pesquisa, olha, acho que que sim, mas difícil de dizer como, por eu ter feito o doutorado fora, né, em Portugal e convivi com pesquisadores internacionais que tinha um outro olhar, outra visão, outro entendimento, e até em de áreas totalmente diversificadas, mais diversificados do que se tivesse aqui no Brasil, por exemplo, fazendo doutorado, então acho

que isso tudo contribuiu para que eu também hoje desenvolva pesquisas com pesquisadores de diversas áreas, continuo ainda desenvolvendo pesquisas com os portugueses, mas enfim com áreas bem diversificadas, então acho que sim, contribuiu e mudou, mudou para melhor nesse caso (E9).

[...] A minha concepção de pesquisa sempre foi a mesma. Eu tive formação marxista, né, e eu sempre entendi que a pesquisa em Turismo ela não me atendia. Então os meus referenciais teóricos não são do Turismo, não são. [...] não acho que Turismo seja ciência. Não, não. Inclusive eu tenho certa aversão a esse discurso. Turismo é um campo de estudos, que ele pode ser apreendido cientificamente ou não. Uma pessoa que estuda marketing, não tá fazendo ciência. Cá pra nós, o marketing é uma técnica de controle, é uma técnica de dominação social, não é uma técnica...não é uma ciência. O Turismo eu percebo como um campo de estudo que pode ser científico ou não. Eu optei por estudar o turismo de forma científica, meus colegas não. Os colegas entendem o turismo e fazem do turismo uma técnica de controle para dominar o consumidor, para dominar o trabalhador, não é, eu não parto dessa perspectiva. Então, Turismo para mim não é ciência. Não é e nem vai ser. O turismo é uma [*inaudível*] econômica, social, cultural, mas que pode ser aprendida cientificamente, mas que não faz disso o Turismo uma ciência (E10).

[...] Bom, falar que o turismo mudou ou não aí de novo depende do contexto, no Brasil mudou pelo que já respondi pra você anteriormente, que foi esse crescimento no número de doutores e que publicaram nas principais revistas [...]. No Brasil, a pesquisa em Turismo ainda é muito mais incipiente do que em outros lugares do mundo, a pesquisa em turismo no Brasil ela é caracterizada por ser muito descritiva, existe uma carência, em geral, embora isso tenha melhorado muito, do que que é fazer pesquisa acadêmica, do que que é a cientificação. Então assim a minha percepção no Brasil é que ela mudou, sim, ela ficou muito mais sofisticada do que ela era até então, basicamente descritiva, não que ainda não seja, ela é muito descritiva, ela pouco contribui para a formação teórico-conceitual, mas o houve um avanço. [...] não, Turismo não é ciência, Turismo é um contexto, é um fenômeno em que você pode pegar emprestado de outras disciplinas alguns conceitos, modelos, temas ou que existem em alguns poucos casos o surgimento de conceitos, modelos e sistemas que são caracterizados pelo fenômeno do turismo, mas o entendimento de que o turismo por si só é uma ciência eu acho que não, o turismo não se sustenta por si só (E12).

[...] Quando eu me formei, quando eu terminei meu doutorado [...] eu tinha essa coisa de uma influência muito forte de colegas e enfim de uma criticidade que vinha da academia de Administração, então eu tendia a olhar para academia de Turismo vendo problemas, sabe, e eu hoje eu entendo que não é justo esse olhar, sabe, que esse olhar é muito carregado de preconceitos, então repensei essa minha visão e hoje admiro muito diversos colegas, até compreendo essa visão que alguns colegas que eu convivia em Administração tinha, mas tenho uma opinião diferente, sabe, eu olho pra pesquisa em turismo com muito mais abertura, possibilidades, todo mundo desenvolve trabalhos muitos sérios assim...todo mundo não, mas muitas pessoas. [...] Agora se Turismo é uma ciência...ai Deus...olha, eu acho que Turismo não é uma ciência por si só, eu acho que o Turismo é um fenômeno, é um fenômeno que a gente estuda, que a gente quer compreender, que tem diversas especificidades e por isso que necessita de fato de graduação, de pesquisa,

muito conhecimento na área, mas eu acredito que o turismo precisa se apoiar em teorias, como eu falei, de sociologia, de enfim ciências mais antigas assim, de conhecimentos mais profundos[...] eu acho que o Turismo ainda precisa amadurecer, talvez assim, mas acho que é um fenômeno [...], mas talvez isso ainda seja um resquício desse preconceito que relatei e que eu fui muito embebida, então talvez ainda seja assim, eu precise amadurecer, repensar isso, sabe, sendo muito honesta aqui e até refletindo com você nesse momento sobre isso, estou te falando isso porque eu posso mudar de ideia daqui a pouco, mas a forma como eu digo pesquisar hoje, eu vou em [...] teorias de outras áreas (E13).

[...] Olha eu acho que a minha visão da pesquisa em turismo quando eu fiz meu doutorado e hoje é basicamente a mesma. [...] não sei se mudou muito, não. A visão de que a pesquisa em Turismo é uma atividade intelectual de desenvolvimento de novos conhecimentos. [...] eu acho que talvez o que mudou um pouco nos últimos anos, talvez até muito pela minha atuação como editor chefe [...], é a minha percepção da importância da pesquisa aplicada, que eu sempre julguei importante, né, mas hoje eu sou mais crítico do que eu fui, talvez, com relação a escassez de pesquisas aplicadas ou melhor, talvez nem só a escassez, mas a desvalorização da pesquisa aplicada. [...] tudo que se valoriza são os periódicos científicos e os programas de pós-graduação stricto sensu de pós-graduação, que são fundamentais, são essenciais, eu trabalho num deles, eu luto por um deles, revistas acadêmicas, científicas são fundamentais, são essenciais, eu trabalho numa delas, eu luto por elas, mas eu não acho que nem os programas de pós-graduação e nem as revistas científicas são a única coisa importante. Pelo contrário, eu acho que há muita coisa importante que tá no *lato senso*, que tá na revista, na publicação não científica e que não se valoriza, né? Eu acho que isso tá errado. [...] Aí você pergunta se Turismo é uma ciência? Eu acho que essa pergunta [...] que está errada, porque ciência...existem duas coisas diferentes que se chamam ciência. Uma coisa é uma área do conhecimento que tem um certo grau de consistência metodológica e que torna essa área socialmente reconhecida como uma ciência. Então assim os professores titulares das universidades reconhecem turismo como uma ciência, né? Essa área do conhecimento tem *status* de ciência? Eu acho essa uma questão puramente sociológica, né? Puramente sociológica. [...] outro significado de ciência é ciência como uma forma de construção do conhecimento e como uma forma de construção do conhecimento nenhuma área do conhecimento é ou deixa de ser ciência, porque nesse sentido de ciência como forma de construção do conhecimento nem mesmo a medicina é uma ciência, por exemplo, né? Por quê? Porque medicina é uma prática, também se pesquisa conhecimento em medicina e muitas dessas pesquisas são feitas dessa forma, dessa forma de construção do conhecimento que a gente denomina a ciência, né? Então eu acho que nesse sentido de ciência como forma de construção do conhecimento a pergunta relevante é se existe construção de conhecimento pelo método científico em Turismo. Existe construção de conhecimento pelo método científico em Turismo? E aí a resposta é um sonoro e irrevogável não...sim, claro, é óbvio que existe pesquisa científica em Turismo. Não há nenhuma dúvida, acho que ninguém em sã consciência duvidaria de que existe pesquisa científica em Turismo. A dúvida de se Turismo como área do conhecimento é ou não é a ciência é uma dúvida que não pode ser respondida, porque é uma questão sociológica, fluída, de consenso e que consenso nunca é cem por cento, é sempre...são muitos tons de cinza e não branco e preto. Então, turismo é ciência? Como área do conhecimento não me interessa. Como forma de construção a pergunta seria: existe ciência em Turismo? E aí eu não tenho

nenhuma dúvida de que, sim, existe ciência em Turismo assim como existe em qualquer outra área do conhecimento que seja, por exemplo, um curso superior. Ainda nessa linha de Turismo é ciência, eu acho uma bobagem essa tentativa de legitimar a área dizendo que ela é ou não é científica, isso é uma bobagem, isso é uma coisa arcaica, isso é uma coisa do século XIX, né, o mundo hoje é muito mais complexo do que isso, as áreas do conhecimento não se definem por científicas e não científicas, existem teorias científicas e existem teorias não científicas, existem proposições suportadas por pesquisas científicas e proposições não suportadas por pesquisas científicas, não são áreas do conhecimento, né, são teorias, são proposições. [...] então eu acho essa uma bobagem, essa tentativa de legitimar as áreas, acho isso arcaico, ultrapassadíssimo, sou absolutamente contra a própria existência dessa discussão (E11).

[...] E eu não tenho certeza absoluta se Turismo é uma área cientificável, e eu acho que esse é um tipo de fetiche que talvez a gente precisasse esquecer, a gente pode pensar em abordagens científicas, né, em construções científicas, independentemente dos elementos formais de uma ciência. Que que eu quero dizer com isso? Não necessariamente a gente vai conseguir fazer melhor a compreensão e a teorização de uma área, apenas a partir do momento que formalmente ou plenamente ela seja considerada uma ciência. É aí que eu acho que entra um pouquinho essa necessidade de um olhar transdisciplinar que eu acho que vai além do interdisciplinar, né? Não é apenas encontrar outras áreas, mas é construir entendimentos a partir de outras áreas. E eu tenho estudado e lido muito sobre a ideia de pós-disciplinaridade, né, na linha de que talvez não seja nem necessário a gente pensar em novas disciplinas pra daí então em algum momento imaginar uma ciência própria. Isso é um pouco...é uma ideia um pouco heterodoxa, né, mas eu realmente não me preocupo com o fato de Turismo ser ou não ser uma ciência, se é essa a pergunta, desde que a gente tenha fundamentos científicos no trabalho que a gente faz bastante bem constituídos, né. E a gente pode fazer isso a partir de ciências estabelecidas, a partir de outras áreas que tem um *corpus* teórico estruturado, que vai nos fornecer elementos pra isso. [...] eu acho que o fato de não existir talvez ainda uma ciência do Turismo, não impede de se fazer boas e necessárias pesquisas sobre o turismo como fenômeno (E4).

A existência dos cursos de Turismo é tomada como certa na maioria dos relatos, tanto em nível de graduação quanto em nível de pós-graduação, porém com várias ressalvas. No que tange aos cursos de graduação, as considerações são de que: se deveria mudar o perfil de formação ou do egresso para um mais focado no empreendedorismo, bem como atualizar o currículo, incluindo temas como tecnologia, inovação, além do próprio empreendedorismo; a defesa da necessidade de articular a iniciativa pública, privada e governamental para melhorar a empregabilidade do turismólogo; a defesa da necessidade de se valorizar e impor como área profissional junto ao mercado; a necessidade do aporte e do apoio da iniciativa privada para geração de pesquisa aplicada e da formação voltada à inovação com uma consequente melhoria no desenvolvimento e competitividade do turismo brasileiro e do reconhecimento profissional;

a defesa de uma melhor definição da finalidade da graduação (bacharelados) em Turismo e de outras modalidades, como os cursos técnicos e tecnológicos em Turismo.

Também foi mencionado a não pertinência de cursos como foco em Hotelaria, compreendendo que estaria abarcado num fenômeno mais amplo que é o turismo e, por outro lado, a crítica em relação ao curso ser excessivamente generalista, em detrimento de uma abordagem mais especializada:

[...] Eu acho que é engraçado que até nessa época eu tive uma discussão assim “poxa, a gente não precisa desse tanto de turismólogo, tem que fechar esses cursos de Turismo mesmo, né”...pra mim a principal importância é precisamos começar a fazer bons planejamentos de turismo, o planejamento turístico no Brasil ainda precisa melhorar muito, antes eu era acho que mais pessimista e falava “não existe, nem tem planejamento do turismo no Brasil”, mas talvez um meio ignorante. Então, assim, eu acho que existe, mas ele ainda é muito incipiente, precisa melhorar muito o planejamento e gestão. [...] E então, eu acho que tanto graduação quanto pós vem suprir uma demanda aí de profissionais que sejam qualificados pra isso. Só que, a gente está falando de uma área que normalmente não é bem paga, isso é mundialmente, não é só aqui no Brasil, isso desestimula muito. Pandemia o pessoal todo mundo sofrendo com turismo e que tem muito espaço pra inovação, mas que eu acho que quem realmente vai ganhar dinheiro com isso, se for um bom gestor, são empreendedores, e não profissionais de Turismo. [...] E tanto é que tem algumas pesquisas da própria Juliana Medaglia, e tal, do Caio, mostra que muita gente acaba indo pra docência. Foi uma decisão minha também. Quando eu decidi ir pra docência eu falei assim “gente, eu tenho perspectiva com o turismo - te falei, meu salário mais alto foi dois mil e quinhentos - em seis anos ganhar, na época era oito mil e quinhentos reais? Não tenho, né, então eu vou pra docência, porque eu tenho uma perspectiva de ganho maior”. [...] a formação desses profissionais dá possibilidade da gente trabalhar melhor planejamento e gestão de turismo no Brasil, principalmente, né, principalmente com novos empreendimentos, né? Então a gente tem que estimular nesses cursos, seja na pós, seja na graduação, principalmente, empreendedores, e não pessoas pra ter CNPJ, sabe? Eu acho que esse perfil já está mudando, percebo já em comparação muita gente realmente atuando com o turismo, eu tenho vários colegas que formaram comigo que não atuam em turismo, né, foram pra outras áreas, fizeram outros cursos, muito pelas dificuldades que eu apontei e que a graduação, ela tem, além desse peso, uma necessidade de mostrar, de fazer esse recorte de tentar entender e contribuir pro turismo de fato, né. [...] É necessário um papel de reunir, de não se isolar, de reunir iniciativa pública, privada, governamentais, porque se a gente continuar, a gente só vai ladeira abaixo aí, com corte de verba de pesquisa enfim. É uma área que é difícil. Ela já é um pouco marginalizada, então até em termos de acesso a editais, esse tipo de coisa, então a gente precisa realmente se unir aí pra não acabar com tudo, porque eu sei de vários cursos de Turismo que ficam tentando fechar, inclusive. As pessoas ficam tentando fechar dentro, dentro dos próprios departamentos ou o próprio curso de Turismo está dentro do departamento maior, que é assim, ah, vaga, quase não tem professor no curso de Turismo, ah não, mas eu tenho um departamento que está acima e dependendo de como votam a vaga vai pro outro departamento. Então é bem complicado mexer com isso ainda (E2).

[...] Eu entendo que a graduação ela ainda tá muito presa ao passado, muito presa àquelas pessoas que no passado entendiam o turismo como fenômeno e ou como objeto ou como uma disciplina, e isso fica muito claro em algumas matrizes muito estanques, muito também a ver com a formação dos professores que ainda dão aula no curso de Turismo, a gente não tem tantos bacharéis de Turismo que são de fato professores da graduação. [...] Há um certo distanciamento na formação do turismo com relação ao mercado, então também como o mercado não absorve, não tem pessoas formadas, as pessoas do curso, ficam desestimulados, mas alguém tem que movimentar, alguém tem que mudar o eixo e acredito que poderia partir do momento que você muda as matrizes e muda a percepção dos professores enxergando a questão da tecnologia, a questão da inovação, a questão do empreendedorismo, como algo que deve ser inerente a formação do bacharel em Turismo, né, além de tudo aquilo de contribuir criticamente pra sociedade, eticamente com a sociedade, em termos ambientais, em termos políticos, em termos de políticas públicas. Acho que gente tem que avançar né? Não ficar preso somente ao teor teórico, crítico, mais avançar na questão prática, técnica, não estou dizendo pra virar técnicos ou tecnólogos, mas de fato ter essa capacidade de além de gerenciar, de entender todo o trâmite de formação das inovações, nas tecnologias, especialmente, que tem vindo com força e não tem como a gente fugir disso, né? [...] Bom, nesses dois níveis eu acredito que os cursos de graduação em Turismo eles são fundamentais, são importantes e os cursos de pós-graduação, que tem um crescente, né, cada vez mais ter mais cursos de mestrado. Eu acho que é importante pra fortalecer a área, fortalecer o pensamento crítico, fortalecer a questão da formação, do corpo técnico, corpo científico, né, mas se a gente também não mudar o pensamento dos professores, a gente vai continuar com uma bola de neve, que não vai ter fim, né. Então a gente tem que ter um momento que a coisa tem que parar, olhar pra dentro e eu vejo muito isso dentro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação da ANPTUR e na ABRATUR, eu vejo muito essa discussão, né, de começar a pensar nessas questões de inovação, de apoio a formação, pensando especialmente em questões de novos temas (E3).

[...] Talvez a gente tenha um conjunto de responsabilidades ou papéis que esses cursos ofereçam no contexto nacional, né. Obviamente um deles é a formação profissional, não dá pra negar que a graduação numa área de Ciências Sociais Aplicadas pressupõe a formação técnica, então acho que é uma responsabilidade que esses cursos tem e a gente, de novo, eu volto, não sabe exatamente se esses cursos tão cumprindo isso, né. Também acho que falta um pouco de discussão, de integração entre o que é a perspectiva de formação nos bacharelados e nos cursos tecnólogos e técnicos, porque muitas vezes esses tecnólogos podiam cumprir funções mais específicas e eu acredito que até melhor do que os bacharelados, falo isso porque trabalhei por muitos anos num tecnólogo e são entendidos de forma desconectada. Então se existe uma função social mais explícita nos cursos de tecnólogo, eu não sei se isso tá bem resolvido nos cursos de bacharelado, né. E não havendo mais diálogo entre essas áreas, seja feita aí pelas instituições, pelos professores, pelos alunos, talvez a gente perca um pouco de oportunidade de ver assim as contribuições específicas das duas áreas, né, que são tem pressupostos diferentes, né, em termos de conteúdo, de inserção profissional e etc. Eu falava agora a pouco que eu acho que o futuro da pós-graduação depende da graduação, porque em alguma medida talvez a gente precise reconhecer que a graduação tem que também orientar uma parte dos egressos pra pós-graduação, né, assumindo que a profissionalização específica do profissional

em turismo pode ser dividido com os tecnólogos, então acho que essa zona cinza assim não tá muito bem entendida e resolvida (E4).

[...] Sim, eu acho que é importante que tenha, né? Embora a gente não tenha conseguido se consolidar no mercado como como demanda, né? Tem que se impor a todo momento como curso. Eu acho que é fundamental, acho que se a gente quer um turismo de qualidade, nós precisamos de uma formação profissional com qualidade, mas a gente precisa fazer com que esse mercado também nos reconheça com profissionais importantes da área. [...] Acho importante a pós-graduação, porque ela dá conta de uma série de outros elementos, por exemplo, com a pesquisa na área da Gastronomia, a gente quase não tem pós-graduação em Gastronomia no Brasil, ou pesquisa em Hospitalidade, pouco a gente tem no Lazer. Então eu diria que não dá pra gente só limitar o olhar pra aquilo que é “ah o turismo, é o deslocamento, é não sei o que, é só o sistema”, não, a gente tem um espectro grande de atuação e que é fundamental pra geração do conhecimento. Talvez a estagnação do nosso turismo aqui seja em função do não olhar profissional ou dessa não relação da indústria, vamos chamar assim, desse turismo, né, dessa cadeia profissional pra academia, e pra pesquisa, e pra inovação que ela pode aportar na área. Eu acho até que as empresas não olharem e não apostarem na pesquisa e na formação em Turismo, nós não vamos ter mudança em nenhuma revolução na qualidade do turismo brasileiro e nunca seremos um destino competitivo, porque o motor de todo tipo de indústria é a inovação, e a inovação se dá na pesquisa, pesquisa aplicada, no conhecimento e na universidade. Então eu vejo como fundamental pro desenvolvimento do turismo mesmo (E6).

[...] Eu acho que é importante, sim, às vezes fico me perguntando se os cursos de Hotelaria não deveriam integrar os cursos de Turismo, porque a gente tem ali algumas universidades com foco mais em hotelaria até mesmo cursos do Senac, outros cursos que acabam indo mais pra essa área mais operacional, eu acho que é importante, até mesmo pra o Turismo se tornar uma ciência que se tenham graduações e mestrados, o que eu não concordo é que essas graduações foquem só por exemplo na Hotelaria, acho que não, o Turismo está dentro do fenômeno turístico, faz parte, é um componente da cadeia produtiva, então o turismo é um campo muito maior, onde a hotelaria, por exemplo né, está, até mesmo formação de guia, enfim, é outra coisa, mas também curso de Turismo ele acaba envolvendo esse campo, vai atuar também ali, vai depender e vai sofrer influências guias de turismo, né (E9).

[...] Então, o grande problema do curso de Turismo de graduação no Brasil é que ele é um curso generalista, né. Ele não é um curso, como eu comentei antes, que está focado numa aula de negócios que você vai aprender, [*que*] o aluno vai aprender, o currículo de Negócios, Administração, os conceitos de Marketing, Recursos Humanos, Finanças, enfim, por aí vai, e daí vai aplicar ele no sentido do que é isso no fenômeno do turismo. Os cursos de Turismo são generalistas, eles englobam as mais diversas disciplinas, que vão de Geografia, História, Comunicação, Administração, Planejamento, enfim, é um curso maravilhoso que você dá e você aprender, mas é um curso que não forma absolutamente um especialista, ele é um curso generalista e isso ao mesmo tempo que é bom, você fica com uma base ampla, ele tem um problema, ele é muito superficial. Então existe essa característica e daí a gente forma alunos que não conseguem de fato competir no mercado, porque não tem um diferencial, não tem geralmente habilidade de ter emprego pra fazer tarefas que o mercado pede que seja de um nível superior. Muitos vão trabalhar em

hotelaria, mas na recepção, ou vão trabalhar no *check-in* dos aeroportos e não na área de finanças das empresas aéreas, ou não no departamento de recursos humanos de uma rede hoteleira (E12).

No que tange aos cursos de pós-graduação, as considerações são de que: deveriam ser mais aplicados na formulação de políticas públicas, estratégia, inteligência e/ou planejamento turístico no país; a necessidade de se fortalecer a utilização de metodologias quantitativas e mais sofisticadas; a defesa da necessidade de se restringir o diploma de bacharel em Turismo para concursos públicos para atuação docente na área, a fim de melhorar a atratividade/incentivo dos cursos em nível de pós-graduação e a empregabilidade dos turismólogos, discutindo estas possibilidades no interior das associações; a necessidade de, além do crescimento quantitativo da oferta (reconhecendo ainda que contribui para trazer maior legitimidade e cientificidade a área), de diversificar qualitativamente as pesquisas, incluindo mais perspectivas críticas favorecida/possibilitada por uma maior articulação em rede por parte dos pesquisadores:

Eu acho que a pós-graduação, por sua vez, além de contribuir pra debates específicos sobre o que seria, o que seriam as particularidades do fenômeno turístico, né, e, portanto, apontar assim pra um caminho de cientificização, um possível o caminho de cientificização do Turismo, também deve ter, deveria ter, uma participação mais efetiva na contribuição pras políticas públicas. [...] pensar estratégia e inteligência de turismo no país, por exemplo, deveria ser um assunto mais presente assim nas pós-graduações, sempre lembrando essa expectativa de aplicabilidade daquilo que se estuda e se pesquisa na nossa área, né? E isso é uma coisa que parece que se constrói mediada aí pelas associações da área, principalmente a ANPTUR que faz uma mediação com vários agentes da sociedade, né, inclusive com entidades de governo, não apenas pra financiamento da pesquisa, mas pra buscar algum diálogo aí no processo de construção de políticas pública eu vejo uma responsabilidade, uma oportunidade mesmo pra dar mais sentido, não apenas esse, mas dar mais sentido pra o que se busca desenvolver de novo no conhecimento sobre o Turismo. E eu vejo que eu tô falando de graduação nesse caso, a gente precisaria pensar também em pós-graduação e isso se liga um pouquinho com a discussão de turismo ser ou não ser ciência, né? Eu acho que não é condicionante uma coisa pra outra, mas é claro que a gente precisa pensar o turismo como objeto de estudo dentro de alguns pressupostos teóricos, algumas estruturas mínimas de construção do conhecimento científico. Parece que os cursos de pós-graduação nos últimos dez anos aumentaram, como uma talvez uma depuração assim da ideia de que é preciso estudar turismo de forma específica, não que estudar turismo de forma contextualizada, por exemplo, como geógrafos fazem ou como sociólogos ou economistas fazem seja ruim, e isso pode continuar acontecendo, mas parece que vai se criando um entendimento de que estudar ou pesquisar o turismo como objeto específico era qualquer coisa relevante e isso talvez explique a expansão das pós-graduações em turismo no Brasil que tá diretamente ligada com a expansão universidades públicas, porque são as universidades públicas prioritariamente

aquelas que fazem pesquisa, né [...]. Então expandindo a base de universidades públicas e essas universidades se consolidando, os corpos docentes se titulando e muita gente nas origens dos cursos de Turismo buscando um espaço de produção científica, parece que os cursos de pós-graduação vêm em resposta a essas questões, né? De novo, a gente ainda não sabe, e isso é um exercício que precisa se fazer sempre, se a gente tá fazendo pesquisa porque pesquisadores querem ou porque a gente tem grandes questões colocadas e elas são necessárias ser respondidas. Então se a gente tá, se a gente aceita e reconhece que Turismo tá dentro da grande área de Ciências Sociais Aplicadas, vamos ser cobrados sempre da aplicabilidade daquilo que fazemos, né? Então isso é uma questão de fundo pra se pensar o cenário da pós-graduação em Turismo no Brasil [...] Mas eu não tenho dúvida de que muito do que se faz nesses programas de pós-graduação em Turismo hoje, se faz de forma muito mais densa, muito mais situada em termos de volume, do que um dia se fez de forma dispersa por outros programa pós-graduação [...]. Parece, eu já ouço essa reflexão de que o futuro das pós-graduações no Brasil depende do que serão as graduações de Turismo no Brasil, porque é bem pouco provável que programas de pós-graduação em Turismo sejam povoados por egressos, apenas por egressos, de outras áreas que não do Turismo. É bom que venha o egresso de outras áreas, Economia, Sociologia, Arquitetura, mas há que se imaginar que existe aí uma necessidade de vinculação entre graduação em Turismo e a continuidade da formação acadêmica em nível de pós-graduação desses egressos, né, então o futuro da pós em alguma medida depende da graduação (E4).

Outro reflexo também se você vê os bolsistas de produtividade da área do Turismo, boa parte deles não tem nem a graduação em Turismo, então isso é muito triste, isso é muito eu diria até, não sei, o termo é muito pesado o que eu ia falar, mas é estranho, né? Você pensar que os bolsistas de produtividade não são graduados em Turismo “ah, mas o turismo tem essa possibilidade” [...] então acho que uma das exigências seria isso também, então isso também reflete muito naquilo que as pessoas da graduação olham para a pós-graduação, olhando pra pós-graduação sem bolsa, sem perspectivas de futuro, sem perspectivas de entrar num curso pra dar aula, porque qualquer um hoje em dia dá aula num curso de turismo, desde que foi criado, antropólogos, sociólogos, geógrafos, administradores, engenheiros de produção, enfim, tem muita gente...biólogos, enfim. Então isso se reflete muito também na pós-graduação, a gente vê um desinteresse nos últimos anos na pós-graduação, dificuldades de fechar turma, às vezes tem que abrir duas, três vezes edital de pós-graduação, então, isso também é uma questão que reflete nos cursos de pós, mas é reflexo da graduação, né? Então, a gente também tem uma baixa procura, porque o mercado não absorve, o mercado não reconhece (E3).

[...] A pós-graduação em Turismo no Brasil ela tem dado uma contribuição muito grande, muito grande. Hoje nós temos uma geração professores doutores já em Turismo. Quando eu fiz minha graduação, acho que eu terminei em 2003, não tinha. Não tinha nenhum professor doutor em Turismo. Na verdade, eu tinha poucos professores doutores. Pouquíssimos. Em Turismo não tinha. E essa evolução dos cursos de pós é muito positivo, né. Eu sou favorável à essa expansão, tem dado ao campo do Turismo uma maior seriedade. Embora eu avalie essa expansão de forma quantitativa, porque em termos qualitativos, eu sempre digo isso em evento, em sala de aula, o que domina no Turismo é o que eu chamo de engodo. [...] o que domina mesmo, na minha perspectiva, como eu enxergo isso, são os estudos do engodo

mesmo, estudos que reproduzem uma visão de mundo ideológica do Turismo (E10).

Então eu acho que o Turismo tem um problema nessa questão da formação, a gente pode formar pessoas para a academia, pra área acadêmica, mas a maioria não vai seguir a carreira acadêmica, né, o turismo ele é um fenômeno do mercado, quer dizer, quem faz uma faculdade de Turismo tá buscando se aperfeiçoar na área para de alguma maneira se inserir no mercado [...] os cursos de graduação e de pós-graduação eles precisam ter, ainda precisam ter uma visão um pouco mais quantitativa, um pouco mais da metodologia, entendeu, uma formação mais metodológica, que conheçam o turismo do ponto de vista científico, que façam estudos que ajude a transformar o turismo numa coisa positiva, que o desenvolvimento do turismo seja sustentável, seja bacana para aquela região, aquela localidade, eu acho muito importante que a gente tenha cursos de pós e de graduação espalhados pelo Brasil para dar esse suporte, para que as pesquisas possam de fato auxiliar a sociedade, e obviamente também auxiliar os pesquisadores no entendimento do fenômeno que eles estão estudando, eu acho extremamente importante. Acho até que tem poucos cursos de Turismo no Brasil, talvez isso seja reflexo dessa falta de importância que o turismo tem na política pública nacional (E7).

O problema da pós que a gente tem, e aí volta na questão da falta de uma metodologia sofisticada, é que a nossa pós ela é muito carente ainda no sentido de formar no mestrado, mas sobretudo doutorado, pesquisadores com sólida e um amplo conhecimento do método científico e das metodologias científicas, tende a ser muito qualitativa, não tem nada errado ser qualitativo, mas um qualitativo descritivo, e isso é um ciclo que se vicia, porque se os professores não têm essa formação, ou a maioria não tem, é difícil eles passarem o que eles não têm, então existem raras exceções hoje de colegas [...] que tenham conhecimento de metodologia científica que permitem a eles usarem métodos científicos sofisticados, e daí é um problema de formação mesmo, problema de formação dos nossos doutores, e de certa forma até dos nossos professores, mas tá mudando, é um processo lento, gradual, mas que vai levar ainda mais tempo pra a gente...isso é um reflexo, você vê que não tem programas de Turismo nota seis ou sete na CAPES. Nós temos um programa nota 5, alguns programas nota 4, e a maioria nota 3, então isso é um reflexo, não sou eu que estou falando, isso tá nitidamente identificado nas avaliações da Capes desses programas de pós (E12).

Por fim, de maneira categórica, foi problematizado e defendido a não existência de cursos de Turismo em nível de graduação no modelo atual, ou, existindo, mas em modelos alternativos ao que é praticado. A justificativa foi a insuficiência do tema “turismo” em dar unicidade às variadas abordagens e apreensões possíveis para o fenômeno e/ou como objeto de formação, podendo ser guiada por diversos objetivos de aprendizagem a depender dos interesses dos envolvidos. Contudo, foi defendido e aprovado sua pertinência como curso de pós-graduação em função da complexidade do tema:

[...] Olha, eu acho o seguinte, tenho uma opinião polêmica nesse ponto, eu acho que não existe dúvidas de que cursos técnicos na grande área do Turismo deveriam existir, deveria sim existir cursos que formem pessoas pra trabalharem em agências de viagens, cursos pra formar pessoas que trabalham em hotéis, meios de hospedagem, né. Então o curso técnico de agenciamento, curso técnico de hotelaria, curso técnico de gastronomia, de lazer e recreação, curso técnico de...sei lá, eventos, né acho que não tem nenhuma dúvida de que essas profissões, essas atividades existem, estão aí, são relevantes. Então, há um problema com os cursos técnicos no Brasil, em particular, que é a baixíssima qualidade da formação do ensino básico, né, do ensino fundamental e médio. Baixíssima, em geral, né, quero reforçar, não estou dizendo que a formação é de baixa qualidade, estou dizendo que em geral ela é de baixíssima qualidade, o que muitas vezes dificulta o aluno recém-formado no ensino médio de aprender o que é necessário, o que seria necessário num curso técnico. Então isso é um problema sério. O que muitas vezes é suprido ampliando esse curso técnico e chamando esse curso técnico de curso superior, né. Isso acontece com muita frequência. Cursos de natureza técnica que são na verdade cursos que são oficialmente curso superior e que tentam de alguma forma suprir a carência de formação desse aluno do ensino médio dando pra ele mais tempo pra aprender o ofício num curso de ensino superior. Bom, na outra ponta, também não tenho muita dúvida de que Turismo é uma é uma boa área, uma área pertinente pra curso de pós-graduação. Por quê? Porque o turismo é uma atividade complexa, extremamente complexa, das mais complexas vamos falar aqui do ponto de vista econômico, sociológico e ambiental. [...] Como um serviço extremamente complexo, eu não tenho nenhuma dúvida de que esse é um tema muito propício pra pós-graduação, né. Quer dizer se a gente vai discutir, por exemplo, destinos turísticos é ingênuo pensar que é uma discussão de profundidade, de qualidade satisfatória possa ser feita na graduação, né. Na graduação os alunos ainda estão buscando uma formação mais básica. O problema do destino turístico não é um problema básico. Então esse problema se encaixa muito bem numa pós-graduação, na pós-graduação que poderia e deveria ser cursada por pessoas com [...] muitos tipos de formação superior, de formação prévia, né [...]. Bom, aí caímos no problema mais difícil que é o curso superior, né. [...], porque, primeiro, estudar Turismo, que é o que supostamente se faz num curso superior de Turismo, é uma frase quase vazia [...], porque turismo é uma atividade extremamente complexa, é uma atividade que tem múltiplas facetas e que de partida estudar turismo não estabelece nenhum tipo de objetivo. Diferentemente até de outras áreas muito amplas como, por exemplo, a Administração, né. Administração de empresas é uma área extremamente ampla, mas tudo que tá lá dentro tem a ver com atingir os objetivos das empresas. No turismo, estudar Turismo é algo ainda mais amplo do que isso. Por quê? Porque se quer a gente sabe, tem uma unanimidade a respeito de quais objetivos devem ser cumpridos. [...] Então será que deveria existir um curso superior de Turismo? Na minha opinião, que eu sei que é polêmica, eu diria que não, não deveria existir um curso superior de Turismo. Na melhor das hipóteses deveriam existir alguns cursos diferentes na área de turismo, por exemplo, um curso de gestão pública de turismo, outro curso de gestão de empresas turísticas, e talvez um terceiro curso de sociologia do turismo ou turismo como fenômeno humano, né. Esses três cursos formariam pessoas absolutamente diferentes que teriam atuações absolutamente diferentes que tem na prática, tem interesses absolutamente diferentes, com professores que tem interesses distintos, são cursos absolutamente distintos, né, com finalidades distintas, com resultados distintos. Então ao juntar todos esses três cursos num único curso, eu acho que a gente tem na prática um curso que não é bem montado, que não é bem

direcionado, que usando aqui uma expressão popular é um balaio de gatos. O tema turismo não é suficiente para dar uma unidade satisfatória ao curso de modo que eu acho que não, a gente não deveria ter um curso de Turismo [...] (E11).

Em relação aos objetivos ou finalidades da formação em nível de graduação ou pós-graduação foram citados que a graduação é ou deveria ser voltada para a capacitação de profissionais para a resolução de problemas e melhorias na prestação de serviços, e uma fase de contato inicial e genérico com as áreas. Na pós-graduação há o entendimento de uma proposta de maior aprofundamento nos assuntos, desenvolvimento científico, maior especialização e qualificação no tema de estudo e conhecimento do método científico que formaria um pesquisador e/ou professor.

Emergiu também a discussão acerca da sobreposição e falta de articulação entre os níveis de bacharelados, tecnólogos e técnicos em Turismo. Foi argumentado que os cursos de bacharelado deveriam durar mais tempo e estarem mais voltados para a pesquisa ou para um entendimento mais amplo da atividade turística dentro da sociedade, enquanto que os cursos técnicos e tecnólogos deveriam orientar a formação mais voltada para o operacional e para o mercado de trabalho:

[...] Acho que a graduação em Turismo é fundamental pra diversos aspectos da sociedade. [...] a gente fala de Lazer e Turismo é super amplo, né, a gente tá falando de Gestão pública, de repensar os espaços urbanos para ocupação de lazer, não só de turistas, mas também da população local, então eu acredito que o curso de graduação fornece pessoas ou capacita pessoas pra trabalharem pra repensar isso tudo, pra utilizar melhor esses espaços, isso se eles forem por um caminho, enfim, da Gestão pública, mas também se forem pra um caminho privado, enfim de capacitar para o fornecimento adequado desses serviços, de Alimentos e Bebidas, Agenciamento, as diversas áreas que lazer e turismo são capazes de fornecer. Eu acredito muito que o curso de Hotelaria assim como de Turismo são cursos que cada discente pode construir o seu caminho [...], então em termos de graduação eu acho que é isso, que é fornecer pessoas, capacitar pessoas, educar pessoas pra trabalhar com pessoas resolvendo problemas, fornecendo o serviço adequado, mas aí a área específica cada um pode construir, eles podem agora resolver construir um modelo de negócio específico que não existe ainda, e eu falo isso muitos pros meu alunos. Na pós-graduação, eu acho que é refletir sobre isso, é problematizar, é construir conhecimento, é aprofundar pra esses fenômenos. Enquanto na graduação a nossa formação é capacitar pessoas pro mercado de trabalho, na pós-graduação a gente reflete sobre esses problemas com um aprofundamento muito maior e desenvolvendo ciência, né, desenvolvendo conhecimentos sobre isso (E13).

Na graduação é aquele trabalho deles terem contato inicial com o curso em si, com o Turismo, com as áreas, com os segmentos, os nichos que são gerados e incentivo e o estímulo para aqueles que quiserem continuar seguindo na

pesquisa. [...] Na pós-graduação já é um outro contexto, é um contexto onde os alunos vão ter que trabalhar mais de modo aprofundado em todas as disciplinas, onde eles vão aprender, de fato, o que é uma metodologia, qual a importância de uma metodologia bem construída, o universo de uma pesquisa. Então na pós eles vão ampliando isso. Eu entendo assim: graduação é onde se começa, na pós é onde você, de fato, se especializa, cria essa qualificação em relação ao segmento que você quer seguir e também em relação às metodologias que são usadas, e aí é isso que vai despertar ou não seguir uma carreira acadêmica [...]. Estou de acordo que exista formação nesses dois níveis em Turismo (E1).

[...] Olha, eu acho que são duas coisas distintas que mereciam ser distintas, que com o passar do tempo elas têm tendido a ficar distintas, mas ainda são bem próximas, tecnólogo e graduação. A gente deveria ter mais tecnólogos, porque a gente tem emprego no mercado. Eu não posso querer que um aluno fique quatro anos para ganhar o que ganha no mercado. Não é justo, entendeu? Então assim, dá um curso de tecnólogo mais curto. O tecnólogo quando eu falo que ocorreram mudanças, é porque o tecnólogo hoje não tem mais é pesquisa, não é um eixo formador. E aí, por exemplo, e detalhe, o meu curso não é assim, tá, meu curso tem TCC, mas não deveria ter, não exigir um TCC para um aluno de graduação, desculpa, de tecnólogo. Não é assim em Surrey, não é assim na Griffith, não é assim na Hong Kong Polytechnic, então assim, o tecnólogo eu acho que tinha mais um apelo pro mercado e ponto. Não tinha que ter que TCC. Eu acho que a gente não faz isso. Tem cursos que querem ser tecnólogos e que são bacharelados, tem bacharelados que são tecnólogos...é uma confusão danada. [...] então assim, você deveria ter mais tempo, mas voltado mais para pesquisador, né, e um mais prático para mercado de trabalho no tecnólogo, e aí sem TCC, como é o projeto preconizado pelo MEC, né (E5).

[...] Bom, na graduação a gente atua e desenvolve habilidades tanto pro mercado quanto pro meio acadêmico, né, mas a gente tem que se preocupar na formação do aluno que vai trabalhar na área em termos do mercado, seja desde poder público, no planejamento mais amplo, até numa agência de viagem ou numa recepção. Então, a gente tem que se preocupar nos diversos níveis, dá uma formação consiga atender essas habilidades mais técnicas, mas que também tragam aporte crítico ao profissional, né, que ele consiga entender que o que ele tá fazendo também não é só o operacional e que tá dentro dum contexto muito mais amplo e que se relaciona entre si, né? Então o que eu vejo a principal diferença da graduação pra um curso técnico é que no curso técnico a gente tá mais preocupado com a ferramenta, com operacional, e na graduação não, é em entender o seu papel dentro do todo e qual é o significado desse todo dentro da sociedade também, né, então a atuação não é desconectada e é isso a principal questão. Com relação aos níveis de pós-graduação em Turismo, eu não tenho trabalhado na pós-graduação em Turismo, né, eu trabalho na pós-graduação interdisciplinar, mas o meu olhar é tanto em pesquisas que sejam de contribuição e relevância pra sociedade quanto a formação de novos profissionais, de novos pesquisadores, de novos professores, né, pra que possam depois atuar junto a graduação e nos níveis de pós-graduação também. Eu acho que são bem pertinentes e que devem ser perpetuados. Se tem que ter em toda esquina, em todo lugar, não acho que tenha demanda pra tudo isso (E8).

Quanto às concepções futuras para o campo, em termos de legado, foram apresentadas metas de contribuição para a academia de Turismo através do comportamento/posicionamento e de abordagem científica enquanto pesquisadores:

Bom, eu acho que a minha principal função, o que mais me motiva na carreira docente é a pesquisa, mas pra *fazer pesquisa* eu tenho que ser professora, no nosso país infelizmente é assim [...] eu gostaria de ser lembrada como uma pesquisadora, né, como professora, claro, mas enfim, acho que eu estou sempre...me interessa mais e me encanta mais a pesquisa, *desenvolver estudos e avançar no conhecimento* e aí, enfim, foco interdisciplinar dentro dessas áreas que comentei contigo (E9).

[...] Eu realmente gostaria de ser identificado como uma pessoa que olha com seriedade, com curiosidade, com compromisso, pra entender e fazer uma *área do conhecimento* que certamente vai muito além do que o senso comum imagina, né [...] tem sido o meu compromisso desde que eu me tornei estudioso e pesquisador dessa área, é a gente entender que turismo é muito mais do que turismo [...] fazer dessa *área alguma coisa mais robusta, alguma coisa mais articulada, alguma coisa mais integrada com muitos setores da vida, da vida do indivíduo, da vida das comunidades, da vida das organizações, da vida dos governos*, né, [...] é alguma coisa que eu valorizo bastante, coisas que eu invisto como parte da minha responsabilidade como acadêmico [...] e eu acho que isso é um elemento central na vida daqueles acadêmicos, daquelas acadêmicas, que buscam esse *olhar mais estruturado, mais elaborado, mais rico mesmo sobre o que é o turismo* (E4).

[...] Então eu tenho muito chão ainda pela frente para falar em legado, mas eu já tenho a revista Turismo Estudo e Práticas, ela já tem dez anos e aí eu creio que essa revista daqui há dez anos, vinte, vai ser *um periódico de destaque* [...]. Como eu gostaria de ser lembrado...ora, as pessoas já sabem o meu perfil, não é, *meu perfil crítico*, meu perfil marxista...eu tenho alguns escritos sobre o trabalho precário em Turismo [...] e eu fui lembrado por causa disso, porque [...] eu trabalho com essa perspectiva de estudar o trabalho precário em Turismo (E10).

Foram relacionados como legado também os objetivos de articular e fortalecer as redes de pesquisadores, como a ABRATUR ou, ainda, de mediar/liderar novas abordagens e distinção das finalidades da formação em Turismo, e/ou da gestão do turismo, com um viés mais pragmático e bem delimitado:

[...] o que eu espero que seja o meu legado de que as pessoas façam as coisas com prazer, com amor, [...] se eu ficar lembrado por uma pessoa que incentivou as pessoas a produzirem e publicizarem as pesquisas, acho que é importante, [...] enfim, pra mim se eu conseguir impactar na vida dos alunos da graduação e do mestrado e fazer com que esse pessoal tenha uma perspectiva de vida e tenha as coisas publicadas, e eles ficarem felizes com o que eles estão produzindo e publicando, isso pra mim vale mais do que

qualquer, muito mais do que qualquer A2, sabe [...]. E também uma questão que eu acho que gostaria de ser lembrado também como a pessoa que sempre se preocupou com o próximo, né, com o outro, *eu gosto muito de juntar pessoas, e na ABRATUR eu tenho me preocupado com isso*, sabe, de ser um cara que quando vê oportunidades compartilha, de sempre tentar juntar gente, aglutinar a gente, fazer com que pessoas produzam juntas e [...] enfim, ter maior *perspectiva de fazer uma rede* [...]. Gostaria de ser lembrado assim como um cara que faz as coisas com paixão, humano e tenta valorizar o ser humano formado muito mais do que qualquer fator de impacto que possa acarretar na minha vida. Eu prefiro ser lembrado por mim mesmo, por aquilo que eu fiz pras pessoas do que de um artigo científico que revolucionou qualquer outra coisa [...] minha preocupação é fazer a ciência do Turismo, fazer o Turismo acontecer na prática, no dia a dia, e fazer com que as pessoas que têm contato comigo sejam melhores (E3).

[...] eu gostaria de fazer alguma diferença em algumas linhas, talvez uma delas tem a ver [...] com favorecer uma melhor formulação do que é a formação em Turismo. Eu gostaria de ter alguma contribuição nessa linha. Eu gostaria de que *daqui a vinte anos*, os cursos de Turismo sejam mais eficientes no alcance das suas propostas, né. [...] Então eu acho que na medida do que a sociedade, os cursos, docentes, discentes perceberem mais essas vertentes, essas diferentes formas de se estudar turismo, esses diferentes objetivos, de se estudar turismo, talvez os cursos de turismo e de graduação e pós-graduação ofereçam o melhor serviço à sociedade, ofereçam o melhor serviço no sentido de propiciar uma boa formação e portanto o atingimento dos objetivos pessoais dos alunos, dos docentes e também colaborem mais, os cursos também colaborem mais pra solução dos problemas da sociedade. [...] associada a essa linha e aí pensando nessa vertente mais de gestão, seja privada ou seja de destinos, eu gostaria de deixar também um legado, talvez, quem sabe, através dos meus alunos, quem sabe, de avanço numa abordagem mais objetiva, mais eficiente na gestão dos problemas, na gestão do turismo, na solução de problemas. [...] talvez *esclarecendo um pouco essas possibilidades*, né, acho que essa acho que é isso né. Essa abordagem objetiva, essa abordagem sistemática, consistente, metodologicamente consistente, eu me importo muito com consistência metodológica pra efetiva sustentação dos argumentos [...] (E11).

Também foi conjugado como legado as metas de relevância da produção científica na área, com a melhoria da qualidade das pesquisas, especialmente no aspecto metodológico, e para a academia de Turismo no geral. Associado ao desempenho na produção científica, também foram mencionadas metas de prática docente relacionadas às conquistas pessoais dos discentes, da mensagem de afeto destinada a estes, no impacto do contato e da formação nos estudantes:

[...] eu gostaria de deixar, sim, um *legado de pesquisa nessa área*, um legado de algum conhecimento importante nesse campo da Alimentação, do Turismo e A&B. Ser reconhecido como alguém que ajudou muita gente a seguir também, *a trilhar os seus caminhos profissionais*. Acho que a nossa satisfação maior como professor e pesquisador é quando a gente vê os nossos orientandos

conquistando seus espaços, né? Seja no mercado profissional ali privado, seja na própria academia, né? [...] (E6).

Gostaria de *deixar produções que sejam relevantes* tanto pra academia quanto pro mercado e pra sociedade como um todo, tanto é que algumas das pesquisas atuais acabam fugindo um pouco do Turismo pra poder atender demandas que foram colocadas pela sociedade, como a questão da fome atualmente, né. [...] Outro legado que eu gostaria de deixar é de ter formado, [...] pessoas que sejam conscientes e críticas pra desenvolverem os seus trabalhos nas mais diversas áreas, né, nas suas áreas de atuação, seja ela acadêmica, seja no mercado, então ter *contribuído com a formação de pessoas* é algo que eu gostaria que fosse o meu legado futuramente (E8).

Olha, primeiro que eu não acho que preciso ser lembrado, eu não faço a menor questão que eu seja lembrado, o que eu gostaria de deixar é que a *geração nova ou as gerações mais novas* tenham as mesmas oportunidades ou mais oportunidades do que eu recebi [...], se eu puder fazer com que mais pessoas tenham essas oportunidades que eu tive, eu acho que passei um legado individual [...] e ao mesmo tempo que a gente melhore, melhore a *qualidade das nossas publicações*, tenha uma contribuição real para o Brasil, que é um povo...país sofrido, um país que precisa de mais educação e não menos educação, que precisa de formar melhores os brasileiros, pra gente ter um país ainda melhor, um país mais justo, e que o turismo possa ganhar um mínimo de reconhecimento, não só na sua importância como atividade econômica, mas a sua importância acadêmica ainda, a gente não tá aqui achando a cura do câncer, nem vamos imaginar que a gente seja tão importante quanto nossos colegas da área de oncologia ou da área de epidemiologia, enfim, mas a gente tem uma contribuição a fazer e ela precisa também ser um pouco mais relevante do que ela tem sido no momento (E12).

Nesta seção pode-se inferir que reflexividade está presente nas avaliações do avançar do processo permanente de (re)institucionalização no qual o campo se encontra, considerando a configuração que os levou até o presente momento tanto no nível micro (individual), quanto no nível meso (institucional). Ao participarem e refletirem desde o ingresso na área e estabelecerem comparações entre o passado, o presente e, especialmente, o futuro que aspiram, possuem capacidade de ponderar e projetar sobre os rumos das suas atuações pessoais e coletivas. No entanto, no que tange ao compartilhamento de sentidos, percebe-se uma ausência de consenso pleno, ou seja, uma polissemia quanto, por exemplo, a finalidade dos cursos de turismo, bem como a concepção acerca do turismo ser ou não ciência.

4.5.2 Habilidades sociais, políticas e culturais para o desenvolvimento da carreira e do campo

Acerca dos eventos marcantes no período da pós-graduação/pesquisa e sua influência nas escolhas profissionais foi citado o contexto de internacionalização, seja via mobilidade acadêmica internacional; seja via formação ou participação em redes de pesquisadores em outros países; bem como o contato com outros ambientes e profissionais acadêmicos no exterior:

[...] Olha, em termos de experiências profissionais, a primeira faculdade que eu dei aula era muito pequeninha, eu tinha 23 anos, e aí nessas experiências de faculdades particulares, porque eu acho que eu dei aula em duas, talvez, eu decidi que eu não queria trabalhar em faculdade particular, porque eu queria fazer pesquisa e eu já sentia que na faculdade particular a gente não conseguia pesquisar era só aula, aula, aula. Eu ganhava por hora, enfim, e não tinha nenhum tipo de incentivo a nada e eu decidi que eu não queria isso, sabe, eu tive oportunidade no doutorado de fazer um doutorado sanduíche que me fez compreender a relevância...eu já tinha isso antes assim da internacionalização e tal, mas isso ficou muito claro na minha cabeça [...] (E13).

[...] Bom, mas mudando para os eventos, no doutorado eu participei do encontro de geógrafos da América Latina em Montevideu, no Uruguai, foi um evento gigante, falei “uau! Isso é vida”, ver pesquisa, ver as coisas acontecendo na pesquisa do campo, desbravando áreas, debates intensos, falei “putz, falei que legal isso aqui!”. Então, esses congressos sempre são muito bons, foi o meu primeiro internacional durante o doutorado e os outros depois [...] aí não parou mais, né, França, a Espanha, Portugal, eu tinha uma meta de participar de dois congressos por ano, um nacional e um internacional [...] os congressos sempre motivaram assim acho que sempre foram determinantes fazer uma pesquisa para apresentar, para debater, para depois publicar, né, isso acho que sempre foi muito muito legal, sempre foi uma das metas para olhar lá na frente (E6).

Olha, teve um evento marcante...bom eu fiz mestrado [...], não teve nada marcante, a não ser o fato de eu ter que estudar mais. E no doutorado, eu fiz um doutorado sanduíche, fiquei seis meses na Inglaterra, e eu escrevi um capítulo da minha tese lá, então foi muito importante para mim ter feito esse intercâmbio, porque eu tive contato com uma universidade inglesa super bem estruturada, a biblioteca era uma coisa sensacional, umas coisas que quando você viaja pra fora você fica alucinado, porque não tá acostumado (E7).

Aí eu termino meu doutorado [...] e vou pra Universidade de São Paulo fazer o pós-doutorado [...] e aí [...] eu passo no concurso da EACH, USP leste, que estava começando [...] precisava de um especialista em Transportes e era eu, né, então é eu passo no concurso da USP, mas [...] eu fico só um ano e meio na USP, na EACH [...] eu já estava casado, com três filhos pequenos, estava

praticamente impossível para a gente viver no Brasil, a minha esposa tava em Ribeirão Preto trabalhando em São Paulo e houve uma oportunidade que eu tinha essa, não só no Brasil, mas como no exterior, essa chance de ser um especialista em transporte e turismo, daí eu fui para universidade do Haváí, eu passo um pouquíssimo tempo no Haváí, eu passo 18 meses, que a gente também não gostou de viver tão isolado e veio pra Austrália em 2010, de novo, passando no concurso, porque eu tinha essa especialidade que poucas pessoas tinham na área de Transporte e turismo. Acho que isso dá aí uma experiência do que foi meu doutorado e o que aconteceu para conseguir me estabelecer na área de Turismo (E12).

Os eventos que eu frequentei, que eu participei promovidos pela universidade ou não, acho que tinham relação com o turismo, depois no mestrado de acontecimento marcante foi o primeiro evento, compromisso profissional, a primeira palestra internacional que eu dei foi em Cuba, também a convite de uma universidade, depois eu fui pra Portugal também a convite de uma associação para dar alguns treinamentos ligados ao Enoturismo [...], então de fato o país todo. Acontecimentos marcantes do mestrado depois eu começo a convite, né, da professora Margarita Barreto um projeto de pesquisa com ela que foram dois anos [...] um projeto com verba e foi um projeto também muito importante, porque ele na ocasião me serviu o conhecimento todo que eu tinha e tinha a forma como a gente estava conduzindo aquela pesquisa e foi muito similar ao que eu propus na ocasião pra fazer o doutorado e aí consegui a bolsa [...] (E9).

[...] A minha graduação em Economia que eu acabei não concluindo, porque eu fui fazer doutorado na Espanha, e esse foi [...] um terceiro momento muito importante na minha formação de pós-graduação. Quando eu fui fazer doutorado na Espanha, eu fui de uma forma assim absolutamente...apostei tudo, apostei tudo que eu tinha, tinha acabado de casar, não tinha dinheiro, me mudei pra Espanha, com uma licença do meu emprego aqui, foi a segurança que eu tive, isso foi muito importante, e fui pra Espanha fazer doutorado em Economia numa universidade de ponta em Economia do turismo [...] lá foi o meu contato com o mundo internacional, cheguei lá fui apresentar trabalho em congresso internacional, assim ali eu enxerguei o mundo por inteiro, acho que esses três pontos resumem bem a minha...os eventos da minha formação (E11).

Tá, eventos marcantes...eu tive professores no mestrado que são professores que são autores de livros conceituados posso dizer assim Margarita Barreto, Mirian Rejowski, professor Mário Beni algumas aulas, depois no mestrado professor Jafar Jafari pessoa muito importante, agora que estou me lembrando são esses principais, Susana Gastal, também outra professora, então esses assim momentos marcantes com os professores, sendo aluna desses professores [...]. No doutorado...momentos marcantes...são todos, aulas com professores de renome, aulas em inglês, dominar mais a escrita do inglês, então trabalho em inglês, as leituras, também o campo aplicado da estatística ou da pesquisa quantitativa que desenvolvi no doutorado em função das disciplinas e do foco da universidade que eu estava, enfim eu busquei sempre aproveitar todas as oportunidades que eu tive que passaram na minha vida eu tentei sempre aproveitá-las para crescer (E9).

Em relação à influência de relacionamentos pessoais, afetivos e profissionais, ficou destacado este último, ou seja, a relação entre os pares (colegas de trabalho ou de turma), e especialmente em relação a professores e orientadores. Se sobressai com isto a formação de redes e o incentivo à atuação, seja anterior ou posteriormente ao estabelecimento na carreira, por parte do recém iniciado:

Primeiro os meus pais, a minha esposa como sempre, que é parceria, sabe, assim ela também é professora, ela também fez iniciação científica [...], a professora Ana Denker ela foi muito importante pra mim na especialização, a professora Yandara Alves Mendes também na iniciação científica, ela era da Geografia e abraçou meu projeto, acho que ela foi fundamental pra mim, a professora Marta Borges que hoje em dia é consultora na área de Marketing digital, foi minha professora de Economia do turismo [...] sempre me apresentou várias ideias legais, a Odaleia que foi minha coorientadora do mestrado [...], sempre me incentivando, levando os trabalhos pros eventos que ela ia, me incentivando a fazer artigos científicos, agora me convidou pra participar de um capítulo de livro com ela que eu acabei de submeter, sempre lembrando de mim, né, então assim, e uma coisa que eu sempre falo sabe, que poucas pessoas dão valor, as mulheres foram muito importantes na minha vida né, então eu só falei praticamente mulher, né. [...] Então, eu sempre que eu posso, tento reconhecer sempre essas mulheres que fizeram parte da minha vida e eu acho que são importantes também pra academia, né, porque a gente não pode esquecer que a gente vive numa sociedade extremamente machista e que querendo ou não ainda tem o peso da tomar conta da casa da mulher, né? [...] A cobrança de ser mãe, aquela coisa toda e tal, mas eu digo pra você que eu agradeço de ter tido mulheres muito importantes na minha vida que me deram abertura de espaços, de oportunidades e me ouviram e também acho que isso é importante de lembrar (E3).

[...] Alguns professores e alguns momentos assim que eu tomava algumas decisões de saber que eu tava investindo numa carreira acadêmica que me trouxeram até aqui. Não era um caminho linear, não foi um caminho linear, né, de ter feito graduação, mestrado e doutorado no mesmo lugar, com orientadores que fossem do Turismo, isso nunca aconteceu. Foi uma formação efetivamente multidisciplinar e isso me gerou um olhar interdisciplinar pro Turismo que eu valorizo bastante hoje e é uma das coisas que eu acho que são muito importantes pra eu desenvolver meu trabalho hoje, ou seja, não me restringi ao Turismo como uma área isolada, né, na prática é exercer a interdisciplinaridade tanto na teoria quanto na aplicação em tudo que eu faço hoje (E4).

[...] Assim, houve, claro, algum tipo de influência dos orientadores, mas mais no direcionamento dentro do próprio tema que eu já havia pré-definido, aquela coisa de manter no trilho, direcionar a pesquisa, foi mais nesse sentido assim, de manter um bom relacionamento, claro, com os pares, com orientadores, mais que outros assim [...] quando as coisas estavam mais consolidadas, acho que preliminarmente não (E6).

Não, o Turismo foi mais uma questão relacional no sentido de que eu fiquei sabendo por uma pessoa com quem eu me relacionava de um concurso público, então sim, eu já tinha conhecimento do departamento de Turismo, sabia onde era, porque eu conheci o chefe de departamento, mas basicamente isso, ninguém me influenciou a escolher o Turismo exatamente, foi uma oportunidade que eu tive, mas depois que eu passei, o próprio Turismo me influenciou a ficar, né, porque eu tive todo esse encantamento que eu te falei (E7).

Olha, relacionamentos, as amizades, né, com meus veteranos, vamos dizer assim, né, a Daniele e a Mariana são veteranas minhas, né? E outros veteranos, inclusive o seu orientador foram meus veteranos na graduação que acabaram trilhando uma carreira acadêmica antes e também me mostraram esse caminho. [...] E aí o relacionamento também com a minha própria orientadora, né, nesse processo foi bem interessante (E8).

Eu sou uma pessoa que eu trabalho muito em equipe, então falando mais hoje, mas no mestrado também, eu ainda continuo pesquisando hoje com colegas que eu tive no mestrado, então isso demonstra a relação que a gente constrói, até mesmo professores que foram do mestrado eu ainda continuo envolvida ou fazendo contato para participar de uma coisa ou de outra, para eles participarem aqui na universidade onde eu estou, em eventos, então, sim, essas amizades, né, sempre influenciaram [...] (E9). Pra ir pro mestrado quem me motivou foi meu atual marido, era namorado, né, a minha mãe, meus familiares sempre me apoiaram, tanto que também era uma universidade particular como eu comentei, né, então era pago e um valor alto, a ideia inicial era que eu tivesse uma bolsa de estudos, mas eu não obtive (E9).

Eu tenho boas relações no campo acadêmico do Turismo por causa muito da RTER, né, da revista. A revista abriu espaços. Eu tenho relacionamento com professores de praticamente todos os continentes, tenho colegas em Moçambique, em Cabo Verde, colegas que publicam com a gente aqui, colegas da Argentina, colegas da Malásia, da Indonésia, do Irão, inclusive fiz amigos no Irã. A revista abriu perspectivas, muitas perspectivas (E10).

[...] Pra mim os meus relacionamentos de amizade e depois recebi a minha esposa que surgiram na faculdade foram bastante importantes. Acho que se não fosse pelos amigos e pela minha então namorada na faculdade, talvez eu não tivesse me envolvido tanto com a faculdade, talvez eu não tivesse me dedicado tanto, quem sabe até tivesse largado a faculdade, porque a parte realmente interessante, importante pra mim como pessoa na faculdade foram os relacionamentos de amizade e amorosos, né, então assim realmente na ECA as amizades fizeram muita, muita, muita diferença. [...] Então acho que meu relacionamento com a professora Dóris Ruschmann no início da minha carreira, com o professor Wilson Rabahy já no fim do meu curso de graduação, depois com o meu orientador de mestrado, meu chefe na FIP por muitos anos, meu mecenas até, me ajudou financeiramente em alguns momentos [...], então essas relações profissionais foram muito importantes pra mim, tá. E depois também no Instituto Federal os doze anos que eu fiquei lá eu também trabalhava com pessoas que eram muito amigas e isso também foi bastante importante, eu me envolvi muito, o Instituto Federal foi um lugar que eu me dediquei demais, trabalhei muitíssimo, com gosto, sabe. Pra fazer a

coisa funcionar, pra fazer a coisa dar certo e acho que as amizades também tinham um papel muito grande ali (E11).

Olha, de certa forma, o meu orientador de doutorado, o Douglas Pearce foi responsável por isso também, porque ele era um, vamos chamar assim, um dos pais da Geografia do turismo e ele de certa forma, indiretamente me apresentou ao mundo do turismo, sem sombra de dúvida. Meu coorientador do doutorado, Monten Salin, ele era um economista que tinha trabalhado em empresas aéreas e trabalhava com turismo...basicamente foram essas pessoas, porque, de novo, eu não tive esse vínculo pessoal que eu tenho hoje, depois de 20 anos, com os colegas do turismo, eles só vieram acontecer muito tempo depois. Agora, claro que, no início, quando eu fui para EACH em 2007, aí eu entrei em contato com o Luiz Trigo, embora naquele momento a gente não fosse tão próximos e íntimos, ele era uma referência, é um cara muito legal, enfim, do pouco tempo também que eu tive lá em 18 meses, fizemos algumas coisas juntos, o Alexandre Panosso, nós fizemos um livro Teoria do turismo também que virou uma outra referência bastante grande em termos de consolidação de teorias, conceitos modelos em Turismo, o próprio Ricardo Uvinha foi uma pessoa importante pra mim, e outros colegas da USP Mariana Aldrigui, aquela turma que estava começando né ali foram pessoas muito importantes é para mim, sem sombra de dúvidas, pra eu estabelecer (E12).

Eu tive grandes amigas, assim eu tenho na verdade, elas ainda estão, fazem parte da minha vida. No mestrado e no doutorado acho que elas sempre me seguraram assim em alguns momentos, a gente, né, a pós-graduação é um período intenso e eu fiz tudo muito...uma coisa em cima da outra, então acaba que a gente não tem tempo de raciocinar, tem hora que acontecem as coisas e você fica sem entender assim e as minhas amigas eram mais velhas do que eu, porque eu emendei tudo assim, e minhas amigas eram mais velhas, tinham outras experiências, então era muito rico para mim, foi muito bacana assim tê-las e continuar tendo-as, até hoje a gente desenvolve, faz projeto junto, tem umas coisas muito legais assim. [...] tenho outros colegas super legais, eu tive uma grande colega assim que foi fundamental tá com ela ali e hoje também tenho colegas muito bacanas aqui na USP que me incentivaram e incentivam inclusive a pós-graduação [...] então tem pessoas que me apoiam assim [...] que acreditam no seu trabalho, que acreditam em você, isso é muito relevante. Eu acho que a minha orientadora foi muito significativa nessa transição, né, de “ah, não faz pós-graduação, faz mestrado”, esse incentivo foi muito importante para mim. Eu tive muito apoio de meus pais sempre, muito, muito, muito assim. E tive muito apoio do marido, meu marido a gente começou a namorar na faculdade, então ele acompanhou todo esse período de academia, e eu tive apoio dele assim como poucas mulheres tem dos seus companheiros assim [...] (E13).

Nesta seção pode-se inferir a importância das habilidades sociais, políticas e culturais acionadas para a incidência no campo a partir e como consequência de suas atuações em conjunto (interação social). O fenômeno da internacionalização de suas carreiras e redes emerge como atividade importante na exposição a novas lógicas institucionais e ao incremento de inovações no contato com novos atores, temas, abordagens e atividades. Ou seja, contribui para que tenham acesso privilegiado a práticas alternativas de outros campos.

Além disso, se destacam os relacionamentos no âmbito profissional e com os pares para que fossem inseridos e adquirissem maior legitimidade em suas interpretações e propostas para o campo, especialmente se estas pessoas (geralmente professores-pesquisadores mais antigos) na figura de orientadores, adicionasse uma camada valorativa em suas contribuições científicas e de cooperação na formação de estruturas formais de investigação em turismo.

4.5.3 Performatividade: rotinas e inovação na produção acadêmica

A rotina narrada nestas três fases em questão envolveu as atividades típicas da formação em nível de graduação, mestrado e/ou doutorado, especialmente no contexto de instituições de ensino superior públicas. Dessa forma, foi elencado a dinâmica entre a participação em aulas, estágios, projetos de extensão, iniciação científica, empresa júnior, tarefas e atividades de entrega, estudo, leitura, escrita, atividade de campo da pesquisa e coleta de dados. Aqueles que não possuíam dedicação exclusiva por meio de bolsa de estudos, se dividiam entre curso e trabalho, geralmente como docentes e consultores, o que atribuem algum prejuízo a uma rotina mais dedicada aos estudos ou a vantagem de adquirir experiência profissional:

Bom, a minha rotina de estudo sempre foi muito intensa. No ensino médio, eu tinha aula na parte da manhã, na parte da tarde [...] estudava à noite, estudei muito durante o ensino médio [...]. Ter feito a faculdade de Economia foi uma decisão super acertada, é uma área que eu gosto, aprendi coisas pra minha vida, não só para a vida profissional, mas para minha vida pessoal, né, então eu acho que ter feito Economia foi uma super escolha acertada, né, e também o próprio encadeamento, eu acabei a graduação, fiz mestrado, acabei o mestrado, fiz doutorado, essa sequência ela me formou ainda muito jovem, trinta anos eu tava com doutorado, e obviamente, num período em que as oportunidades tavam muito em expansão, tinham muitas oportunidades, era Lula, REUNE, as expansões universitárias, né, teve um momento muito rico e importante para a escolaridade brasileira em todos os níveis. [...] eu aproveitei esse momento, né, de mais vagas, mais oportunidades e, ter entrado para o Turismo foi assim um grande presente pra mim, não só por ser professor “D.E”, mas também pela área, que é uma área que eu tenho grande interesse, tem muita coisa em construção, sabe, essa coisa de estar em construção me atrai muito, porque aí me sinto útil, sei que tenho um papel dentro dessa história (E7).

Na graduação eu sempre trabalhei ou estagiei, não porque eu precisasse desesperadamente de dinheiro, mas era uma forma de eu ter alguma folga de dinheiro, mas porque eu realmente tinha interesse em conhecer áreas e fazer coisas e descobrir tudo que acontecia no mundo do turismo. E depois do mestrado e doutorado, como eu falei, eu sempre fui docente. Então, eu aprendi ser professor ao mesmo tempo que eu era formado pesquisador. Isso não é fácil, porque a rotina de trabalho, né, o ofício da docência, ele é muito, muito

exigente, especialmente no momento em que você tá construindo uma carreira, você tá entendendo como funciona as instituições, como a rotina de docência e ao mesmo tempo tem que tá com a cabeça numa pesquisa que exige coleta de campo, que exige fazer disciplinas, que exige uma concentração intelectual ali. [...] Eu só acho que tem algumas coisas que eu fui assim colocar de forma mais sistemática na minha vida depois que eu acabei o doutorado. Quer dizer, parece que tinha tanta urgência de concluir aquela pesquisa pra me titular e poder seguir a minha vida, que talvez eu não tenha conseguido dar a devida atenção assim pra coisas que hoje eu sei que são importantes [...] Então, hoje, por exemplo, eu estou absolutamente integrado nessa comunidade, mas isso foi acontecer depois de concluir o doutorado, né [...]. Sobre o meu trabalho hoje acho que eu já falei, né, daí fica explícito então que todo esse caminho interdisciplinar e essa oportunidade de circular por instituições diferentes, interagir com colegas de outras áreas (E4).

Sobre a rotina, ah, bom, na graduação loucura do trabalho, estudo, aquela coisa de consolidar um pouco a carreira profissional com a vinícola, de querer fazer acontecer, e levava a vida acadêmica meio que no paralelo, mas sem descuidar, com muito cuidado, estudava muito no tempo que dava. Então consegui, assim, estudava muito aos finais de semana, principalmente na durante a graduação. O mestrado foi a mesma lógica, era sábado, domingo estudando, escrevendo, e à noite, nos períodos que eu não tinha aula. Na vinícola eu podia sair, né, enfim a empresa era minha, podia sair pra mim, com meus irmãos e primos, eu podia sair para fazer as disciplinas do mestrado, voltava compensava os horários ou no final de semana, ou é à noite, qualquer horário [...]. Eu me dediquei muito nisso, tem um custo, claro, nisso tudo, pessoal, mas é foi assim. Aí no doutorado, como eu fiz essa transição para a universidade pública, então já foi diferente. Eu estava só na docência, eu me preocupava daí com a pesquisa, conseguia conciliar as coisas durante os horários normais, eu comecei a ter finais de semana e foi um grande alívio, né. [...] Mas hoje eu consigo manter uma rotina de trabalho mais, digamos, normal, sem tem que matar todos os finais de semana como eu fiz no mestrado e começo do doutorado também (E6).

Sobre a rotina, durante a graduação e mestrado era estudar à noite ou no mestrado era finais de semana era quinta, sexta, sábado e aí eu conciliava com o trabalho tinha uma rotina pesada nesse sentido, eu tinha que com fazer os trabalhos ou estudar de fato horários de finais de semana e à noite quando não tinha aulas, então era uma rotina bem pesada, depois quando entrei no doutorado foi só uma dedicação exclusiva aos estudos, porque eu só fiz o doutorado, eu tinha uma bolsa e era integral [...] e aí eu vi também que eu queria continuar como professora, mas como pesquisadora, então não somente fazer um concurso e ser aprovada na universidade federal, mas continuar no campo da pesquisa, desenvolvendo, escrevendo artigos, tendo artigos aceitos em revistas internacionais, participar de eventos internacionais, fazer parecer de artigos científicos ou para eventos, enfim, essas áreas sempre eu gostei, eu fui conhecendo, fui me conhecendo no mestrado e no doutorado (E9).

[...] A minha rotina eu só estudava. Sempre só estudei. Tanto é que meu primeiro emprego é o emprego que eu tenho hoje. Sempre só estudei. Nesse aspecto, eu falei que a minha família nunca me incentivou, mas também nunca atrapalhou, não é. Meu pai me permitiu que eu fizesse até o mestrado sem ter que trabalhar. Os primeiros dez anos como pesquisador...eu entrei na universidade fazendo mestrado ainda. Tive esse privilégio de achar um concurso que não pedia nem mestrado ainda. [...] Eu tô há quinze anos dando

aula em Turismo. E hoje eu estou no departamento de Turismo e num programa de pós-graduação de Ciências Sociais (E10).

A rotina de atividades de docência também foi recorrentemente citada, com a preparação e ministração de aulas, elaboração de provas e atividades, correção de atividades, atendimento e orientação de estudantes e projetos de extensão:

[...] Em relação ao período como estudante, essa fase inicial ela é muito curta. Quando você passa, por exemplo, da graduação que são muitas disciplinas, cada disciplina exigia uma coisa muito diferente, uma dedicação diferente. [...] Então nesse período, em relação à pesquisa, era muito curto, você não tinha tanta dedicação e não eram tantos horários de estudo, se você for comparar com os atuais. Então eu acho que nesses três, o que de fato ocupa maior espaço, de mais dedicação, seria justamente o dos dias de hoje, talvez pela quantidade de atividades que a gente como professor acaba desenvolvendo por causa da pandemia. Hoje em dia é aula da graduação, [*inaudível*], artigo, projeto, submissão ao CNPq, então assim, a gente ficou meio que sem horário, você trabalha manhã, tarde e noite, final de semana, se você deixar você não para [...] (E1).

A rotina de atividades de pesquisa também foi citada, com a produção de pesquisa, atuação em grupos de pesquisas e linhas de pesquisa, elaboração de projetos de pesquisa, submissão a editais de fomento à pesquisa, avaliação de artigos em periódicos e eventos nacionais ou internacionais, comissões de eventos científicos e a gestão de revistas científicas:

A minha rotina de trabalho e estudo era muito intensa, eu estava sempre...porque aí juntou aquela coisa lá que eu tinha falado para você do colégio, do hábito de estudo, de uma certa paixão, interesse, valorização em áreas que eu tava afim [...] então era muito legal, mas muito estudo, muita leitura, muita escrita, você imagina, eu escrevi um livro, eu não parei de trabalhar, fui fazer a tese, fazer coleta de dados, análises e publicações (E12).

Primeiro sobre meu período de formação universitária, rotina de trabalho, estudos...variou muito, variou muito. Durante a faculdade eu estudava muito pouco, me interessava muito pelos projetos, pelas atividades, pelas viagens, alguns projetos de extensão, vários projetos de extensão, mas estudar mesmo estudava muito pouco. Trabalhava muito, trabalhava demais, trabalhava muitíssimo e todo o tempo que sobrava eu viajava. Então trabalhava muito nos estágios, fazia mil projetos, fazia muitas coisas quase todos relacionados ao turismo, a universidade e tal, estudava pouco. Depois ainda continuei, mas acho que acho que isso foi mais ou menos a regra até o momento em que eu fui fazer doutorado, quando eu fui fazer doutorado eu fui pra Espanha e me afastei de todos os projetos, todos os trabalhos e aí estudei como nunca tinha estudado, estudei assim realmente muitíssimo. Depois quando voltei pro Brasil um ano e meio depois, voltei pra rotina anterior de muito trabalho, muito trabalho e estudo. Bom fazendo mestrado, fazendo doutorado de estudo,

estudo pra fazer a tese, pra fazer a dissertação, né? Diferente da graduação onde eu realmente estudei pouco, mas o mestrado e doutorado estudei bastante, mas sempre trabalhando muito, sempre trabalhando muito. [...] nesses últimos tempos, bom, depois que eu entrei na USP em 2016, uma rotina de trabalho, de muito trabalho dedicado ao ensino na graduação, na pós-graduação, muito trabalho de pesquisa, de 2018 pra cá, muito trabalho na editoria chefe da RBTur, muito trabalho administrativo na vice coordenação do programa de pós-graduação, em dezenas de comissões, interesses amplos nas linhas de economia, comportamento do consumidor, métodos quantitativos de turismo, sempre de turismo, turismo, turismo, sempre turismo. Muitas orientações, muito trabalho com os alunos, de orientação, de pesquisa, pouco tempo pra fazer as minhas próprias pesquisas, exceto o ano passado que eu fiz a minha tese e defendi a minha livre docência, acho que é isso (E11).

A rotina de atividades de gestão universitária também foi elencada, com a participação em comissões internas da instituição de ensino, dos programas de pesquisa, na produção de relatórios, dos núcleos docentes, na coordenação de curso de graduação e pós-graduação, estágios, e participação em conselhos administrativos:

Tá, então vamos primeiro pra faculdade, como eu disse, eu comecei a trabalhar logo no segundo período, então eu fazia a minha grade horária de uma forma que eu pudesse ficar com todas as aulas de manhã ou todas as aulas a tarde pra poder me liberar um dos períodos pra poder fazer estágio. Eventualmente, tinha alguma aula à noite, mas eu acabava conseguindo concentrar em um dos blocos e se faltasse alguma coisa tinha aula à noite. [...]. Os dias que eu não tinha eu usava ou pra ir pra Território em num período de um ano, né, que eu fiquei, ou pra fazer os trabalhos acadêmicos em outro período né, tinha o namorado da época que também tinha o fim de semana, essas coisas que ficava nisso, né, e cursos extra fiz muito pouco assim [...] e quando dava voltava pra casa que a minha mãe, minha família era de Brasília, então eu ia passar o fim de semana em casa também. Então era principalmente trabalho, estudo, diversão fim de semana à noite. [...]. A rotina, olha, variou bastante entre mestrado e doutorado e especialização. Vou falar um pouquinho de cada uma...no mestrado eu tinha dedicação exclusiva, então eu acordava de manhã, ia pra USP e ficava lá o dia inteiro, podia estudar o dia inteiro, né. [...] Mas era basicamente estudo quase o tempo todo e eu também participava de algumas esferas enquanto representante discente. Então eu fui representante discente na comissão de pesquisa, na comissão de pós-graduação na congregação, na comissão de pesquisa da USP como um todo, não só da FEA, participava da Associação de Pós-graduandos, [...] mas dentro da USP quase o tempo todo e um pouquinho de diversão fim de semana e à noite. No doutorado ficou mais louco, né, porque eu comecei a trabalhar e aí eu trabalhava de noite numa universidade, de manhã trabalhava basicamente na USP fazendo as minhas pesquisas e a tarde eu lidava com o curso a distância, né? Então ficava ali nas tutorias etc, depois a tutoria acabou ficando muito pesada, já não gostava mais, abri mão e aí eu fui atuar junto ao programa de especialização que eu também fiz. [...] Então eu trabalhava e estudava o tempo quase todo até que eu me mudei pra Ponta Grossa, e aí eu tinha que preparar as aulas e estudar e fazer o doutorado principalmente nas madrugadas, e aí foi isso, mas deu tudo certo. No meu trabalho hoje... eu sou efetiva da

Universidade Estadual de Ponta Grossa, a minha rotina varia bastante de acordo com o dia, porque eu não dou aula todos os dias, mas eu tenho coisas pra fazer os dias com relação aos núcleos de pesquisa, as orientações, então eu procuro organizar assim meus dias de forma que um dia da semana eu consiga trabalhar com artigo, né, outro que os artigos que tão em andamento, fazer as leituras TCCs, das coisas que são meus orientados estão fazendo. Outra tarde, eu fico pra orientar os meus orientados [...] pelo menos uma vez por semana. [...] Aí além disso, tem as aulas na graduação e as aulas da pós-graduação e o preparo das aulas. E aí tem mil e uma reuniões, sou parte do núcleo docente estruturante, sou coordenadora de estágio, tem os projetos de extensão, os projetos de pesquisa em separado. Então, é basicamente reunião, aula e orientação e elaboração de projetos e os consequentes desses projetos, né, porque aí você tem um relatório, você tem elaboração dos processos depois, dos artigos, tudo isso tem que ser feito. Então, tem muita burocracia também (E8).

De maneira mais pontual foi citado a rotina da família, especialmente o cuidado com filhos pequenos, bem como atividades de viagem para visitar outros familiares. A rotina doméstica também foi brevemente comentada, bem como atividades de lazer e saúde, associada ao estilo de vida, cidade onde mora e demandas familiares mais gerais:

A minha rotina...eu costume de manhã, pelas manhãs, eu costume ter um horário mais pra mim, uma academia ou uma leitura que não é obrigatória, alimentar as redes sociais, responder e-mails, mandar áudios pros meus alunos de mestrado ou de iniciação científica, enfim, mais a parte social vamos dizer assim, né, e tentar cuidar de mim, né. Hoje tenho uma filha, então também ficar um pouco com minha filha e tal. Na parte da tarde, já as duas, uma e meia, duas horas da tarde é uma hora que eu pego mais pra trabalhar mesmo, né, e aí é a hora que eu vou avaliar trabalho, que eu vou preparar a prova, preparar aula, normalmente as aulas estão de tarde e noite, então normalmente são os horários que eu dou aula, né? Mas o horário que eu mais rendo mesmo não é a noite, a partir das sete e meia, oito horas, a hora que eu rendo mais até uma meia-noite. Então o horário que eu gosto de produzir mais. [...] Então assim, a minha rotina ela é muito muito trabalho, mas assim eu tento deixar o meu trabalho, como eu tenho prazer em trabalhar, leve, né. [...] (E3).

No período da faculdade eu estudava no ônibus, porque eu tinha que trabalhar e fazer faculdade, então eu estudava no intervalo, morava longe, então, ficava duas ou três horas e meia, às vezes, no ônibus eu lia ali. Lia no estágio e tal. [...] eu acho que o ciclo de vida [...] eu ainda não estava casado no início, mas depois eu casei, depois eu tive filho. Então assim, isso muda completamente, tá, então eu não teria como te dizer como era a rotina, né. Eu comecei a ter uma certa tranquilidade depois que eu entrei pro CEFET, aí eu tinha mais tempo para estudar e dedicar. [...] É difícil estudar com os filhos em casa, eu estudo a hora que dá. Então eu acordo, por exemplo, cinco e meia da manhã e detalhe às vezes trabalho até às onze horas, entendeu, dez e pouca, sabe. Isso tem um impacto, então não tem uma rotina por conta do ciclo de vida da família e por conta da pandemia (E5).

Na minha graduação, minha rotina era bem intensa sempre, principalmente na época que eu fazia as duas graduações, eu duas eu saía de casa acho que era assim 6:15 [...] aí tinha aula até meio dia, uma hora da tarde, depois eu pegava o ônibus pra mais perto da UFPE [...] eu tinha aula a tarde inteira, à noite chegava em casa ia fazendo o que tivesse que fazer, trabalho, ficava até tarde. [...] No mestrado e doutorado, a minha rotina era também louca, porque eu estudava muito, na época quando entrei no mestrado eu ainda estava finalizando a graduação em Hotelaria, eu fiz um ano de final de graduação e mestrado, então foi um período que eu estudava muito e eram duas realidades bizarramente opostas [...]. A minha rotina no doutorado era uma loucura, meu marido morava na Aracaju, eu morava em Recife, eu viajava no final de semana, a cada 15 dias eu pegava um avião e voltava [...]. Eu cheguei na USP e 15 dias depois começou a pandemia, então eu moro em São Paulo desde que a pandemia começou, 15 dias antes [...] então eu costumo dizer que eu moro em São Paulo, mas conheço São Paulo mais ou menos assim, porque eu não tenho a rotina do que é morar em São Paulo ainda [...]. Hoje a minha rotina eu considero que ela está muito mais equilibrada do que ela já foi, sabe, [...] eu tenho dormido um pouco mais, eu tava fazendo exercício [...], mas eu ainda trabalho muito assim, acordo, faço as coisas, tomo café, no sei o que lá, venho pro computador, passo muito tempo aqui sentada em reunião e tudo, meu marido sempre fica com almoço, porque é o período mais difícil para mim, então ele organiza o almoço, o jantar gente divide, e tal (E13).

Dentre as decisões mais importantes durante o período de formação foi recorrentemente citada a opção pela mobilidade acadêmica internacional tanto na graduação quanto na pós-graduação, por proporcionar conhecer novos ambientes acadêmicos, fazer contatos com outros professores, receber prestígio ou reconhecimento profissional e adquirir experiência profissional ou de pesquisa. Ainda relacionada a mobilidade, tem-se também as decisões por regressar ao Brasil ou, ainda, de migrar de país:

As principais decisões que eu tomei na graduação fazer intercâmbio e me formar no prazo certo [...] fui fazer um intercâmbio no Paraguai, porque era o que tinha na época, foi a única oportunidade de intercâmbio que teve durante a graduação pela própria UFMG, vamos dizer assim, claro que tinha intercâmbios pagos, essas coisas assim, mas pela própria UFMG com um convênio na universidade era o único que teve e surgiu a oportunidade e eu fui, né, e foi uma experiência muito boa, também tive contato com professores muito bons e que me marcaram a trajetória acadêmica com certeza, e a decisão de sair do estágio pra estudar, pra ir fazer mestrado, né? Então foram as principais decisões durante a graduação. Depois teve a decisão de qual pós-graduação eu ia fazer que eu passei na UFMG, na UFRJ e na USP. Acabou que eu optei pela USP, acabei deixando Belo Horizonte por uma série de razões, principalmente pela recepção que eu tive do orientador e do programa, então acabei optando pela USP por isso, né, todos eles eram em Administração, mas se por um lado alguns programas achavam “nossa, ela vem do Turismo, ela tem uma formação fraca”, na USP a recepção que eu tive foi encontrar “nossa, que bacana alguém numa área diferente, pode pensar diferente, pode acrescentar diferente”. Então, eu fui pra USP. E aí na pós-graduação, a pós-graduação o período foi grande, né? Então teve o mestrado, doutorado e a especialização. O pós-doc não é pós-graduação, é estágio. Nesse

período uma decisão marcante foi ir pra USP, estudar educação por um período, vamos dizer assim, o período de me provar capacitada para fazer pesquisa independente do que fosse, e aí ir cavando a minha área mais na área do Turismo pra poder pesquisar aquilo que eu queria, a decisão de vim pra Ponta Grossa de passar no concurso e vim pra cá no meio do doutorado, foi uma das principais decisões, e as decisões de temáticas, de articulações, etc. [...] A principal decisão foi enxugar meu doutorado, né, que ele ia ser em duas regiões, uma delas acabou tendo que ser excluída, porque não dava pra fazer nas duas, não pude fazer um sanduíche porque eu não poderia ter liberação na época [...] e entrar no programa de pós-graduação em Ciências Sociais aplicadas né, porque aqui a gente não tem programa em Turismo, mas ao mesmo tempo também me realiza muito poder fazer várias coisas interdisciplinares, né, com pesquisas com vários olhares e alunos de várias áreas [...] (E8).

E as decisões muito importante pra mim foram fazer intercâmbio que foram épocas acho que eu aprendi muito assim, mudei de vida, sabe, ia pra longe, ia pra perto, me afastava da minha realidade pra outra realidade. Eu sinto que no mestrado eu não tive tanta autonomia pra decidir o que eu queria estudar, no doutorado eu estudei o que eu queria [...]. Então no doutorado essas decisões de fazer o que eu queria foi muito importante, e a decisão de voltar a morar no Brasil, porque no doutorado sanduíche, eu participei de uma seleção ao mesmo tempo que eu fiz a seleção da UFPB, eu fiz uma seleção pra trabalhar na universidade que eu era doutoranda, e eu passei nas duas e aí eu precisei escolher se eu ia morar no Brasil ou se ia ficar na Holanda. Esse foi um momento muito difícil assim, sabe, pra minha vida profissional, eu precisei reavaliar, na época tinha medo de não passar em um e ficar desempregada, eu tinha medo de passar em um e a minha vida ser decidida por uma circunstância que não tinha sido eu, e aconteceu a coisa que era o cenário melhor pra mim que era passar nos dois, mas que envolvia uma tomada de decisão importante assim, e na época eu decidi voltar pro Brasil por questões pessoais assim, eu pensava muito que eu queria trabalhar no meu país, fazer uma coisa significativa pro meu país, não queria ficar fora e contribuir para um conhecimento distante, sabe, então foi uma decisão bem ideológica assim, meio romantizada, talvez, mas não me arrependo não, acho que foi muito bem decidido, e fiquei muito feliz de ter feito isso, tenho muito orgulho de morar no Brasil e não tenho vontade de morar fora mesmo. [...] Decisões...a decisão foi pra São Paulo, a principal decisão assim dessa fase que eu tomei foi vim, sair da UFPB e vir pra USP, justamente pra buscar me aproximar mais da minha área de ensino, dar aula nas áreas que eu gosto de pesquisar e que eu gosto de estudar, e também tá numa universidade que incentiva a pesquisa, que tem recurso, que tem inserção internacional, que os colegas me inspiram, lógico que não é perfeito, todos os lugares tem suas questões, mas definitivamente aqui é um lugar que eu gosto muito de estar e gosto muito do ambiente, sabe, gosto muito da forma como as coisas funcionam aqui na USP, então estou muito satisfeita com essa decisão (E13).

Então diria que seriam esses momentos, acho que todas as decisões que eu tomei de me escolarizar...eu fiz um curso de inglês durante a graduação foi importantíssimo, ter ido pro doutorado sanduíche foi importantíssimo, ter feito o pós-doc com meu orientador [...] foram momentos de crescimento, sabe, pontos de crescimento que colocavam mais um tijolinho na construção na minha formação como pesquisador (E7).

A terceira você pergunta dos momentos principais foram essas buscas, foram publicar os livros, foi ter voltado para o Brasil, conhecido alguns desses colegas que estavam começando esse programa esse novo programa de Lazer e turismo na USP e também essa decisão então de ir pra fora, de sair do Brasil, ir pra Universidade do Hawaii, depois vir pra Austrália e depois me estabelecer na Austrália foram importantes. Mas eu aí a partir daí eu achei me deslanchei muito na questão de publicar mesmo, eu escrevi muitos artigos, eu basicamente nessa temática de transportes eu fiz bastante coisas [...] (E12).

Quanto as decisões, na graduação, eu acho que fazer o intercâmbio, que acabou sendo um diferencial. Na pós-graduação que a gente vê essa importância [...] foi justamente o doutorado que abriu os caminhos para eu entrar numa pós-graduação pra lecionar como professora na pós-graduação e foi quando eu entrei no PPGA. E também por estar numa universidade particular, porque para você fazer parte do corpo docente permanente você tem que estar numa universidade federal ou estadual. E aí, agora, como pesquisadora, é mais a questão de cobranças e exigências que você acaba se fazendo também, como submissões de editais [...], essa atualização do currículo [...] (E1).

Tem uma coisa que eu acho super importante que eu não comentei, que é a minha total disposição e disponibilidade pra investir em viagens, a maior parte das viagens eram viagens de trabalho, viagens de pesquisa, viagens pra participar em alguns eventos e eu não fui ter financiamento pra elas até que eu chegasse na USP praticamente [...] e eu tenho absoluta certeza que isso é uma das coisas que mais faz diferença no trabalho que eu faço hoje, né. Se se existem coisas que eu posso dizer que são muito boas é porque eu pude construir essas trajetórias internacionais e encontrar pessoas, conhecer lugares, entender outras formas de trabalho, aprender algumas coisas que talvez eu não tenha aprendido quando fui doutorando ou mestrando, mas essas interações com outros ambientes acadêmicos fora do Brasil foram me apresentando isso de forma diluída, né (E4).

Também foram destacadas as decisões de vinculação profissional, especialmente a partir de concursos, bem como os arranjos da carreira orientados para cumprir ou validar requisitos para atuarem em instituições públicas, como a formação completa em nível de graduação e pós-graduação:

[...] Os concursos para a carreira docente que eu fiz, acho que eu fiz uns três ou quatro concursos antes de ser aprovada nesse que eu estou atualmente, então também foram momentos marcantes e que acabaram me conduzindo, né, então [...] o concurso em que eu fui aprovada, envolvem essas áreas em que eu atuo hoje, então tem total relação também e era uma áreas que estavam carentes, estavam, enfim, sem professores no curso, então eu fui bem recebida, bem acolhida por esse motivo também (E9).

[...] As decisões mais importantes tomadas na minha carreira... bom, uma certamente a decisão de sair do Instituto Federal e ir pra USP no Instituto Federal tava quase terminando a carreira. Eu saí e fui pra USP onde eu fui recomeçar uma carreira, perdi salário, mudei muito de esquema, de trabalho,

né. Essa foi uma decisão importantíssima, a outra decisão importantíssima, difícilíssima foi a de ir pra Espanha, fazer o doutorado, né. Fiz doutorado lá, não foi um doutorado em sanduíche, foi um doutorado na Espanha, sem nenhuma segurança de que aquele doutorado seria reconhecido no Brasil, bem na verdade sem nenhuma segurança de que eu ia entrar no doutorado, porque eu fui pra lá fazer o mestrado pra poder fazer doutorado, então sem nenhuma segurança, coloquei tudo em risco (E11).

[...] Eu acho que na graduação, não diria que talvez tenha sido só escolha minha, não. Eu diria que o meio me empurrou para isso, o meio que eu vivia acabou me colocando essa condição. Claro que tem a escolha, as definições pessoais que a gente vai fazendo, mas assim, eu acho que sempre foi a seriedade, né, com que eu fiz, seja da graduação, do mestrado ou doutorado. A dedicação e o tempo dedicado àquilo que eu ia fazer. Eu nunca gostei de fazer as coisas só por fazer ou só...claro que isso faz com que a gente fique sempre competitivo pelas coisas, né, mas acho que foi isso...depois do mestrado, acho que ter entrado na docência paralelamente ao campo profissional como escolha [...]. Mas acho que ter entrado, sim, na docência foi a principal escolha, e depois no doutorado foi ter feito a opção pela universidade pública e sair da privada. Isso me permitiu seguir conduzindo e ter uma autonomia na própria carreira, coisa que na privada eu não tinha, eu era suscetível a aquelas demandas de chefia, demandas políticas, das circunstâncias que aconteciam a todo momento, ter representação na sociedade de determinados grupos. Na pública não, mas tem autonomia para construir o teu campo de pesquisa, você vai, cria seu grupo, você motiva os seus orientandos, você vai constituindo aquilo que a gente chama de verticalização do conhecimento que vai desde a iniciação científica, até mestrado, doutorado, pós-doutorado. [...] então eu acabei, digamos, protagonizando muita coisa em função disso. Então acho que a escolha pela universidade pública, a constituição do grupo de pesquisa, né, e depois, [...]eu fiz um pós-doutorado na Anhembi Morumbi em 2017... 2018, um ano, com a professora Maria, foi a que me deixou, digamos, a vaga aqui na UFPR. Ela foi minha supervisora, e aí eu acabei fazendo pós-doutorado com a supervisão dela que foi muito legal, parece que esse ciclo se fechou ali, né, e hoje somos muito, completo parceiros de pesquisa de GT, ANPTUR, e publicações [...]. Então, foi esse conjunto de escolhas que foi determinando os passos (E6).

As decisões acadêmicas também foram apontadas como importantes, como qual curso de pós-graduação seguir, arranjos de pesquisa a serem adotados, instituições a se filiarem, a participação em eventos para formação de redes e o estabelecimento de relação com professores/orientadores. No âmbito da graduação, foram destacadas a escolha pelo tema do TCC, ter feito estágios e iniciação científica:

E aí em termos de decisão, é realmente assim tentar fazer [...] os concursos, tentar trabalhar [...], tipo assim, uma vez que eu decido o que eu queria, quero ser professora federal, então o que eu preciso pra isso, né. Então vamos correr atrás de publicação, né [...] Então eu acabei sendo reconhecida pela publicação e facilitando o meu ingresso também na faculdade por causa disso, mas era tudo meio que já pensado, né, que eram coisas necessárias pra eu pra eu estar onde eu estou hoje. Só que hoje eu tenho uma *vibe* um pouco diferente

no seguinte sentido, quando você é estudante, você está ali, você tem uma orientação e tal, você tem acho que pouco poder de escolha, de decisão, hoje, como eu não estou em nenhuma pós-graduação, eu escolho o que eu vou trabalhar, inclusive com pandemia isso me reforçou. [...] Olha, tudo isso vem com amadurecimento pessoal e com as possibilidades e oportunidades que eu fui tendo [...] eu percebo que as coisas estão todas interconectadas, sabe, uma coisa foi puxando a outra. Então, o fato de eu ter feito um intercâmbio, me levou pra graduação, eu ter trabalhado com Marketing, ter feito disciplinas com Marketing reforçaram minha área, o meu tema de interesse [...] durante o meu amadurecimento pessoal, as minhas vivências, eu tinha muitas dúvidas obviamente [...] então não tinha certeza plena das escolhas que eu ia fazer, mas ao mesmo tempo as oportunidades que eu fui tendo iam reforçando a minha vocação natural, do meu talento natural, alguma de alguma forma, sabe [...]. Então assim ter ido pra Administração eu acho que foi uma das principais decisões importantes pra mim, porque além de me dar a base teórica, metodológica, me deu possibilidade de inserção no mercado, porque tem os cursos de Turismo acabaram todos fechando e o que me sobrou era trabalhar com Administração. [...] mas eu tive dificuldade inclusive de passar em concurso, poder fazer alguns concursos por ser graduada em Turismo, porque se eu tivesse graduação em Administração eu teria outro campo, né? Mas basicamente os interesses eles foram mudando junto com esse amadurecimento, tanto do mestrado tanto da tese (E2).

[...] ter feito estágio desde o começo da graduação, independente se era voluntário ou se era remunerado, todo semestre eu fiz estágio. Ter feito o projeto de iniciação científica e ter corrido atrás, ter conseguido a bolsa, então isso também é uma outra questão. A outra questão também que eu considero ser importante é não ter desistido de ter feito o concurso quando os concursos começaram a surgir e as faculdades particulares começaram a fechar, que eu tava dando aula, então, de me abrir pro Brasil, de não ficar restrito só a São Paulo ou a região sudeste, [...] ter feito o doutorado interinstitucional, acho que pra mim foi muito importante, de não ter esperado abrir a vaga perfeita pra ter feito o doutorado perfeito [...], não ter deixado de ir nos eventos quando mesmo eu não tinha apoio financeiro, isso me fez, quando eu vou pros eventos abrir possibilidade de conhecer pessoas, foi lá que eu conheci o Guilherme Lomman, foi lá que conheci Ricardo Uvinha, foi lá que eu conheci o Panosso Neto, o Glauber Santos, revivi o contato com o Trigo, que foram pessoas que me abriram as portas pra ser o diretor da ABRATUR hoje em dia, né? Que me reconheceram como profissional, que me valorizaram como profissional, que me convidaram pra participar do grupo pesquisas, enfim, acho que isso é muito importante. [...] reconhecer que mesmo os trabalhos voluntários foram importantes pra minha formação [...], ter sido coordenador de cursos [...] e ter aceito ser o diretor da ABRATUR também que eu acho que pra mim foi muito importante, que me abriu portas e fez várias pontas com várias outras instituições e colegas. E um outro que também que eu acho que eu não posso esquecer de ter aceito o convite pra ser professor do mestrado em Gestão de negócios turísticos, apesar de ser em Fortaleza, o desafio de ser professor de um mestrado, mesmo sendo há 500 km quilômetros daqui [...] que me abriu portas, que melhorou minha produção, me fez bons contatos também com os professores de lá [...] (E3).

Sobre as decisões, ter o máximo de experiências possíveis e profissionais paralelo à universidade e a decisão de fazer um TCC com bastante aprofundamento [...] a decisão de fazer um mestrado, porque eu queria eu

necessitava ter o título. [...] As decisões que eu tomei...as minhas decisões hoje elas são...eu faço o que me dá prazer. Eu não tenho amarras, é porque às vezes o colega fica muito voltado para um determinado tema só. [...] Então assim, as minhas escolhas...eu sou um afortunado, porque eu faço aquilo que eu gosto. Quantas pessoas podem...e tô me referindo a pesquisa, tá, não tô me referindo a ensino e tal. [...] Agora pesquisa eu não tenho essa amarra. E aí, cara, eu vou ser feliz. E aí, às vezes, eu acabo escolhendo fazer um monte de coisa e tal e fico super sobrecarregado (E5).

Quanto aos temas de dedicação durante as fases de formação quanto atualmente foram citados temas próprios da grande área de formação cursada ou temas correlatos; os temas nos quais lecionam, sejam estes ligados diretamente a área de pesquisa ou com alguma interface via grande área e/ou temática em outros. Os temas de interesse são variados entre os professores-pesquisadores entrevistados e ao longo do tempo foram adequando-se a partir: do contato com outros professores parceiros de pesquisa; contexto institucional dos cursos e demandas departamentais; e linhas de pesquisa de programas nos quais estão ou estavam inseridos:

[...] Eu estudei Epistemologia da Economia e fiz uma pesquisa também na área de trabalho e gênero com uma professora que era dessa área, inclusive, a minha monografia foi exatamente sobre a reestruturação produtiva dos anos 90, efeitos que se tinha na empregabilidade; no mestrado eu fiz um trabalho sobre isso, o trabalho no setor de serviços, foi uma extensão da iniciação científica, e no doutorado eu já mudei pra área de Macroeconomia, fiz uma tese sobre crises cambiais e recuperação econômica comparando a recuperação econômica da América Latina com os Tigres Asiáticos, foi o trabalho super bacana, [...] muito pela área que eu adoro a área de macroeconomia, mas também pelo meu professor orientador que era uma área de interesse dele então a gente acabou conciliando essas duas coisas. Agora, como professor eu comecei com Economia do Turismo que eu ainda trabalho, mas pesquiso com menos intensidade do que no início, depois eu criei o observatório do turismo e em 2016 eu formei uma parceria logo depois que criamos o mestrado com o Glauber e com a Verônica, a gente criou um grupo de pesquisa de estudos de Economia comportamental que é uma área que eu tenho me debruçado atualmente, mas já orientei sobre impacto econômico, sobre políticas públicas, economia comportamental e sustentabilidade, como te falei, acabou que fui me deslocando nos interesses também de acordo com as parcerias, não adianta você ficar numa área isolada, entendeu, pesquisando sem ter interlocução, então eu tô buscando essas interlocuções para que eu pudesse desenvolver trabalhos em conjunto, foi mais uma coisa mais dinâmica assim, agora por exemplo estou escrevendo um *paper* com André Perinotto sobre Observatórios de Turismo, que é uma área que eu conheço bastante por ser coordenador (E7).

[...] Com relação aos meus temas de interesse tinha viagens eu gostava muito de conhecer outros lugares, sempre gostei de comida, então já desde o começo passou pela minha cabeça até fazer Gastronomia, mas passou muito de longe, nem considerei de fato [...] e tinha interesse em Hotelaria, achava uma área interessante, gostava de eventos, inclusive eu já tinha feito um curso antes de

entrar na graduação, eu tinha feito um curso de organização de eventos do Senac, esses profissionalizantes e tudo, mas também fiquei ali, né, não me aprofundei muito e no fim eu fiz as disciplinas não me pegou de fato (E8).

Os temas de interesse no tempo da graduação era o Enoturismo, Turismo do vinho, porque eu trabalhava diretamente com isso, e a Gastronomia, também, não tem como trabalhar com vinho sem pensar na gastronomia [...]. No mestrado a mesma coisa, eu me preocupava muito daí, claro, com o olhar um pouco mais ampliado sobre isso e comecei a preocupar bastante com a geografia e a paisagem enfim, geografia do vinho, geografia da paisagem também, além do Enoturismo. Aí, claro, com essa influência dessas preocupações acabei indo pra Geografia no doutorado, onde trabalhei, então, com regionalização do turismo, política pública, a ideia de território muito forte, paisagem, patrimônio do vinho. [...] No pós-doutorado eu fui pro campo da hospitalidade, da comensalidade e eu estudei o movimento slow food no Brasil. Mas também ligado ao universo de A&B, vamos chamar assim (E6).

Sobre os temas de interesse não tinha algo pré-definido, não, entendeu. Eu ia tendo experiência. Só tinha uma coisa que eu não curtia que era hotelaria. Era o único tema que não me atraía, sabe, fora isso todos os outros temas entrariam. [...] Sobre os temas eram transportes, planejamento e marketing (E5).

E meus temas de interesse há muito tempo atrás eu gostava muito do Turismo pedagógico e da parte do Geoturismo, [...] eu gosto muito de discutir, trabalhar a questão da tecnologia de inovação [...], mas especialmente os processos midiáticos, tá? [...] Mas o meu tema de paixão mesmo, de fato, que eu falo pra você eu perco às vezes horas lendo é o de fotografia [...]. Mas um tema que eu tenho agora me atido são os Observatórios de turismo [...] e o turismo em geral, em termos de produto, o que tem de produto no turismo eu gosto de estudar, tá. E como te falei, o pré-viagem e o pós-viagem também são temas de interesse pra mim (E3).

Então no mestrado eu trabalhei com reputação, trabalhei com satisfação, com atratividade turística, né. Depois acabei abandonando um pouco esse tema e hoje em dia meu tema do coração é experiência, e aí fui trabalhar como professora já com Marketing de Experiência, hoje em dia eu sou professora de Tópicos Avançados, então tudo se encaixou muito bem, sabe. Até onde eu dou aula, eu dou aula dos temas que eu mais gosto e que eu mais estudei, né, dentro do marketing que envolve inclusive o Marketing Turístico (E2).

Quanto aos temas, na graduação ficou o tema do intercâmbio pelo contexto que eu tinha vivenciado. Nas pós-graduações, exceto no pós-doutorado, ficou na área ambiental. No programa que eu estou, que é o PPGA, a linha dele é Gestão Social e Ambiental, então as pesquisas todas são voltadas para o Ambiental. E aí, [...] como eu estou fazendo o “pós-doc” em Enoturismo, criação de um modelo pra aplicação nas vinícolas, eu estou trabalhando isso também com os meus alunos, mas já direcionando para a área ambiental (E1).

Então sempre estava envolvida com Eventos, Gastronomia, Alimentos e Bebidas, Planejamento, às vezes Hotelaria também era uma área que eu gostava, tanto que fiz um estágio depois trabalhei um pouco né como freelancer, então nesse sentido, a área do Enoturismo sempre ficou em todas, né, em todas as formações, eu tive como tema de pesquisa e aí estudando em diferentes aspectos, então na graduação foi uma pesquisa mais superficial

sobre o Enoturismo como produto turístico, no mestrado eu analisei a importância da paisagem num destino de Enoturismo, até mesmo a atratividade daquela paisagem, e no doutorado eu pesquisei já as empresas, as vinícolas, a forma como elas desenvolvem o turismo no seu negócio, então aí focado mais em aspectos da gestão e com um olhar mais quantitativo [...]. Hoje as principais áreas que eu pesquiso continuam sendo essas envolvendo então o Planejamento, a Gestão, Alimentos e Bebidas, Enoturismo sobretudo, Turismo Gastronômico, Turismo cultural, né, porque tá ligado com a Gastronomia, mas o Turismo gastronômico, e Eventos também [...] (E9).

Bom, sempre interessei por questões mais objetivas, mais de gestão, mais de fazer coisas, mais de resolver problemas, muito de computador, muito de matemática, sempre me preocupando com o outro, sempre trabalhos assim relativamente altruístas de querer melhorar o mundo, de querer melhorar a vida da sociedade, dos outros, né, mas sempre com essa linha um pouco mais objetiva, de gestão, de resolver problemas e tal (E11).

[...] Esse tema do transporte sempre teve presente, no TCC também, sempre teve, meu TCC foi de transportes urbanos, eu continuo trabalhando com transportes basicamente na área de aviação que é lá a minha paixão original do mestrado que eu falei para você dos aeroportos, e ao mesmo tempo eu também abri para temáticas de transporte aéreo que não são do turismo e também para temáticas no turismo que não são sobre transportes [...] enfim, aí tiveram vários outros trabalhos que foram o que basicamente implementar métodos científicos em contextos relacionados a temas que eu não sou especialista, mas que eu pude ajudar os alunos [...] (E12).

Eu sempre gostava de Administração, sempre gostei de gestão, desde a faculdade, sabe, eu gostava muito das coisas também técnicas, gostava das específicas de Hotelaria, mas gostava de Administração, achava mais objetivo, achava que pra mim eu conseguia ter controle assim, essas coisas, aí eu gostava de Administração. [...] continuei gostando de Administração, mas aí eu já afunilei, já tinha mais consciência, e eu estudava Marketing, e eu adorava Estratégia, mas eu me dediquei mais assim ao Comportamento do consumidor e Marketing de serviços, que foram as áreas assim que eu fiz, enfim, eu cursei mais disciplinas e tal, e no mestrado eu me encantei com metodologia, até hoje eu sou apaixonada pelas questões metodológicas, epistemologias, ontologias, adoro. E no meu mestrado e doutorado... bom, aí no doutorado eu já comecei a querer ir mais para Alimentação assim [...] Temas que eu gostava, aí eu comecei a estudar muito o que eu queria e eu fui pra Teoria da complexidade, autenticidade e turismo cacauero e chocolateiro assim. O meu doutorado me representa muito a pesquisa, é uma coisa que eu decidi [...]. Os temas têm cada vez mais amadurecido assim quais são as áreas, eu acredito muito em seguir estudando o Turismo cacauero, chocolateiro, enfim, Gestão de Alimentos e Bebidas, Gestão de empreendimentos de alimentos e bebidas, e eu gosto muito de Marketing e serviços, mas também de Marketing de destinos turísticos, quero continuar estudando isso e alguns temas que têm surgido pra mim é pelos meus alunos, pelos meus orientados são as questões de gênero e as questões de raça [...], gênero na Academia. Então esses são temas transversais assim, mas que tem entrado na minha vida (E13).

Nesta seção pode-se inferir a performatividade em termos de práticas que compõem as rotinas de docência, pesquisa e gestão na função que ocupam enquanto professores-pesquisadores. As atividades foram associadas em parte as exigências prescritivas dos vínculos de trabalho, mas sobretudo a lógica do campo científico que privilegia a publicação especializada de impacto para a obtenção de incentivos e disputa de recursos.

No que tange aos temas de interesse, pode-se inferir a ação empreendedora do grupo de professores-pesquisadores entrevistados por inserirem e inaugurarem linhas de pesquisa ainda não exploradas no campo, criando e recriando possibilidades para as novas gerações de pesquisadores da área, com maior grau de intencionalidade.

A partir da narrativa de suas histórias pessoais/profissionais e do entrelaçamento com a construção do campo, pode-se observar que há uma maior capacidade de agência a partir da formação em nível de doutorado, a partir do qual desenvolveram temas mais inovadores e, ao mesmo tempo, reforçaram sua legitimidade para moldar o campo acadêmico do turismo no Brasil.

4.6 SÍNTESE TEÓRICO-ANALÍTICA

Buscando traçar uma linha condutora da narrativa que se construiu ao longo do processo das entrevistas e a interpretação teórica-empírica dos dados coletados, pode-se entender que o grupo de entrevistados têm como padrão o compartilhamento de condições materiais e simbólicas que deram suporte às decisões tomadas que antecederam a opção por cursar uma faculdade.

Na transição para a faculdade, percebe-se a socialização - tida como cognição estruturada-, principalmente em instituições públicas, onde são assimiladas práticas e discursos próprios do ambiente universitário que incidem em seus repertórios individuais e coletivos. O contexto favorece a formação de um perfil de atuação profissional, pois coincide com a oferta de políticas e ações universitárias que incentivam o desenvolvimento de professores-pesquisadores.

No contexto da pós-graduação, especialmente a partir do doutorado, adquirem maior capacidade de agência e incidência no campo, enquanto empreendedores institucionais, inserindo novos temas e inovando em abordagens. Contribui, também, estarem inseridos no campo por meio de redes estabelecidas entre professores e pesquisadores.

Já na atuação enquanto profissionais, passam a adotar a busca por legitimidade (se posicionam como especialistas quando havia carência de estudos) do turismo, seja como ciência

ou como fenômeno, pois reforçam e inovam os arranjos típicos da organização científica, como associações, revistas científicas, eventos científicos, regulando ou modificando as práticas existentes pela busca de permanência e reinvenção.

Quadro 9 - Relação entre a história de vida dos professores-pesquisadores e o empreendedorismo institucional do campo acadêmico do Turismo no Brasil

FASES DA HISTÓRIA DE VIDA	PRINCIPAIS CATEGORIAS DE ANÁLISE	SÍNTESE TEÓRICO-ANALÍTICA (ACHADOS)
Primeiros anos de vida até a finalização da educação básica	<ul style="list-style-type: none"> ● apoio e influência familiar ● viagens ● inglês ● esportes ● arte, cultura e lazer ● leitura ● educação formal ● ciências humanas e sociais ● intercâmbio 	Forneceu elementos que incidiram nas escolhas e percursos formativos futuros por meio do isomorfismo institucional em âmbito individual, do tipo mimético. Isto porque pode ser observada uma reprodução de perfis de carreira ou atividades profissionais (re)conhecidas no meio familiar ou comunitário, bem como a reprodução de suas práticas, hábitos e valores.
Trajetória universitária e profissional	<ul style="list-style-type: none"> ● mobilidade internacional ● empresa júnior ● monitoria ● iniciação científica ● estágios setores diversos ● TCC ● conselhos de docentes ● programas de tutoria ● eventos acadêmicos ● trabalhos de campo ● consultorias ● demanda por docentes ● concursos ● salários ● multidisciplinaridade do turismo ● demanda por literatura especializada e professores ● temas inovadores de pesquisa e especialidades 	Influência das instituições de ensino superior que ofertam tais atividades, especialmente as instituições universitárias públicas, induzindo a práticas padronizadas por meio das políticas curriculares e demais estruturas formais de ensino e pesquisa as quais tiveram acesso.
Atuação profissional e carreira acadêmica atualmente	<ul style="list-style-type: none"> ● redes, parcerias e eventos nacionais e internacionais ● avanço teórico e metodológico da produção científica ● produtividade ● articulação coletiva 	Reflexividade: está presente nas avaliações do avançar do processo permanente de (re)institucionalização no qual o campo se encontra, considerando a configuração que os levou até o presente momento tanto no

	<ul style="list-style-type: none"> ● qualificação docente ● internacionalização ● autonomia na atividade de pesquisa ● revistas científicas ● mestrado e doutorado ● relação/aprendizagem com os pares e de cooperação ● legado de afeto/contribuição para os estudantes, produção científica, abordagens inovadoras nas linhas de pesquisa 	<p>nível micro (individual), quanto no nível meso (institucional).</p> <p>Habilidades sociais, políticas e culturais: acionadas para a incidência no campo a partir e como consequência de suas atuações em conjunto (interação social). Relacionamentos no âmbito profissional e com os pares para que fossem inseridos e adquirissem maior legitimidade em suas interpretações e propostas para o campo; articulação social.</p> <p>Performatividade: nas de práticas que compõem as rotinas de docência, pesquisa e gestão na função que ocupam enquanto professores-pesquisadores. Inovação: por inserirem e inaugurarem linhas de pesquisa ainda não exploradas no campo, criando e recriando possibilidades para as novas gerações de pesquisadores da área; promovendo a produção e difusão científica especializada e a qualidade/abordagem no ensino.</p>
--	--	--

Fonte: elaboração própria (2022).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de seus objetivos, a pesquisa se propôs a realizar a identificação dos agentes individuais estratégicos que incidem sobre o campo acadêmico do Turismo no Brasil de maneira reconhecida entre os pares acadêmicos. Dessa forma, o perfil identificado a partir do relato de suas histórias de vida foram: indivíduos pertencentes a estratos sociais que compartilham de condições materiais e simbólicas que vieram a dar suporte às decisões tomadas previamente a opção por cursar uma faculdade, especialmente em Turismo. Nesse sentido, o apoio familiar em diversos âmbitos, o investimento em educação, as regiões e as instituições de formação privilegiadas (especialmente, no Sudeste) são fatores objetivos que contribuem para o desenvolvimento de suas carreiras.

Além disso, propôs estabelecer o entrelaçamento entre a história pessoal e institucional, a partir de suas trajetórias, especialmente, a profissional. Dessa forma, elas se entrelaçam permeadas por motivações múltiplas, que se orientaram pelas interações: i. no interior do campo acadêmico, em função do crescimento da demanda por docentes na área de Turismo em instituições públicas com empregos estáveis, a carência de especialistas e de materiais didáticos

(livros); ii. no interior da instituição de ensino superior, em função de políticas de incentivo ao ensino, pesquisa, extensão e internacionalização acessadas, bem como as normas prescritas para ocupação dos cargos profissionais; iii. na convivência com pares, em função de uma aprendizagem tácita e mimética sobre a prática docente e de pesquisa; iv. no contexto familiar e comunitário, em função da referência de suas práticas sociais para as trajetórias e preferências individuais, ou ainda, diante da incerteza, a sobreposição delas para seguir um padrão de conduta modelo que de alguma forma tivesse uma camada de maior legitimidade ou prestígio.

Por fim, propôs a analisar organizacional e institucionalmente como a teia de contribuições, papéis e realizações individuais se entrelaçam com as contribuições e realizações institucionais do campo. São mais evidentes nas habilidades sociais, políticas e culturais dos empreendedores institucionais, acionadas para a incidência no campo a partir e como consequência de suas atuações em conjunto (interação social). O fenômeno da internacionalização de suas carreiras e formação de redes emerge como atividade importante na exposição a novas lógicas institucionais e ao incremento de inovações no contato com novos atores, temas, abordagens e atividades.

As contribuições da pesquisa envolvem a complementação de agenda de pesquisa que auxilia no entendimento da construção social da Academia de Turismo, suas práticas e contextos. Especificamente, neste recorte, a proposta interpretativa que atende o objetivo geral da pesquisa é de que seus agentes contemporâneos são mais inovadores do que outras gerações, pois podem ser observadas em suas condutas profissionais tendências que se somam, no sentido de promoverem: maior reflexividade sobre o campo, podendo avaliar os acontecimentos pregressos e projetar novas ações; suas habilidades sociais, políticas e culturais na incidência sobre a organização social do campo acadêmico e na articulação social que o estrutura; bem como a performatividade destes agentes no que tange o volume da produção científica, incremento metodológico e pedagógico em suas rotinas profissionais, configurando-os como empreendedores institucionais.

As limitações da pesquisa envolvem o andamento simultâneo da agenda de pesquisa com as gerações anteriores a esta estudada, de maneira a impactar a possibilidade de análise longitudinal que pudesse fortalecer o entendimento e uso do conceito de "processo institucional" na análise que se propõe do fenômeno, a partir da Teoria Institucional. Além disso, em função do volume de dados coletados, é possível incrementar o aporte teórico a fim de dar foco a inúmeras questões que emergem dos dados qualitativos das entrevistas.

Dessa forma, conforme a agenda de pesquisa se perfaz e avança, é possível sugerir como estudos futuros a comparação entre a atuação profissional, carreira acadêmica e história de vida

de outros pesquisadores de gerações anteriores aos da presente pesquisa, bem como ainda acompanhar o desenrolar das gerações que estão se formando atualmente, compondo a história social do campo acadêmico do Turismo no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Graziela Mota Antunes; BORGES, Rafael Jefferson; AMÂNCIO-VIEIRA, Saulo Fabiano. Processo de institucionalização da pesquisa com pinhão-manso: um estudo na Embrapa-DF/Process of institutionalization of jatropa research: a study at Embrapa- DF. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo-ReAT**, v. 10, n. 5, p. 1245-1266, 2017.
- ANSARAH, M. G. dos REIS. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria**: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARATTER, Marystela Assis; FERREIRA, Jane Mendes; COSTA, Mayla Cristina. Empreendedorismo institucional: características da ação intencional. **Perspectivas Contemporâneas**, 2010.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BRYMAN, Alan. **Social research methods**. Oxford university press, 2016.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto editora, 1994.
- CALDAS, Miguel P.; FACHIN, Roberto. Paradigma funcionalista: desenvolvimento de teorias e institucionalismo nos anos 1980 e 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 45, p. 46-51, 2005.
- CARRIERI, A. de P.; SARAIVA, L. A. S.; PIMENTEL, T. D. A Institucionalização da Feira Hippie de Belo Horizonte. O&S. **Organizações & Sociedade**, v. 15, p. 63-79, 2008.
- CELLARD, André et al. A análise documental. POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, v. 295, p. 2010-2013, 2008.
- CINTRA, Renato Fabiano; AMÂNCIO-VIEIRA, Saulo Fabiano; COSTA, Benny Kramer. Stakeholder theory e institucionalismo sociológico: complementações para análise do Turismo local. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 6, n. 1, p. 165-186, 2016.
- DA SILVA, Cleber Gomes. Impactos de programas nacionais de turismo sobre as instituições e organizações turísticas nos municípios do Pará (Brasil). **Turismo e Sociedade**, v. 10, n. 3, 2017.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **The SAGE Handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2005. p. 1-32.
- DIMAGGIO, Paul Joseph; POWELL, Walter W. A gaiola de ferro revisitada: isomorfismo institucional e racionalidade coletiva nos campos organizacionais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 2, p. 74-89, 2005.

DIMAGGIO, P. J. Interest and Agency in Institutional Theory. In: ZUCKER, L. G. (Ed.). **Institutional patterns and organizations: culture and environment**. Cambridge, MA: Ballinger, 1988, p. 03-21.

DOMENICO, Silvia Márcia Russi De. Análise temática. In: **Análise de dados qualitativos em pesquisa: múltiplos usos em Administração**. FGV Editora. Edição do Kindle.

ENDRES, Ana Valéria; MATIAS, Esdras Matheus. A trajetória das políticas de turismo a partir das perspectivas do institucionalismo histórico: o caso da Paraíba. **RITUR- Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 8, n. 1, p. 221-235, 2018.

ENDRES, Ana Valéria; PAKMAN, Elbio Troccoli. A governança das políticas de turismo: o papel dos espaços de participação na perspectiva da análise de redes e da teoria institucional. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, p. 01-18, 2019.

FALASTER, Christian; ZANIN, Luis Miguel; GUERRAZZI, Luiz Antonio. Teoria institucional na pesquisa em turismo: novas oportunidades de uma teoria em evolução. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 11, p. 270-293, 2017.

FERREIRA, Jorge F; GODOY, Arilda S. A questão da análise na história de vida: exemplo ilustrativo no campo da administração. In: **Análise de dados qualitativos em pesquisa: múltiplos usos em Administração**. FGV Editora. Edição do Kindle.

GODOY, Arilda Schmidt; BRUNSTEIN, Janette. Análise de dados nas metodologias qualitativas. In: **Análise de dados qualitativos em pesquisa: múltiplos usos em Administração**. FGV Editora, 2020. Edição do Kindle.

TORREROS, Lucia Gonzalez et al. Airbnb en Ajijic, Jalisco. Una nueva forma de turismo residencial e impulso al desarrollo inmobiliario. Un análisis desde la Nueva Teoría Institucional. **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 18, n. 1, p. 143-158, 2020.

HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary CR. As três versões do neo-institucionalismo. **Lua Nova: revista de cultura e política**, p. 193-223, 2003.

HUGHES, Everett Cherrington. The study of institutions. **Soc. F.**, v. 20, p. 307, 1941.

IMMERGUT, Ellen. O núcleo teórico do novo institucionalismo. **Políticas Públicas**. Brasília: ENAP, v. 1, p. 155-195, 2006.

KALAOUM, Fausi; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Reflexões Teóricas sobre Governança Pública e Governança Turística/Theoretical Reflections on Public Governance and Tourist Governance. **ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade**, v. 13, n. 1, 2021.

LARA, L F. O ensino da administração nos cursos de turismo no Brasil e a formação do turismólogo. **Turismo: Visão e Ação**. v.12, n.3, p. 277 – 298, set-dez-2010.

LEAL, Sérgio Rodrigues. Internacionalização da pesquisa brasileira em turismo. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 17/18, p. 529-539, 2012.

LIMA, Juliana Ribeiro de; REJOWSKI, Mirian. Ensino superior em turismo no Brasil: a produção acadêmica de dissertações e teses (2000-2009). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v.5, n.3, p.406-432, dez.2011.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

LINCOLN, Y. S.; DENZIN, N. K. O sétimo momento: deixando o passado para trás. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 389-406.

MATIAS, Marlene. **Formação Profissional em Turismo no Brasil no Início do Século XXI**. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. et al. **Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005. p.199 – 219.

MAGUIRE, S.; HARDY, C.; LAWRENCE, T. B. Institutional entrepreneurship in emerging fields: HIV/AIDS treatment advocacy in Canada. **Academy of Management Journal**, v. 47, n. 5, p. 657-679, 2004.

OMETTO, Maria Paola; LEMOS, Evelin Lucht. Empreendedorismo institucional, agência e mudança institucional: uma contribuição ao institucionalismo organizacional. **XII Semead-Seminários em Administração**, 2010.

PANOSSO NETTO, A. Filosofia e Epistemologia do Turismo. In PANOSSO NETTO, A.; TRIGO, L. G. G. **Cenários do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Aleph, 2009.

PIMENTEL, M.P.C. **Políticas Públicas de Educação em Turismo na América Latina: um estudo comparado de Argentina, Brasil e México**. Tese. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

PIMENTEL, Thiago Duarte; CARVALHO, Fabíola Cristina Costa de; PIMENTEL, Mariana Pereira Chaves. O processo de institucionalização das estruturas formais de investigação em Turismo (EFIT) no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 13, p. 16-35, 2019.

PIMENTEL, Thiago Duarte; DE PAULA, Sara Conceição. Autodiagnose da formação superior e qualificação profissional em turismo: Pistas para uma (necessária) reorientação? **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 21/22, p. 275-285, 2014.

PIMENTEL, Thiago Duarte; PIMENTEL, Mariana Pereira Chaves; DE CARVALHO, Fabíola Cristina Costa. Sociologia da Educação em Turismo: Uma Análise da Oferta Educacional de Pós-Graduação em Turismo na Argentina, Brasil e México a Partir da Sociologia do Conhecimento. **ROSA DOS VENTOS-Turismo e Hospitalidade**, v. 12, n. 4, 2020.

PIMENTEL, Thiago; CARVALHO, Fabíola; PIMENTEL, Mariana. Mapeamento da oferta educacional e das estruturas formais de pesquisa em turismo no Brasil. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 27/28, p. 1771-1784, 2017.

PLUMMER, K. **Documents of life 2: an invitation to a critical humanism**. London: Sage, 2001.

RIQUEL LIGERO, F. et al. **Environmental pressures in Andalusian golf courses: a factorial analysis**. Cuadernos de Turismo, v. 29, p. 209-289, 2012.

REJOWSKI, Mirian; FERRO, Rafael Cunha; SOGAYAR, Roberta Leme. Pós-graduação em Turismo, Hospitalidade e Lazer no Brasil: da consolidação dos mestrados à emergência dos doutorados. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, 2022.

ROCA, Deodoro. **Manifiesto liminar de la reforma universitaria de 1918**. 1985.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. 2021.

SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ, María Dolores. Institutional context of hotel social responsibility in the Euro-region: a factorial analysis. **Rotur: revista de ocio y turismo**, v. 7, n. 1, p. 106-119, 2014.

SELZNICK, Philip. **Institutionalism "old" and "new"**. Administrative Science quarterly, p. 270-277, 1996.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana; NAKATANI, Marcia Shizue Massukado. O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo: comparações dos dados de 2012-2018. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, p. 83-94, 2020.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. Quatro décadas de ensino superior de turismo no brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. **Turismo-Visão e Ação**, v. 14, n. 1, p. 6-18, 2012.

SCOTT, W.R. **The adolescence of institutional theory**. Administrative Science Quartely, Ithaca, v.32, n.4, 1987.

SOGAYAR, Roberta Leme; REJOWSKI, Mirian. Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. **Turismo-Visão e Ação**, v. 13, n. 3, p. 282-298, 2011.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Viagens e turismo: dos cenários imaginados às realidades disruptivas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, p. 1-13, 2020.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Papyrus Editora, 1998.

WILKE, Erick Pusch; RODRIGUES, Leonel Cezar. Fontes de pressão institucional: reflexões sobre legitimidade na indústria hoteleira brasileira. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 7, n. 2, p. 337-357, 2013.

ZANIN, L. M. et al. Aqueles que Mudam as Regras do Jogo: uma Revisão Sistemática sobre o Empreendedorismo Institucional. **VII Encontro de Estudos em Estratégia 3Es**. Brasília, 2015.

ZUCKER, Lynne G. Institutional theories of organization. **Annual review of sociology**, v. 13, n. 1, p. 443-464, 1987.

ZUCKER, Lynne G. The role of institutionalization in cultural persistence. **American sociological review**, p. 726-743, 1977.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

1. Família e formação inicial:

1.1 Fale sobre como foi sua socialização nos primeiros quinze anos de vida e o aprendizado no seio de sua família (rotina de estudos, orientação dos pais quanto aos estudos, atividades complementares (música, esportes, influência dos pais quanto às escolhas profissionais).

1.2 Quais eram seus interesses (em termos de objetos e áreas de estudo) no ensino médio e como se deu sua escolha por uma carreira de estudos universitários?

2. Universidade e formação profissional:

2.1 Como foi sua trajetória universitária (curso, professores, situações, atividades extracurriculares marcantes e escolhas dentro do curso)?

2.2 Quais atividades profissionais desempenhou (como estagiário ou já como profissional formado) e como isso contribuiu para a definição de um perfil de atuação profissional?

2.3 Quando, como ocorreu e o que motivou (por exemplo: fatores econômicos, sociais e culturais) seu envolvimento (acadêmico ou profissional) com a área de turismo e o que te levou a permanecer nela?

2.4 Quais experiências profissionais você adquiriu na área de turismo e como isso retroalimentou a sua (re)definição de seu perfil profissional (seja no sentido de ir para a área do turismo, caso tenha vindo de outra área; seja no sentido de (re)definir uma área de especialidade e interesse dentro do próprio turismo, caso já estivesse nela)?

2.5 O que foi relevante para suas escolhas de vinculação ao universo profissional do turismo?

3. Atuação profissional e carreira acadêmica no turismo:

3.1 Conte-nos como percebe a evolução histórica do campo acadêmico em turismo, no Brasil, desde 1990 (ou do período em que ingressou nele) até os dias de hoje?

3.2 Quando e como entrou para a área acadêmica do turismo e o que te motivou a isso?

3.3 Quais foram os eventos marcantes da trajetória de formação em nível de pós-graduação e de pesquisa em turismo e como isso influenciou nas escolhas acadêmicas e profissionais relacionadas a sua inserção acadêmica no turismo?

3.4 Quais os fatos e eventos em termos de seus relacionamentos pessoais, afetivos e até profissionais foram importantes para suas escolhas acadêmicas no turismo?

3.5 Descreva como acha que foram os períodos abaixo, segundo sua (1) rotina de trabalho/estudos; (2) temas de interesse e dedicação e (3) decisões mais importantes tomadas em sua carreira durante:

a) seu período de formação universitária;

b) os primeiros 10 anos como pesquisador(a) doutor(a) autônomo(a) na área de turismo e;

c) seu trabalho hoje.

3.6 O que entendia ser a pesquisa em turismo quando se titulou no doutorado? E o que é a pesquisa em turismo para você hoje? Você acha que o turismo é uma ciência (ou “cientificizável”), e por quê?

3.7 Qual o papel enxerga da formação em turismo, em nível de graduação e de pós-graduação? Como opina sobre a pertinência de cursos em um desses dois níveis?

3.8 Qual legado pretende deixar para a área acadêmica do turismo? E como gostaria de ser lembrado quando sair do campo (ex.: se aposentar) pelas futuras gerações?